

JOSÉ LUÍS LANDEIRA

Práticas na Escola

Formação Continuada

**LÍNGUA
PORTUGUESA**

**LIVRO DO
PROFESSOR**

**LIVRO DE FORMAÇÃO
CONTINUADA**

**CAMPO DE SABER:
LÍNGUA PORTUGUESA**

Área do conhecimento:
Linguagens e suas Tecnologias

 **MODERNA**





MODERNA

JOSÉ LUÍS LANDEIRA

Doutor em Educação, na área de concentração – Educação – Opção: Linguagem e Educação, pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Mestre em Letras, na área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Assessor de Educação. Professor das redes pública e privada.

Práticas na Escola

Formação Continuada

LÍNGUA PORTUGUESA

LIVRO DO PROFESSOR

CAMPO DE SABER: LÍNGUA PORTUGUESA

Área do conhecimento: **Linguagens e suas Tecnologias**

1ª edição

São Paulo, 2021



Coordenação geral: Maria do Carmo Fernandes Branco
Edição executiva: Olivia Maria Neto
Edição de texto: Tatiana Pavanelli Valsi, Lygia Roncel
Preparação de texto: Márcio Della Rosa
Revisão técnica: João Pires
Gerência de design e produção gráfica: Everson de Paula
Coordenação de produção: Patricia Costa
Gerência de planejamento editorial: Maria de Lourdes Rodrigues
Coordenação de design e projetos visuais: Marta Cerqueira Leite
Projeto gráfico: Otávio dos Santos, Mayra França
Capa: Otávio dos Santos
Coordenação de arte: Aderson Oliveira
Edição de arte: Mayra França
Editoração eletrônica: Grapho Editoração
Coordenação de revisão: Camila Christi Gazzani
Revisão: Ana Maria Marson, Cecília Kinker, Fausto Barreira, Lilian Xavier, Sirlene Prignolato, Viviane Mendes
Coordenação de pesquisa iconográfica: Sônia Oddi
Pesquisa iconográfica: Angelita Cardoso, Vanessa Trindade
Suporte administrativo editorial: Flávia Bosqueiro
Coordenação de bureau: Rubens M. Rodrigues
Tratamento de imagens: Ademir Baptista, Joel Aparecido, Luiz Carlos Costa, Marina M. Buzzinaro, Vania Aparecida Maia de Oliveira
Pré-impressão: Alexandre Petreca, Everton L. de Oliveira, Marcio H. Kamoto, Vitoria Sousa
Coordenação de produção industrial: Wendell Monteiro
Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Landeira, José Luís
Práticas na escola formação continuada : língua portuguesa : livro do professor / José Luís Landeira.
-- 1. ed. -- São Paulo : Moderna, 2021.
"Campo de saber : língua portuguesa
Área do conhecimento : Linguagens e suas tecnologias"
1. Português (Ensino médio) I. Título.

20-51103

CDD-469.07

Índices para catálogo sistemático:

1. Português : Ensino médio 469.07

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados

EDITORA MODERNA LTDA.

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho

São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904

Vendas e Atendimento: Tel. (0__11) 2602-5510

Fax (0__11) 2790-1501

www.moderna.com.br

2020

Impresso no Brasil



Carta ao professor

Estimado professor,

Sou também professor. Todo novo semestre, quando inicio as aulas de metodologia de ensino no curso de licenciatura em Letras, após apresentar-me, pergunto aos estudantes: “Por que vocês escolheram a licenciatura em Letras? Por que vocês querem ser professores?”.

As respostas são variadas. Há pouco tempo, em uma turma recente, uma estudante me disse que cogitara, inicialmente, fazer engenharia, mas a paixão pelas Letras e o desejo de ser professora venceram. Paixão!

Sim, ser professor exige paixão. Na verdade, como toda profissão. Não sejamos excessivamente idealistas: não somos seres sobrenaturais, somos humanos e, por isso, capazes de desejar muitas coisas, de sonhar amplidões e de construir estratégias. Sim, essa estudante está certíssima. Que bom que ela mantém a sua paixão. As paixões aquecem nossos ideais e nos motivam a agir.

Ser professor é também a minha paixão. Não é a única, confesso. Amo ler um bom livro, conhecer coisas e lugares novos, estar com amigos, abraçar quem eu amo, caminhar pelas ruas sem pressa (odeio estar atrasado), tomar um café, brincar com o meu cachorro... Mas amo também aprender, e de tal modo amo aprender que desejo auxiliar outros a fazê-lo também.

Penso que a estudante da qual me lembrei gostará de ler este livro. Ele tem como objetivo alimentar a paixão de ser professor e analisar novos modos de fazer os estudantes aprender. É claro, tomamos como referência principal a BNCC, e fazemos isso não apenas pelo caráter legal do documento, que deve ser colocado em prática por força de lei, mas, principalmente, porque acreditamos no seu conteúdo e nas suas propostas. O olhar não é submisso, mas dialógico.

A cada proposta da BNCC há a liberdade para a minha autoria como docente. Procurei manter esse espírito nesta obra. Sim, há muitas sugestões e a abordagem é, principalmente, prática. Parte da vivência pessoal e da prática profissional para construir os conceitos. E há, é claro, o respeito a um colega que, como eu, tem a sua história pessoal de ser professor e se manter nessa profissão enfrentando com êxito os seus muitos desafios.

Meu desejo é que este livro seja, então, visto como um amigo com o qual você possa conversar e aprender algo, ao passo que concorda (ou não) com as reflexões que ele propõe e reconhece os seus motivos, a sua lógica e, é claro, a sua paixão.

O autor.



Sumário

INTRODUÇÃO 6

- A caminhada do Novo Ensino Médio 6
- A formação integral e as competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) 7
- As competências gerais docentes segundo a Base Nacional Comum de Formação Continuada (BNC-Formação Continuada) 9
- A integração das habilidades de Língua Portuguesa à área de Linguagens e suas Tecnologias 10

ESTRUTURA DA OBRA 16

ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA QUE EMBASA CADA DIMENSÃO 18

- 1ª dimensão (miniprojeto de vida) – A experiência de existir 18
- 2ª dimensão (problematização do isolamento disciplinar) – Foco no saber disciplinar 18
- 3ª dimensão (problematização da interdisciplinaridade) – Práticas interdisciplinares 19
- 4ª dimensão (mapeamento de novos processos de avaliação) – De olho na avaliação 20

REFLEXÕES, VIVÊNCIAS E PRÁTICAS DESENVOLVIDAS EM CADA TEMA 21

- Tema 1 – Um olhar para as linguagens 21
- Tema 2 – Diálogos poéticos 22
- Tema 3 – Linguagens e interação 24
- Tema 4 – As linguagens e a mudança social 25
- Tema 5 – Rotinas do cotidiano do professor 27
- Tema 6 – Investigação pelas linguagens 29
- Tema 7 – Sua história importa 30
- Tema 8 – Convivência e linguagens 32

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS PARA AMPLIAÇÃO E APROFUNDAMENTO 34

TEMA 1 UM OLHAR PARA AS LINGUAGENS 36

O olhar na construção cotidiana do conhecimento e das relações sociais 36

A experiência de existir: Um olhar que dialoga 38

Foco no saber disciplinar: As múltiplas linguagens em nosso cotidiano 40

Práticas interdisciplinares: As exposições escolares 43

1. Delimitação do tema e critérios de avaliação 43
2. Atividade de imersão em uma exposição de arte 44
3. A curadoria da produção das obras 44
4. Outros aspectos organizativos da mostra 45

Subsídios para o plano de aula Exposição de arte 48
Proposta didática: exposição de arte 49

De olho na avaliação: Avaliação: uma questão de critérios 51

TEMA 2 DIÁLOGOS POÉTICOS 53

Conhecer-se na relação com os outros: alteridade e identidade 53

A experiência de existir: “Mas eu preciso ser Outros” 55

Foco no saber disciplinar: Uma questão de estilo 59
Como trabalhar o texto poético em sala de aula? 63

Práticas interdisciplinares: Antologias em ambiente escolar 64

De olho na avaliação: Avaliação e planejamento – competências e habilidades 67

TEMA 3 LINGUAGENS E INTERAÇÃO 69

Razão e afetividade nos processos interativos 69

A experiência de existir: Avaliar a interação 71

Foco no saber disciplinar: Interação e produção de sentidos 72

Formando leitores de literatura: os estilos de época 76
Sala de aula invertida 78

Práticas interdisciplinares: Fanzines e e-zines em ambiente escolar 80

O autor do texto se dirige a quem? 81

Subsídios para o plano de aula 82
Proposta didática: realização de um e-zine ou fanzine 82

De olho na avaliação: Avaliação e metodologia ativa da sala de aula invertida 86

Avaliação processual ou formativa 88

TEMA 4 AS LINGUAGENS E A MUDANÇA SOCIAL 89

A linguagem e a prática social 89

A experiência de existir: O futuro na cultura de *selfies* 92

O estar na vida 92

Foco no saber disciplinar: Linguagem, argumentação e mudança social 94

Práticas interdisciplinares: Argumentatividade, *radioblog* e mesa-redonda 99

A argumentatividade 100
Mesa-redonda e debates 100

Subsídios para o plano de aula 102

Proposta didática: *radioblog* 102

De olho na avaliação: Avaliação: uma questão de critérios 105

Avaliando a produção textual 105

TEMA 5 ROTINAS DO COTIDIANO DO PROFESSOR 107

Siga a rota... 107

A experiência de existir: Projeto de vida: com os olhos no futuro 110

Foco no saber disciplinar: Rotinas pedagógicas nas aulas de Língua Portuguesa 112

Rotinas para formar leitores 112

Antes da leitura 113

Durante a leitura 113

Após a leitura 114

Subsídios para o plano de aula 115

Proposta didática: uso de estratégias de leitura para a formação do leitor 115

Subsídios para o plano de aula 116

Proposta didática: atividades de leitura artístico-literária 116

Práticas interdisciplinares: Construindo a rotina da interdisciplinaridade 118

Aprendizagem por resolução de problemas 119

Subsídios para o plano de aula 120

Proposta didática: *poetry slam* 120

De olho na avaliação: Avaliação e a metodologia de aprendizagem por resolução de problemas 123

TEMA 6 INVESTIGAÇÃO PELAS LINGUAGENS 124

Criar: dar forma a algo novo 124

A experiência de existir: O valor da dúvida, do questionamento 125

Foco no saber disciplinar: Trabalhando com o discurso científico 127

Presenças científicas no discurso didático-pedagógico 129

Subsídios para o plano de aula 130

Proposta didática: trabalho com metodologia científica: análise documental 130

Práticas interdisciplinares: O arco de Maguerez 132

Subsídios para o plano de aula 134

Proposta didática: prática de pesquisa de levantamento de dados 134

De olho na avaliação: A importância de mobilizar conhecimentos 137

TEMA 7 SUA HISTÓRIA IMPORTA 138

Conte sua história 138

A experiência de existir: Memórias em diálogo 139

Foco no saber disciplinar: A construção do passado e do futuro pelo uso da língua portuguesa 141

Subsídios para o plano de aula 143

Proposta didática: elaboração de artigo de opinião 143

Práticas interdisciplinares: A interdisciplinaridade na metodologia da rotação por estações 145

1ª etapa: Planejamento 145

2ª etapa: Na prática 146

Subsídios para o plano de aula 147

Proposta didática: elaboração de um *vlog* de memórias de pessoas que compõem a coletividade onde se localiza a escola 147

De olho na avaliação: Avaliar antes, durante e depois de uma atividade 153

TEMA 8 CONVIVÊNCIA E LINGUAGENS 155

Caminhando livres 155

Convivência e respeito aos limites 156

A experiência de existir: Construindo caminhos juntos 157

Em defesa das juventudes que educamos 158

Foco no saber disciplinar: O Estatuto da Juventude na aula de Língua Portuguesa 160

Orientação para participação em debates 161

Apresentação de ideias em público 161

Construção do texto oral 163

Construindo *slides* eficientes para a apresentação 165

Subsídios para o plano de aula 167

Proposta didática: apresentação oral formal 167

Práticas interdisciplinares: Práticas colaborativas de produção textual e interdisciplinaridade 168

Acesso às práticas discursivas e culturais 169

Práticas colaborativas de produção textual 170

De olho na avaliação: Avaliação e futuro 173

Análise 360° 173

Portfólio 174

Repensando o futuro da cultura de avaliação 174

COMENTÁRIOS E RESPOSTAS DAS ATIVIDADES 175

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS 191

Introdução

▀ A caminhada do Novo Ensino Médio

Esta obra tem o objetivo de subsidiar os professores de Língua Portuguesa diante da proposta do Novo Ensino Médio: o trabalho com a perspectiva interdisciplinar, a visão de área dada a esse componente curricular e a formação integral do estudante comprometida com processos pedagógicos que atendam aos interesses das juventudes, a seus projetos de vida e às demandas da sociedade contemporânea. O emprego de novas formas de ensinar as especificidades do componente Língua Portuguesa, a necessidade de repensarmos nossas práticas pedagógicas, e, sobretudo, de nos questionar quem somos diante das mudanças que nos desafiam são oportunidades de crescimento pessoal e profissional e de nos tornarmos os protagonistas das transformações educacionais.

Historicamente, o Ensino Médio tem representado um desafio para aqueles que participam na formação escolar das juventudes. O início do século XXI, no Brasil, assistiu a um período de crescimento de matrículas no Ensino Médio, motivado pelos resultados da economia nos anos iniciais relacionados a políticas de acesso a universidades. Lamentavelmente, esse crescimento foi seguido por uma sensível queda nas matrículas e por desistências. Explicar esse desinteresse dos jovens pelo Ensino Médio não é uma tarefa simples. Dividido entre a revisão de tudo o que já foi ensinado no Ensino Fundamental e a preparação para a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e para a carreira universitária, o Ensino Médio tornou-se um período sem uma identidade definida. Além disso, desvinculou-se das aspirações e necessidades reais dos jovens que vivenciam as rápidas transformações nas esferas do trabalho, bem como na construção das identidades. Deixou também de dar a devida importância ao valor e ao impacto das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) nos modos de organização da sociedade. Some-se a isso, como apontam alguns estudiosos, um currículo fragmentado, com excesso de conteúdos, pouco tempo para assimilá-los e com raros momentos de reflexão dos próprios jovens sobre o que aprenderam.

O Ensino Médio é, porém, uma importante etapa escolar que não pode ser vista apenas como preparação para o Enem. Antes, é o momento em que os estudantes, especialmente os jovens, em suas singularidades, devem enfrentar os desafios que definirão boa parte de seu presente e de seu futuro. Por isso, precisam de apoio e atenção para aprenderem a construir expectativas em relação à sua formação, a seu momento atual e a seus projetos de vida.

As peculiaridades do momento de vida em que esses adolescentes e jovens se encontram acarretam também especificidades para o exercício docente. O professor vê-se vinculado ao aprimoramento de habilidades socioemocionais que se articulem não apenas aos conhecimentos específicos de determinado componente curricular, mas ao exercício pleno da cidadania.

As Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio de 2011 (DCNEM/2011) já apontavam para a necessidade de a escola ser o lugar para “o acesso à ciência, à tecnologia, à cultura e ao trabalho”, ainda mais considerando a pluralidade da sociedade brasileira, inclusive as grandes desigualdades sociais. Essa pluralidade revela também a necessidade de a escola acolher as diversidades, garantindo o protagonismo aos jovens estudantes e assegurando-lhes uma formação que lhes possibilite construir seu projeto de vida.

É nesse contexto que o Novo Ensino Médio assume tais problemas como desafios a enfrentar. Acolhimento às juventudes é uma ideia-chave nesse processo de traduzir intenções em práticas no Ensino Médio, como destaca a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Com isso, é importante também o investimento na formação integral e na construção e viabilização dos projetos de vida dessas juventudes.

O que significa “acolher as juventudes”? Não se trata de uma atitude paternalista que desgaste a própria dimensão profissional do professor. Trata-se de uma atitude cultivada por todos os profissionais envolvidos na educação das juventudes que favoreça a atribuição de sentido às aprendizagens, de

forma contextualizada, garantindo o protagonismo dos estudantes e valorizando os interesses e os papéis sociais deles. Significa também garantir a possibilidade de os jovens refletirem sobre as suas experiências e aprendizagens individuais e coletivas. Nesse sentido, é importante promover aprendizagens colaborativas que estimulem o jovem a desenvolver a capacidade de trabalhar em equipe, de aprender com o outro e de desenvolver atitudes cooperativas e propositivas, responsabilizando-se pelo cuidado com a comunidade, o mundo do trabalho e a sociedade em geral.

Não há dúvida de que seja importante, no Ensino Médio, “garantir a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental”, como nos lembra a própria BNCC. Também é importante que os jovens desenvolvam as ferramentas necessárias para que possam, conforme desejarem, prosseguir em seus estudos. Mas, além disso, o Ensino Médio deve voltar-se, como apontamos, para as indispensáveis necessidades do exercício da cidadania e das identidades juvenis em seus variados contextos sociais. Nesse sentido, é importante valorizar e desenvolver o protagonismo juvenil, a fim de que as aprendizagens construídas possibilitem a esses jovens experimentar e fazer escolhas que visem à construção de seus projetos de vida. Exatamente por isso, o Novo Ensino Médio tem o objetivo de oferecer aos estudantes a escolha de percursos formativos diferenciados, que lhes permitam maior proximidade com os seus desejos e projetos para o futuro.

As mudanças implantadas na Educação Básica brasileira, como a aprovação da BNCC, visam atender a essas demandas, mas trazem à tona o debate sobre a formação continuada de professores, um campo marcado por tensões e compreensões subjetivas. A formação deve considerar o profissional da educação como um indivíduo com características psicossociais, história familiar e cultural, trajetória formal e acadêmica, que constituem sua identidade pessoal e profissional. Para que o processo de formação profissional faça sentido, é necessário considerar o significado que o professor atribui à sua experiência formativa, aos referenciais culturais e aos valores sociais que o constituem.

Esta obra propõe uma caminhada por oito diferentes temas inter-relacionados, que buscam auxiliá-lo a refletir sobre si, sobre seus sonhos e sobre a força de agir em equipe, a fim de desenvolver ações educativas para uma aprendizagem significativa dos estudantes.

Optamos por uma abordagem dinâmica, próxima ao estilo do livro didático, gênero com o qual o educador está familiarizado, e voltado especificamente para a realidade do professor de Língua Portuguesa. A obra respeita o conhecimento do profissional, considerando a multiplicidade de formações próprias de um país com dimensões continentais e grande diversidade sociocultural.

O ponto de partida é a observação da realidade, em suas variadas facetas, da ação cotidiana do professor, que busca sua realização pessoal e profissional. Reconhecemos que mudanças não são algo fácil, ainda mais quando elas resultam de um movimento externo e envolvem a compreensão do que se pretende mudar e de que maneira isso pode ser feito. Contudo, sabemos que é uma caminhada que se destina a uma transformação histórica na realidade brasileira. Este livro busca ser uma importante contribuição para renovar o olhar e fortalecer os passos no destino que desejamos atingir.

A formação integral e as competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018), que define as aprendizagens essenciais a serem garantidas aos estudantes das escolas públicas e particulares do Brasil na Educação Básica, tem como objetivo contribuir para a formação integral de todos os estudantes e para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

A BNCC organiza-se com base em dez competências gerais que devem ser desenvolvidas pelos estudantes ao longo de todos os anos da Educação Básica e, por isso, estão presentes em todas as áreas do conhecimento.

No Ensino Médio, a área de Linguagens e suas Tecnologias, conforme orienta a BNCC, objetiva consolidar e ampliar as aprendizagens previstas nas competências do Ensino Fundamental nos componentes Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa (observada a garantia dos direitos linguísticos aos diferentes povos e grupos sociais brasileiros). Essas competências gerais

desdobram-se em competências específicas e habilidades que possibilitam aos estudantes articular conhecimentos desses componentes ao desenvolvimento de habilidades socioemocionais, em situações de aprendizagem significativas e relevantes.

Assim, esta obra procura estabelecer um diálogo constante com as competências gerais e específicas da área de Linguagens e suas Tecnologias. O propósito é a compreensão prática dessas competências e das estratégias didáticas e metodológicas que possibilitem desenvolvê-las no cotidiano. Observe, a seguir, as dez competências gerais trabalhadas nos temas desta obra.

Competências gerais da BNCC	Onde estão contempladas
1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.	Tema 1: páginas 36 a 39. Tema 2: páginas 55 a 58. Tema 8: páginas 155 a 159; 160 a 167.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.	Tema 1: páginas 37 a 39; 41; 44 a 47; 48 a 50; 51 e 52. Tema 3: páginas 78 a 88. Tema 6: páginas 127 a 131; 132 a 136.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.	Tema 1: páginas 36 e 37; 40 a 46; 49 e 50. Tema 2: páginas 53 a 58; 63 a 66. Tema 3: páginas 60 e 70; 72 a 75; 80 a 85. Tema 5: páginas 118 a 122.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.	Tema 1: páginas 40 a 42; 43 a 50. Tema 2: páginas 53 a 56; 63; 63 a 66. Tema 8: páginas 160 a 167; 170 a 172.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.	Tema 1: páginas 41 e 42; 48 a 50. Tema 2: páginas 53 e 54. Tema 4: páginas 92; 99 a 104. Tema 5: páginas 107 a 109; 115 a 117; 120 a 122.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.	Tema 3: páginas 71; 72 a 74; 78 a 79; 82 a 85. Tema 5: páginas 110 e 111; 112 a 114; 118 a 120.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.	Tema 1: página 50. Tema 4: páginas 94 a 98; 99 a 102. Tema 7: páginas 143 e 144; 145. Tema 8: páginas 155 a 159; 160 a 164; 167.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.	Tema 4: páginas 92 e 93. Tema 5: páginas 110 e 111. Tema 6: páginas 124 a 126. Tema 7: páginas 138 a 141.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.	Tema 1: páginas 36 a 39. Tema 2: páginas 55 a 58. Tema 8: páginas 155 a 159.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.	Tema 4: páginas 92; 99 a 104. Tema 5: páginas 110 e 111. Tema 6: páginas 125 e 126; 137. Tema 7: páginas 145 a 151. Tema 8: páginas 168 a 172.

As competências gerais docentes segundo a Base Nacional Comum de Formação Continuada (BNC-Formação Continuada)

Para que os objetivos estabelecidos na Base Nacional Comum Curricular sejam concretizados, também é necessário pensar em políticas educacionais e ações comprometidas não só com o desenvolvimento dos estudantes, mas com a formação continuada de professores, com a valorização dos conhecimentos desses profissionais, o incentivo à investigação, ao trabalho em equipe e a novas formas de ensinar.

Nesse sentido, a homologação da Resolução CNE/CP nº 1, de 27 de outubro de 2020, que dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Continuada de Professores, estabeleceu a Base Nacional Comum para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica (BNC-Formação Continuada), que tem como referência a BNCC e que deve ser implementada em todos os cursos e programas de formação continuada de professores da Educação Básica. Segundo a resolução, “[...] considerando que é exigido do professor sólido conhecimento dos saberes constituídos, das metodologias de ensino, dos processos de aprendizagem e da produção cultural local e global”, espera-se que essas ações de formação propiciem aos docentes o desenvolvimento das seguintes competências gerais, que se assemelham às competências a serem desenvolvidas também pelos estudantes:

BNC-Formação Continuada – Competências gerais docentes

1. Compreender e utilizar os conhecimentos historicamente construídos para poder ensinar a realidade com engajamento na aprendizagem do estudante e na sua própria aprendizagem, colaborando para a construção de uma sociedade livre, justa, democrática e inclusiva.
2. Pesquisar, investigar, refletir, realizar análise crítica, usar a criatividade e buscar soluções tecnológicas para selecionar, organizar e planejar práticas pedagógicas desafiadoras, coerentes e significativas.
3. Valorizar e incentivar as diversas manifestações artísticas e culturais, tanto locais quanto mundiais, e a participação em práticas diversificadas da produção artístico-cultural para que o estudante possa ampliar seu repertório cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal, corporal, visual, sonora e digital – para se expressar e fazer com que o estudante amplie seu modelo de expressão ao partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos, produzindo sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas docentes, como recurso pedagógico e como ferramenta de formação, para comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e potencializar as aprendizagens.
6. Valorizar a formação permanente para o exercício profissional, buscar atualização na sua área e afins, apropriar-se de novos conhecimentos e experiências que lhe possibilitem aperfeiçoamento profissional e eficácia e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania, ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Desenvolver argumentos com base em fatos, dados e informações científicas para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns, que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental, o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana, reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com estas, desenvolver o autoconhecimento e o autocuidado nos estudantes.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza, para promover ambiente colaborativo nos locais de aprendizagem.
10. Agir e incentivar, pessoal e coletivamente, com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência, a abertura a diferentes opiniões e concepções pedagógicas, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários, para que o ambiente de aprendizagem possa refletir esses valores.

Espera-se que essas oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional dos docentes se traduzam também em uma forma de valorização da carreira e que atendam às reais necessidades do contexto da educação no Brasil.

/// A integração das habilidades de Língua Portuguesa à área de Linguagens e suas Tecnologias

Como sabemos, a linguagem é um fenômeno social e cultural, e, como a sociedade é dinâmica, surgem a todo momento novos tipos de interação e de discursos em diversas linguagens. O componente Língua Portuguesa, que por muitos anos ficou restrito principalmente ao ensino da modalidade escrita nas escolas, com a implantação da BNCC passou a integrar a área de Linguagens e suas Tecnologias, assumindo uma visão mais ampla das linguagens e das práticas contemporâneas, sem, no entanto, retirar a centralidade do desenvolvimento da língua escrita. Por isso, além das habilidades próprias do componente curricular Língua Portuguesa, espera-se que os estudantes desenvolvam competências gerais, específicas e habilidades da área de Linguagens e suas Tecnologias. Portanto, o ensino de língua portuguesa assumiu um olhar interdisciplinar.

Para que a abordagem seja integrada a outras linguagens, a BNCC estabeleceu uma correspondência de habilidades de Língua Portuguesa com algumas competências específicas com as quais têm mais afinidade.

Ao longo desta obra, na abordagem dos temas, há muitas oportunidades de trabalho com as competências gerais e específicas de Linguagens e suas Tecnologias aliadas às habilidades específicas de Língua Portuguesa.

Sempre que forem mencionados os códigos das habilidades específicas em atividades ou exposição de conceitos ao longo dos temas, você poderá consultar a lista de habilidades específicas a seguir.

Habilidades específicas de Língua Portuguesa

(EM13LP01) Relacionar o texto, tanto na produção como na leitura/escuta, com suas condições de produção e seu contexto sócio-histórico de circulação (leitor/audiência previstos, objetivos, pontos de vista e perspectivas, papel social do autor, época, gênero do discurso etc.), de forma a ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de análise crítica e produzir textos adequados a diferentes situações.

(EM13LP02) Estabelecer relações entre as partes do texto, tanto na produção como na leitura/escuta, considerando a construção composicional e o estilo do gênero, usando/reconhecendo adequadamente elementos e recursos coesivos diversos que contribuam para a coerência, a continuidade do texto e sua progressão temática, e organizando informações, tendo em vista as condições de produção e as relações lógico-discursivas envolvidas (causa/efeito ou consequência; tese/argumentos; problema/solução; definição/exemplos etc.).

(EM13LP03) Analisar relações de intertextualidade e interdiscursividade que permitam a explicitação de relações dialógicas, a identificação de posicionamentos ou de perspectivas, a compreensão de paráfrases, paródias e estilizações, entre outras possibilidades.

(EM13LP04) Estabelecer relações de interdiscursividade e intertextualidade para explicitar, sustentar e conferir consistência a posicionamentos e para construir e corroborar explicações e relatos, fazendo uso de citações e paráfrases devidamente marcadas.

(EM13LP05) Analisar, em textos argumentativos, os posicionamentos assumidos, os movimentos argumentativos (sustentação, refutação/contra-argumentação e negociação) e os argumentos utilizados para sustentá-los, para avaliar sua força e eficácia, e posicionar-se criticamente diante da questão discutida e/ou dos argumentos utilizados, recorrendo aos mecanismos linguísticos necessários.

(EM13LP06) Analisar efeitos de sentido decorrentes de usos expressivos da linguagem, da escolha de determinadas palavras ou expressões e da ordenação, combinação e contraposição de palavras, dentre outros, para ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de uso crítico da língua.

(EM13LP07) Analisar, em textos de diferentes gêneros, marcas que expressam a posição do enunciador frente àquilo que é dito: uso de diferentes modalidades (epistêmica, deôntica e apreciativa) e de diferentes recursos gramaticais que operam como modalizadores (verbos modais, tempos e modos verbais, expressões modais, adjetivos, locuções ou orações adjetivas, advérbios, locuções ou orações adverbiais, entonação etc.), uso de estratégias de impessoalização (uso de terceira pessoa e de voz passiva etc.), com vistas ao incremento da compreensão e da criticidade e ao manejo adequado desses elementos nos textos produzidos, considerando os contextos de produção.

(EM13LP08) Analisar elementos e aspectos da sintaxe do português, como a ordem dos constituintes da sentença (e os efeitos que causam sua inversão), a estrutura dos sintagmas, as categorias sintáticas, os processos de coordenação e subordinação (e os efeitos de seus usos) e a sintaxe de concordância e de regência, de modo a potencializar os processos de compreensão e produção de textos e a possibilitar escolhas adequadas à situação comunicativa.

(EM13LP09) Comparar o tratamento dado pela gramática tradicional e pelas gramáticas de uso contemporâneas em relação a diferentes tópicos gramaticais, de forma a perceber as diferenças de abordagem e o fenômeno da variação linguística e analisar motivações que levam ao predomínio do ensino da norma-padrão na escola.

(EM13LP10) Analisar o fenômeno da variação linguística, em seus diferentes níveis (variações fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmática) e em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.), de forma a ampliar a compreensão sobre a natureza viva e dinâmica da língua e sobre o fenômeno da constituição de variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas, e a fundamentar o respeito às variedades linguísticas e o combate a preconceitos linguísticos.

(EM13LP11) Fazer curadoria de informação, tendo em vista diferentes propósitos e projetos discursivos.

(EM13LP12) Selecionar informações, dados e argumentos em fontes confiáveis, impressas e digitais, e utilizá-los de forma referenciada, para que o texto a ser produzido tenha um nível de aprofundamento adequado (para além do senso comum) e contemple a sustentação das posições defendidas.

(EM13LP13) Analisar, a partir de referências contextuais, estéticas e culturais, efeitos de sentido decorrentes de escolhas de elementos sonoros (volume, timbre, intensidade, pausas, ritmo, efeitos sonoros, sincronização etc.) e de suas relações com o verbal, levando-os em conta na produção de áudios, para ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de apreciação.

(EM13LP14) Analisar, a partir de referências contextuais, estéticas e culturais, efeitos de sentido decorrentes de escolhas e composição das imagens (enquadramento, ângulo/vetor, foco/profundidade de campo, iluminação, cor, linhas, formas etc.) e de sua sequenciação (disposição e transição, movimentos de câmera, *remix*, entre outros), das *performances* (movimentos do corpo, gestos, ocupação do espaço cênico), dos elementos sonoros (entonação, trilha sonora, sampleamento etc.) e das relações desses elementos com o verbal, levando em conta esses efeitos nas produções de imagens e vídeos, para ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de apreciação.

(EM13LP15) Planejar, produzir, revisar, editar, reescrever e avaliar textos escritos e multissemióticos, considerando sua adequação às condições de produção do texto, no que diz respeito ao lugar social a ser assumido e à imagem que se pretende passar a respeito de si mesmo, ao leitor pretendido, ao veículo e mídia em que o texto ou produção cultural vai circular, ao contexto imediato e sócio-histórico

mais geral, ao gênero textual em questão e suas regularidades, à variedade linguística apropriada a esse contexto e ao uso do conhecimento dos aspectos notacionais (ortografia-padrão, pontuação adequada, mecanismos de concordância nominal e verbal, regência verbal etc.), sempre que o contexto o exigir.

(EM13LP16) Produzir e analisar textos orais, considerando sua adequação aos contextos de produção, à forma composicional e ao estilo do gênero em questão, à clareza, à progressão temática e à variedade linguística empregada, como também aos elementos relacionados à fala (modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc.) e à cinestesia (postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.).

(EM13LP17) Elaborar roteiros para a produção de vídeos variados (*vlog*, videoclipe, videominuto, documentário etc.), apresentações teatrais, narrativas multimídia e transmídia, *podcasts*, *playlists* comentadas etc., para ampliar as possibilidades de produção de sentidos e engajar-se em práticas autorais e coletivas.

(EM13LP18) Utilizar *softwares* de edição de textos, fotos, vídeos e áudio, além de ferramentas e ambientes colaborativos para criar textos e produções multissemióticas com finalidades diversas, explorando os recursos e efeitos disponíveis e apropriando-se de práticas colaborativas de escrita, de construção coletiva do conhecimento e de desenvolvimento de projetos.

(EM13LP19) Apresentar-se por meio de textos multimodais diversos (perfis variados, *gifs* biográficos, *biodata*, currículo *web*, videocurrículo etc.) e de ferramentas digitais (ferramenta de *gif*, *wiki*, *site* etc.), para falar de si mesmo de formas variadas, considerando diferentes situações e objetivos.

(EM13LP20) Compartilhar gostos, interesses, práticas culturais, temas/problemas/questões que despertam maior interesse ou preocupação, respeitando e valorizando diferenças, como forma de identificar afinidades e interesses comuns, como também de organizar e/ou participar de grupos, clubes, oficinas e afins.

(EM13LP21) Produzir, de forma colaborativa, e socializar *playlists* comentadas de preferências culturais e de entretenimento, revistas culturais, fanzines, *e-zines* ou publicações afins que divulguem, comentem e avaliem músicas, *games*, séries, filmes, quadrinhos, livros, peças, exposições, espetáculos de dança etc., de forma a compartilhar gostos, identificar afinidades, fomentar comunidades etc.

(EM13LP22) Construir e/ou atualizar, de forma colaborativa, registros dinâmicos (mapas, *wiki* etc.) de profissões e ocupações de seu interesse (áreas de atuação, dados sobre formação, fazeres, produções, depoimentos de profissionais etc.) que possibilitem vislumbrar trajetórias pessoais e profissionais.

(EM13LP23) Analisar criticamente o histórico e o discurso político de candidatos, propagandas políticas, políticas públicas, programas e propostas de governo, de forma a participar do debate político e tomar decisões conscientes e fundamentadas.

(EM13LP24) Analisar formas não institucionalizadas de participação social, sobretudo as vinculadas a manifestações artísticas, produções culturais, intervenções urbanas e formas de expressão típica das culturas juvenis que pretendam expor uma problemática ou promover uma reflexão/ação, posicionando-se em relação a essas produções e manifestações.

(EM13LP25) Participar de reuniões na escola (conselho de escola e de classe, grêmios livres etc.), agremiações, coletivos ou movimentos, entre outros, em debates, assembleias, fóruns de discussão etc., exercitando a escuta atenta, respeitando seu turno e tempo de fala, posicionando-se de forma fundamentada, respeitosa e ética diante da apresentação de propostas e defesas de opiniões, usando estratégias linguísticas típicas de negociação e de apoio e/ou de consideração do discurso do outro (como solicitar esclarecimento, detalhamento, fazer referência direta ou retomar a fala do

outro, parafraseando-a para endossá-la, enfatizá-la, complementá-la ou enfraquecê-la), considerando propostas alternativas e reformulando seu posicionamento, quando for caso, com vistas ao entendimento e ao bem comum.

(EM13LP26) Relacionar textos e documentos legais e normativos de âmbito universal, nacional, local ou escolar que envolvam a definição de direitos e deveres – em especial, os voltados a adolescentes e jovens – aos seus contextos de produção, identificando ou inferindo possíveis motivações e finalidades, como forma de ampliar a compreensão desses direitos e deveres.

(EM13LP27) Engajar-se na busca de solução para problemas que envolvam a coletividade, denunciando o desrespeito a direitos, organizando e/ou participando de discussões, campanhas e debates, produzindo textos reivindicatórios, normativos, entre outras possibilidades, como forma de fomentar os princípios democráticos e uma atuação pautada pela ética da responsabilidade, pelo consumo consciente e pela consciência socioambiental.

(EM13LP28) Organizar situações de estudo e utilizar procedimentos e estratégias de leitura adequados aos objetivos e à natureza do conhecimento em questão.

(EM13LP29) Resumir e resenhar textos, por meio do uso de paráfrases, de marcas do discurso reportado e de citações, para uso em textos de divulgação de estudos e pesquisas.

(EM13LP30) Realizar pesquisas de diferentes tipos (bibliográfica, de campo, experimento científico, levantamento de dados etc.), usando fontes abertas e confiáveis, registrando o processo e comunicando os resultados, tendo em vista os objetivos pretendidos e demais elementos do contexto de produção, como forma de compreender como o conhecimento científico é produzido e apropriar-se dos procedimentos e dos gêneros textuais envolvidos na realização de pesquisas.

(EM13LP31) Compreender criticamente textos de divulgação científica orais, escritos e multissemióticos de diferentes áreas do conhecimento, identificando sua organização tópica e a hierarquização das informações, identificando e descartando fontes não confiáveis e problematizando enfoques tendenciosos ou superficiais.

(EM13LP32) Selecionar informações e dados necessários para uma dada pesquisa (sem excedê-los) em diferentes fontes (orais, impressas, digitais etc.) e comparar autonomamente esses conteúdos, levando em conta seus contextos de produção, referências e índices de confiabilidade, e percebendo coincidências, complementaridades, contradições, erros ou imprecisões conceituais e de dados, de forma a compreender e posicionar-se criticamente sobre esses conteúdos e estabelecer recortes precisos.

(EM13LP33) Selecionar, elaborar e utilizar instrumentos de coleta de dados e informações (questionários, enquetes, mapeamentos, opinários) e de tratamento e análise dos conteúdos obtidos, que atendam adequadamente a diferentes objetivos de pesquisa.

(EM13LP34) Produzir textos para a divulgação do conhecimento e de resultados de levantamentos e pesquisas – texto monográfico, ensaio, artigo de divulgação científica, verbete de enciclopédia (colaborativa ou não), infográfico (estático ou animado), relato de experimento, relatório, relatório multimidiático de campo, reportagem científica, *podcast* ou *vlog* científico, apresentações orais, seminários, comunicações em mesas redondas, mapas dinâmicos etc. –, considerando o contexto de produção e utilizando os conhecimentos sobre os gêneros de divulgação científica, de forma a engajar-se em processos significativos de socialização e divulgação do conhecimento.

(EM13LP35) Utilizar adequadamente ferramentas de apoio a apresentações orais, escolhendo e usando tipos e tamanhos de fontes que permitam boa visualização, topicalizando e/ou organizando o conteúdo em itens, inserindo de forma adequada imagens, gráficos, tabelas, formas e elementos gráficos, dimensionando a quantidade de texto e imagem por *slide* e usando, de forma harmônica, recursos (efeitos de transição, *slides* mestres, *layouts* personalizados, gravação de áudios em *slides* etc.).

(EM13LP36) Analisar os interesses que movem o campo jornalístico, os impactos das novas tecnologias digitais de informação e comunicação e da *Web 2.0* no campo e as condições que fazem da informação uma mercadoria e da checagem de informação uma prática (e um serviço) essencial, adotando atitude analítica e crítica diante dos textos jornalísticos.

(EM13LP37) Conhecer e analisar diferentes projetos editoriais – institucionais, privados, públicos, financiados, independentes etc. –, de forma a ampliar o repertório de escolhas possíveis de fontes de informação e opinião, reconhecendo o papel da mídia plural para a consolidação da democracia.

(EM13LP38) Analisar os diferentes graus de parcialidade/imparcialidade (no limite, a não neutralidade) em textos noticiosos, comparando relatos de diferentes fontes e analisando o recorte feito de fatos/dados e os efeitos de sentido provocados pelas escolhas realizadas pelo autor do texto, de forma a manter uma atitude crítica diante dos textos jornalísticos e tornar-se consciente das escolhas feitas como produtor.

(EM13LP39) Usar procedimentos de checagem de fatos noticiados e fotos publicadas (verificar/avaliar veículo, fonte, data e local da publicação, autoria, URL, formatação; comparar diferentes fontes; consultar ferramentas e *sites* checadores etc.), de forma a combater a proliferação de notícias falsas (*fake news*).

(EM13LP40) Analisar o fenômeno da pós-verdade – discutindo as condições e os mecanismos de disseminação de *fake news* e também exemplos, causas e consequências desse fenômeno e da prevalência de crenças e opiniões sobre fatos –, de forma a adotar atitude crítica em relação ao fenômeno e desenvolver uma postura flexível que permita rever crenças e opiniões quando fatos apurados as contradisserem.

(EM13LP41) Analisar os processos humanos e automáticos de curadoria que operam nas redes sociais e outros domínios da internet, comparando os *feeds* de diferentes páginas de redes sociais e discutindo os efeitos desses modelos de curadoria, de forma a ampliar as possibilidades de trato com o diferente e minimizar o efeito bolha e a manipulação de terceiros.

(EM13LP42) Acompanhar, analisar e discutir a cobertura da mídia diante de acontecimentos e questões de relevância social, local e global, comparando diferentes enfoques e perspectivas, por meio do uso de ferramentas de curadoria (como agregadores de conteúdo) e da consulta a serviços e fontes de checagem e curadoria de informação, de forma a aprofundar o entendimento sobre um determinado fato ou questão, identificar o enfoque preponderante da mídia e manter-se implicado, de forma crítica, com os fatos e as questões que afetam a coletividade.

(EM13LP43) Atuar de forma fundamentada, ética e crítica na produção e no compartilhamento de comentários, textos noticiosos e de opinião, memes, *gifs*, remixes variados etc. em redes sociais ou outros ambientes digitais.

(EM13LP44) Analisar formas contemporâneas de publicidade em contexto digital (*advergame*, anúncios em vídeos, *social advertising*, *unboxing*, narrativa mercadológica, entre outras), e peças de campanhas publicitárias e políticas (cartazes, folhetos, anúncios, propagandas em diferentes mídias, *spots*, *jingles* etc.), identificando valores e representações de situações, grupos e configurações sociais veiculadas, desconstruindo estereótipos, destacando estratégias de engajamento e viralização e explicando os mecanismos de persuasão utilizados e os efeitos de sentido provocados pelas escolhas feitas em termos de elementos e recursos linguístico-discursivos, imagéticos, sonoros, gestuais e espaciais, entre outros.

(EM13LP45) Analisar, discutir, produzir e socializar, tendo em vista temas e acontecimentos de interesse local ou global, notícias, fotodenúncias, fotorreportagens, reportagens multimidiáticas,

documentários, infográficos, *podcasts* noticiosos, artigos de opinião, críticas da mídia, *vlogs* de opinião, textos de apresentação e apreciação de produções culturais (resenhas, ensaios etc.) e outros gêneros próprios das formas de expressão das culturas juvenis (*vlogs* e *podcasts* culturais, *gameplay* etc.), em várias mídias, vivenciando de forma significativa o papel de repórter, analista, crítico, editorialista ou articulista, leitor, vlogueiro e *booktuber*, entre outros.

(EM13LP46) Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.

(EM13LP47) Participar de eventos (saraus, competições orais, audições, mostras, festivais, feiras culturais e literárias, rodas e clubes de leitura, cooperativas culturais, jograis, repentes, *slams* etc.), inclusive para socializar obras da própria autoria (poemas, contos e suas variedades, roteiros e microrroteiros, videominutos, *playlists* comentadas de música etc.) e/ou interpretar obras de outros, inserindo-se nas diferentes práticas culturais de seu tempo.

(EM13LP48) Identificar assimilações, rupturas e permanências no processo de constituição da literatura brasileira e ao longo de sua trajetória, por meio da leitura e análise de obras fundamentais do cânone ocidental, em especial da literatura portuguesa, para perceber a historicidade de matrizes e procedimentos estéticos.

(EM13LP49) Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.

(EM13LP50) Analisar relações intertextuais e interdiscursivas entre obras de diferentes autores e gêneros literários de um mesmo momento histórico e de momentos históricos diversos, explorando os modos como a literatura e as artes em geral se constituem, dialogam e se retroalimentam.

(EM13LP51) Selecionar obras do repertório artístico-literário contemporâneo à disposição segundo suas predileções, de modo a constituir um acervo pessoal e dele se apropriar para se inserir e intervir com autonomia e criticidade no meio cultural.

(EM13LP52) Analisar obras significativas das literaturas brasileiras e de outros países e povos, em especial a portuguesa, a indígena, a africana e a latino-americana, com base em ferramentas da crítica literária (estrutura da composição, estilo, aspectos discursivos) ou outros critérios relacionados a diferentes matrizes culturais, considerando o contexto de produção (visões de mundo, diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) e o modo como dialogam com o presente.

(EM13LP53) Produzir apresentações e comentários apreciativos e críticos sobre livros, filmes, discos, canções, espetáculos de teatro e dança, exposições etc. (resenhas, *vlogs* e *podcasts* literários e artísticos, *playlists* comentadas, fanzines, *e-zines* etc.).

(EM13LP54) Criar obras autorais, em diferentes gêneros e mídias – mediante seleção e apropriação de recursos textuais e expressivos do repertório artístico –, e/ou produções derivadas (paródias, estilizações, *fanfics*, *fanclips* etc.), como forma de dialogar crítica e/ou subjetivamente com o texto literário.

Estrutura da obra

A obra é composta de oito temas que visam promover vivências e reflexões sobre como fazer a integração dos componentes curriculares à área de Linguagens e suas Tecnologias. Nosso percurso agrega as quatro dimensões de formação docente, que são trabalhadas a cada tema de forma concatenada e buscando desenvolver as dimensões pessoal, social e profissional.

Conheça as seções, a subseção e os boxes que compõem cada tema.

Abertura do tema

Por meio de reflexões e vivências, apresenta um tema relacionado aos próprios interesses, desejos e necessidades do professor. Nessa abertura e ao longo da obra, a subseção *Vivência e reflexão* propõe atividades reflexivas e práticas para que o professor possa vivenciar a construção de novas relações consigo e com o ensino-aprendizagem.

1

Um olhar para as linguagens

O olhar na construção cotidiana do conhecimento e das relações sociais

As linguagens são as ferramentas para compreender a realidade que nos cerca e para expressar o que somos, pensamos e sentimos. Por isso, é importante pensar a atuação dos professores da área de Linguagens e suas Tecnologias como uma ação privilegiada para a (re)construção de identidades e para o aprendizado de novas formas de olhar.

O olhar, nesse caso, é entendido pedagogicamente como a ação de ler as diferentes realidades, construindo reflexões críticas, em interação com nossa visão de mundo e nosso cultura.

Diante dos novos desafios da formação dos estudantes no Ensino Médio, é preciso que o professor assuma novos olhares, não só para as várias linguagens, mas também para os estudantes, para si mesmo e para os outros com quem se relaciona.

Vamos agora experimentar o olhar sob a perspectiva do observador e do artista para compreendermos como a experiência de olhar se torna um significativo ato de leitura de mundo e como essa leitura articula diferentes conhecimentos e memórias. Essa habilidade de ler o mundo pode ser aprimorada em sala de aula e é essencial nos mais variados processos de leitura.

VIVÊNCIA E REFLEXÃO

Em 2020, a artista sul-coreana JeeYoung Lee (1983) realizou, no Brasil, a exposição *Devenutos* – Os mundos de JeeYoung Lee, para a qual ela elaborou duas instalações, intituladas *The panic room* (O quarto do pânico) e *My chemical romance* (Meu romance químico).

Durante a exposição, o público pôde circular pelas instalações e participar das ideias da artista. A experiência de olhar essas obras e integrá-las com elas obrigava o observador a buscar em sua memória e em seu conhecimento referências sobre o funcionamento de diversas linguagens.



Observe a imagem ao lado e a página seguinte, que reproduzem os dois cenários, e faça anotações, se achar conveniente. Preste atenção nos detalhes, nos planos, nos cores, no título de cada obra e, depois, referências em sua memória que possam ser associadas a essas imagens. Utilize um caderno para anotar suas percepções, suas questionamentos e suas descobertas ao longo das atividades deste livro ou, então, faça um portfólio digital e crie um espaço de compartilhamento de suas reflexões e atividades com seus colegas da área de Linguagens e suas Tecnologias.

Fotografia da instalação *O quarto do pânico*, da artista visual sul-coreana JeeYoung Lee, que compõe a exposição *Devenutos*. O quarto do pânico, de JeeYoung Lee, 21 m x 9 m. Rio de Janeiro, São Paulo (SP), 2020.

Agora, responda às questões abaixo e faça anotações sobre tudo o que considerar importante na leitura das imagens.

1. Quais foram as suas impressões ao examinar a instalação *O quarto do pânico*? O que mais lhe chamou a atenção? Por quê?
2. De acordo com sua experiência de vida, a quais referências você associa essa imagem?
3. O título da obra lhe causa algum estranhamento em relação ao que é representado?
4. A quais espaços você associa essa imagem?
5. O que lhe chama a atenção na instalação *Meu romance químico*?
6. As cores utilizadas nessa instalação podem ser associadas a qual impressão essa lhe causaram?
7. Qual das duas instalações você achou mais interessante? Por quê?
8. Como você se sentiria interagindo com esses cenários?

Segundo JeeYoung Lee, as duas instalações originaram-se de suas memórias. Em *O quarto do pânico*, em que predomina o ar verde, as referências utilizadas pela artista são suas lembranças afetivas de infância. Ela explica que o objetivo era retomar o hábito que tinha quando criança de se esconder dentro dos móveis, em uma espécie de fuga, e ali inventar mundos paralelos. Ela intencionalmente mistura essas memórias com passagens de contos literários infantis/juvenis famosos, como, por exemplo, *Alícia no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll (1832-1898).

Em *Meu romance químico*, a artista baseou-se em lembranças mais recentes: os vários dates que via em Seul, onde morava, na Coreia do Sul. Com base nesses, ela associou a complexidade da convivência social à imagem da canalização dos dados, desenvolvendo uma espécie de labirinto. Assim, misturou memórias, questões sociais, linguagens de arte e do laboratório.

9. Retome suas anotações iniciais, bem como suas memórias pessoais, e identifique uma linguagem de sua vida que você considere adequada para um cenário em uma exposição como a proposta por JeeYoung Lee. Explique o motivo de sua escolha.
10. Agora reflita: como você construiria esse cenário? Faça anotações sobre suas ideias.

As memórias incluem não apenas o que a artista viveu, mas também os conhecimentos que adquiriu. Muitas vezes sentimos que aquilo que vivemos se relaciona com alguma passagem de um livro ou filme que conhecemos. Relacionamos acontecimentos pessoais ao nosso conhecimento literário, artístico, musical etc., fazemos isso porque sentimos que, de algum modo, há elementos comuns entre a vida e a ficção e elas de algum modo se relacionam. Nesse momento, podemos pensar na famosa frase: “A arte imita a vida”.

11. Retome a memória de sua vida utilizada na atividade anterior e associe-a a uma obra de ficção, romance, conto, filme ou até mesmo uma canção com a qual você estabeleça por possível estabelecer uma relação.
12. Retorne suas anotações e reescreva-as incorporando a associação com o texto ficcional.

Nessa seção, confortaram-se dois olhares o seu e da artista. Mesmo que não a conheça nem tenha visitado sua exposição, você construiu um diálogo com a obra de JeeYoung Lee. A obra tocou-o de alguma maneira e você disse algo sobre o que viu, sentiu e lembrou. O diálogo se permitiu ser a medida que aumentou sua compreensão sobre a obra e você se permitiu acolhê-la.



Fotografia da instalação *Meu romance químico*, da artista visual sul-coreana JeeYoung Lee, que compõe a exposição *Devenutos*. O quarto do pânico, de JeeYoung Lee, 21 m x 9 m. Rio de Janeiro, São Paulo (SP), 2020.

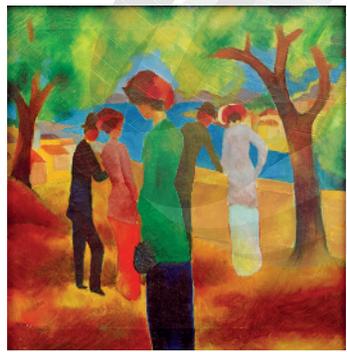


Cartaz da exposição *Devenutos* – Os mundos de JeeYoung Lee. Favela Santarém, São Paulo (SP), 2020.

A experiência de existir

“Mas eu preciso ser Outros”

Vamos refletir sobre a relação entre eu e os outros. Observe a reprodução da tela *Mulher de coroa verde*, do pintor August Macke (1887-1914). Perceba as cores, a luminosidade na tela e os elementos que a compõem.



MACKE, August. *Mulher de coroa verde*, 1913. Óleo sobre tela, 44 cm x 43,5 cm. Museu Ludwig, Colônia, Alemanha.

O pintor alemão August Macke, representante do Expressionismo em artes plásticas, destacou-se pelo uso expressivo de cores marcantes e efeitos de luz em suas obras e por retratar cenas do cotidiano.

Agora, leia as questões e anote em seu caderno de reflexões ou portfólio digital suas impressões a respeito da obra.

1. Que sensações o uso das cores e da luminosidade desperta em você?
2. Observe que há uma luminosidade maior em segundo plano do que no primeiro plano, onde está a mulher. O que isso lhe sugere?
3. Repare que o artista representou as outras figuras aos pares. Qual é sua interpretação sobre isso?

A experiência de existir

Promove o conhecimento psicossocial, na constante relação de eu e do outro, e também motiva o professor a reconhecer suas próprias forças e sonhos para que possa formar trajetórias de vida familiar, escolar e cidadã.

Foco no saber disciplinar

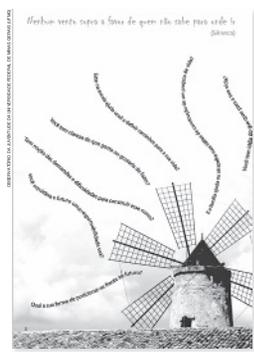
Problematisa o isolamento disciplinar, ou seja, questiona como construir um ensino de Língua Portuguesa que efetivamente atenda às necessidades do estudante no mundo “fora dos muros da escola”.

Foco no saber disciplinar

Interação e produção de sentidos

Você sabe o que é um *zine*? *Zine* – ou *fanzine* – é uma palavra da língua inglesa que vem da expressão *fanatic magazine*. Originalmente, tratava-se de uma revista artesanal editada por um fã de graphic novels, obras de ficção científica, videogames, poemas, música, filmes etc. Os temas, contudo, ampliam-se e os zines passaram a abordar questões como depressão, violência, assédio, projeto de vida, fidelidade etc. Os zines também passaram a incluir uma variedade de gêneros textuais: contos, poemas, documentários, quadrinhos, crônicas, entrevistas etc. e recursos visuais, como colagens, fotografias, escrita à mão, ilustrações e fotocópias.

A seguir, reproduzimos uma página de um dos fanzines elaborados pelo Observatório da Juventude da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na série *Juventude em formação*, que propõe a reflexão sobre temas sociais relacionados à juventude com o objetivo de contribuir para sua formação:



HEERHAERDT VISTO APÓS A FUMAÇA DE QUEIMADAS. DE MARCO ANTONI DA SILVA

PROBLEMA Observatório da Juventude. Projeto de vida. In: *Juventude em formação*, n. 6, 2012. Disponível em: <http://www.emiladigital.ufmg.br/issue/default?file=ind_..._fanzine_projeto_de_vida_final.pdf>. Acesso em: 21 out. 2020.

Essa publicação faz parte da série de fanzines *Juventude em formação*, que se propõe a ajudar os jovens a descobrir suas potencialidades e a ter acesso a informações sobre o mundo do trabalho e suas possibilidades.

Práticas interdisciplinares

Fanzines e e-zines em ambiente escolar

Antes de iniciarmos nossa conversa sobre a prática interdisciplinar de elaboração de e-zines, reflita sobre esta questão:

1. Como o desenvolvimento de habilidades cognitivas e socioafetivas que promovem a interação aparece em suas aulas de Língua Portuguesa?

O e-zine *Alma*, de Bruna Morgan, discute de forma leve os sintomas da depressão entre adolescentes e jovens. A publicação é excelente para iniciar a abordagem dessa doença, que causa tantos problemas entre pessoas dessa faixa etária. A depressão é responsável pelo suicídio, a segunda principal causa de morte entre pessoas de 15 a 29 anos em todo o mundo.



Página do e-zine *Alma*, de Bruna Morgan.

Os e-zines têm sido preferidos aos fanzines porque a internet oferece ferramentas gratuitas para a elaboração das publicações, possibilita uma abrangência maior do público leitor e economiza tempo e recursos de divulgação.

De acordo com seus objetivos e a disponibilidade de recursos, o professor de Língua Portuguesa poderá utilizar tanto o fanzine (de papel) quanto o e-zine (eletrônico) como instrumentos pedagógicos.

80

Práticas interdisciplinares

Busca refletir e discutir como podemos estabelecer uma relação entre os objetos de conhecimento específico do componente curricular com os demais objetos da área de Linguagens e suas Tecnologias. Não só discute a interdisciplinaridade como também apresenta sugestões de sequências didáticas. São propostas também algumas vivências de planejamento com os colegas de área para que possam encontrar novas estratégias para a abordagem dos objetos de conhecimento.

De olho na avaliação

Avaliação: uma questão de critérios

Antes de iniciar nossa discussão sobre avaliação, reflita sobre as seguintes questões:

1. O que você considera mais desafiador no processo de avaliar os estudantes?
2. Como usualmente você estabelece os critérios para avaliar as atividades propostas em sala de aula?

Qualquer atividade de avaliação exige a escolha cuidadosa dos critérios pelos quais o trabalho desenvolvido será avaliado. A dificuldade de determinar e explicar esses critérios prejudica todas as boas intenções ao promover diferentes instrumentos de avaliação. São os critérios bem selecionados que possibilitam verificar se houve aprendizagem significativa de conteúdos relevantes e o desenvolvimento das habilidades necessárias.

Ao pensar em uma aprendizagem que seja efetivamente significativa, os critérios avaliativos surgem de objetivos claros sobre os conteúdos e habilidades que se deseja desenvolver. Identificar o que é relevante, nesse caso, é definir as competências e habilidades mínimas necessárias que se deseja que o estudante desenvolva, visando à sua participação democrática na vida em sociedade, isto é, a aprendizagem mínima esperada sem a qual a atividade proposta não teria sentido.

Os critérios devem refletir um padrão de desempenho estabelecido segundo os objetivos, competências, habilidades e conteúdos propostos. Por sua vez, os instrumentos utilizados para avaliar devem possibilitar a avaliação eficaz de acordo com os critérios estabelecidos.

Mas de onde saem os critérios dos instrumentos de avaliação? Como calibrar os instrumentos avaliativos utilizados e os critérios definidos? Qual é a função dos critérios na hora de avaliar?

Consideramos que os instrumentos de avaliação são as formas estabelecidas previamente para avaliar a aprendizagem. Eles devem ser coerentes com os objetivos propostos e com o que foi trabalhado em sala de aula. Devem estar adequados para que o professor colete os dados de que necessita para ter indicações claras do momento de aprendizagem do estudante.

Para essa finalidade, critérios devem ser adequados na linguagem e suficientemente evidentes e específicos naquilo que pretendem quando aos conteúdos essenciais planejados e efetivamente trabalhados no processo de ensino-aprendizagem, além de estar intimamente associados aos critérios avaliativos previamente definidos no plano de aula do professor.

Assim, em um processo de planejamento, convém pensar coordenadamente em conteúdos e habilidades que serão desenvolvidos e em atividades e critérios de avaliação. Esses critérios devem estar de acordo com duas variáveis:

- o que se ensina deve transformar a relação do estudante com as linguagens;
- o que o estudante já conhece, mas consideramos essencial para ser integrado ao novo aprendizado. Cabe, assim, de obter informações importantes não apenas do que o estudante aprendeu e desenvolveu por meio dos novos conteúdos, como também da integração entre as novas aprendizagens e as já consolidadas.

Avaliando a produção textual

Quando o que se deseja avaliar está associado à prática de produção de textos (orais, escritos ou multimídiais), é importante verificar se há o domínio das convenções de produção de acordo com o que foi proposto, ou seja, se o grau de formalidade utilizado está em consonância com o gênero discursivo produzido e o contexto em que ocorreu a interação.

Inicialmente, convém compreender o que o estudante quis expressar e o que de fato expressou, considerando-se o contexto de interlocução a que se destinava o texto. Analisar as referências utilizadas de acordo com os repertórios do produtor do texto, suas relações consigo, estabelecer com outros textos e situações: como mobiliza conhecimentos para a produção do próprio texto.

Mas há outros critérios que podem ser pensados. Em alguns momentos talvez seja interessante avaliar se as marcas de oralidade – ou seja, aquilo que é próprio do falar cotidiano das pessoas – estão de acordo com o gênero discursivo produzido ou se decorrem da dificuldade de lidar com a linguagem escrita.

105

De olho na avaliação

Promove a análise desse processo como realidade plural. São discutidas maneiras diversificadas de avaliar os estudantes e de promover ações para a efetivação da aprendizagem, de acordo com o que foi trabalhado nas seções *Foco no saber disciplinar* e *Práticas interdisciplinares*.

Além dessas seções, a obra apresenta também os seguintes boxes que complementam os conteúdos apresentados.

CONVERSANDO COM A BASE

Aqui a BNCC é chamada a conversar com os conteúdos que estão sendo tratados no tema. O objetivo é articular os diferentes conhecimentos desenvolvidos com as competências e habilidades da BNCC. Desse modo, podemos compreender como as habilidades propostas pela BNCC podem e devem ser desenvolvidas no nosso cotidiano de educadores.

AMPLIANDO

Explicações e/ou comentários sobre aspectos teóricos trabalhados.

PERSONALIDADE

Apresenta dados biográficos e profissionais sobre teóricos mencionados na exposição dos conteúdos.

EXPLORE

Apresenta indicações de vídeos, filmes, livros, *sites* que possibilitam ampliar os horizontes do tema explorado. É um momento que permite construir interfaces com diversas fontes de conhecimento.

Abordagem teórico-metodológica que embasa cada dimensão

1ª dimensão (miniprojeto de vida)

A experiência de existir

A seção *A experiência de existir* é a que concentra as vivências, explicações e outros subsídios necessários para a formação do professor, centrada no “conhecimento de si, do outro e do nós”. Tem como um de seus objetivos motivar o docente a planejar-se na dimensão pessoal e a construir um pequeno projeto de vida, por exemplo.

No **Tema 1**, propomos o desafio de construir um olhar que dialoga com a realidade cotidiana. Na base dessa proposta, as ideias do educador e filósofo austríaco Martin Buber (1878-1965) interagem com os pensamentos do filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin (1895-1975).

Ao longo do **Tema 2**, visitamos os conceitos de identidade e alteridade, formulados pelo filósofo Emmanuel Levinas (1906-1995) pela perspectiva de um outro estudioso das linguagens, o semiótico Eric Landowski (1946-), o que vincula ainda mais o modo de pensar do docente à sua identidade, como uma ação que pode ser feita em sua área de atuação.

O **Tema 3** aborda as relações entre afetividade e razão em algumas breves, mas importantes, discussões éticas que nos levam a refletir sobre nossas ações expressas pelas linguagens. O **Tema 4** trata das relações entre linguagem e mudança social. Nesse tema, também é abordado, com base nos estudos da socióloga Elise Boulding (1920-2010), o estudo de *exaustão temporal*, cansaço e apatia diante da vida provocados pelo excesso de tempo presente. Conforme refletimos e nos reconstruímos, o **Tema 5** faz-nos pensar na importância de planejar a vida. O objetivo é motivar o sonho como espaço de (re)construção do imaginário, mas com a compreensão da realidade e o planejamento das ações futuras a fim de que ele se torne uma estratégia de vida, valorizando a felicidade individual e coletiva.

Na defesa da realidade como pano de fundo em que o sonho se transforma em projeto, o **Tema 6** valoriza as dúvidas e a relação complementar que estabelecem com nossas crenças. Nesse contexto, detemo-nos, sob uma perspectiva prática, no pensamento do filósofo existencialista espanhol Ortega y Gasset (1883-1955).

O **Tema 7** volta nosso olhar para o passado como espaço de construção de memórias, que devem ser valorizadas por traduzirem a nossa identidade. Nesse contexto e fazendo a transição com os estudos das linguagens, consideramos o que nos diz o filósofo Walter Benjamin (1892-1940) sobre as relações entre o narrar e a memória.

O final do percurso, no **Tema 8**, trabalha com a perspectiva de futuro, as atitudes de avaliação, coexistência, interculturalidade, liberdade e justiça. Esse tema cultiva o ideal do bem viver como modo de estar no mundo alicerçado na defesa de valores e na esperança da construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Como todo o percurso proposto até aqui, as considerações refletem a relação de si mesmo e de si com os outros e com o meio ambiente.

2ª dimensão (problematização do isolamento disciplinar)

Foco no saber disciplinar

A seção *Foco no saber disciplinar* investiga os estudos linguísticos e semióticos na prática da sala de aula. Isso significa que os conceitos são trabalhados na construção das aprendizagens considerando as diferentes realidades e contextos. Esse é o caminho adotado para problematizar e superar o isolamento disciplinar. A principal parte das vivências propostas e dos conteúdos discutidos está na seção *Foco no saber disciplinar*, embora em muitos momentos essa dimensão ocorra pelas possibilidades interdisciplinares que oferece e pelas diferentes interfaces que se relacionam a ela.

A prática discursiva da língua portuguesa contribui tanto para reproduzir a sociedade e suas identidades e relações sociais quanto para transformá-la, como uma das fontes privilegiadas do fazer social com as estruturas sociais materiais pelas quais se orienta.

Em constante diálogo com a BNCC, com frequência percorremos (como no **Tema 1**) o caminho da experiência prática para a realidade teórica a fim de conceituar e relacionar elementos importantes dos conhecimentos linguísticos, literários e semióticos. Nos alicerces de nosso trabalho emerge a figura de Umberto Eco (1932-2016), talvez ainda o mais conhecido semioticista do mundo, que, ao longo de sua obra, relacionou os estudos semióticos aos da estética, procurando o diálogo entre a Semiótica, a Literatura e a Arte.

Trazendo para esse diálogo as investigações de Roxane Rojo, Ingedore Villaça Koch e Lúcia Santaella, construímos questionamentos interessantes acerca da importância da educação linguística, literária e semiótica alicerçada em princípios éticos, críticos e democráticos. Desse modo, são oferecidos os subsídios necessários para o desenvolvimento, nas aulas de Língua Portuguesa, de uma pedagogia dos multiletramentos, que agregue aos letramentos da área de Linguagens e suas Tecnologias os letramentos emergentes, em grande parte associados às tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs), considerando a realidade globalizada, plural e intercultural na sala de aula.

Além disso, seguindo o que sugere a visão semiótica de Umberto Eco a respeito da abordagem do texto literário, propomos uma análise linguística que parte da circulação do texto em sociedade para aprofundar-se nos elementos organizadores do texto, como as relações morfossintáticas, comparando-os entre si para reconstruir os sentidos do texto e retornar à própria realização social.

Desse modo, diferentes gêneros discursivos, como *zines* e antologias, caminham ao lado de eventos culturais, como uma exposição de arte e um *poetry slam*. Essas diversas práticas discursivas associam-se a diferentes objetivos e estratégias didáticas, como o uso de metodologias ativas, buscando o desenvolvimento integral do estudante.

A caminhada proposta permite aos professores encontrar critérios para organizar a progressão dos objetos de aprendizagem, adequando-os à realidade local. Em muitos momentos ao longo da obra essa seção traz discussões interdisciplinares que antecipam aspectos da seção seguinte, reforçando a interação das diferentes dimensões abordadas.

3ª dimensão (problematização da interdisciplinaridade)

Práticas interdisciplinares

A interdisciplinaridade começou a ser abordada no Brasil já nos anos 1970, porém, com a BNCC, especialmente a parte dela voltada para o Ensino Médio, tornou-se cada vez mais presente no discurso e na prática dos professores. Apesar disso, estudos mostram que a interdisciplinaridade ainda é pouco trabalhada. Alguns ainda a veem como justaposição de disciplinas, o que não é suficiente para efetivar a proposta da BNCC.

Seguindo o pensamento da professora Ivani Fazenda (2014b), a interdisciplinaridade é vista como atitude de ousadia e diálogo frente ao conhecimento, uma maneira de ser e fazer relacionada ao modo como vemos o conhecimento e lidamos com ele. A interdisciplinaridade é mais do que um fazer entre disciplinas, é uma forma de ver os processos de aprendizagem. Por isso, foi importante que o primeiro tema desta obra se detivesse na importância do olhar.

Ela também pode ser vista como fundamento para as opções metodológicas do professor nos processos de ensino-aprendizagem. Essa postura exige do educador importantes competências socioafetivas, como humildade, cooperação e partilha, além do exercício da alteridade para superar os limites dos componentes curriculares a favor da construção do conhecimento de modo menos fragmentado.

A interdisciplinaridade se torna essencial considerando a construção de uma pedagogia de multiletramentos centrada no desenvolvimento da capacidade de o estudante se relacionar com um mundo em que as linguagens se multiplicam e hibridizam para traduzir a pluralidade das pessoas.

Como vemos, trata-se de um conceito complexo cuja compreensão aprofundamos de diferentes modos nos oito temas em que a abordamos e no diálogo com outros conhecimentos didáticos e metodológicos, especificamente a avaliação.

4ª dimensão (mapeamento de novos processos de avaliação)

De olho na avaliação

Essa seção subsidia a discussão sobre a avaliação feita nas outras seções em cada tema. Ela cumpre duas funções: sistematizar conceitos importantes e aprofundar e ampliar conceitos já abordados. Isso se dá principalmente pela proposta em rede que alicerça a estrutura deste livro, mas também porque a avaliação deve ser pensada constantemente em interação com o currículo e o planejamento.

Em qualquer processo de avaliação, sabemos que é necessário considerar alguns critérios que, articulados entre si, permitem-nos tomar as melhores decisões. A avaliação dominante no cotidiano de alguns professores é aquela que mede o conhecimento que o estudante adquiriu em um período e está diretamente relacionada à ideia de conhecimento transmitido, como quando enchemos um balde vazio com água. O momento da prova seria, nesse caso, aquele em que verificamos quantos litros de água foram colocados no balde.

A avaliação é uma atividade orientada para o futuro. Avalia-se para preservar ou melhorar determinado agir. Essa é a principal diferença entre medir e avaliar. Medir é obter informações a respeito de algo. Avaliar refere-se à reflexão sobre essas informações obtidas a fim de planejar o futuro.

No Brasil, é significativa a contribuição do estudioso suíço Philippe Perrenoud sobre avaliação quando analisa como os estudantes têm sido avaliados devido às exigências que medem a distância em que eles se encontram dos programas curriculares. Ao trazermos para a cena a avaliação formativa, colocamo-la em interação com a didática e a metodologia, buscando construir uma pedagogia diferenciada, centrada na construção da aprendizagem significativa do estudante.

Como diz Kátia Smole, um nome muito respeitado no Brasil ao falarmos de avaliação:

[...] A aprendizagem significativa não combina com a ideia de conhecimento encadeado, linear, seriado. Esta forma de conceber o conhecimento pode organizar o ensino, mas não a aprendizagem, que acaba se constituindo como um processo marginal ao trabalho do professor. [...]

Falar em aprendizagem significativa é assumir que aprender possui um caráter dinâmico, que exige ações de ensino direcionadas para que os alunos aprofundem e ampliem os significados elaborados mediante suas participações nas atividades de ensino e aprendizagem. [...]

SMOLE, Kátia Stocco. Aprendizagem significativa: o lugar do conhecimento e da inteligência. *Mathema*, 23 maio 2019. Disponível em: <<https://mathema.com.br/artigos/aprendizagem-significativa-o-lugar-do-conhecimento-e-da-inteligencia/>>. Acesso em: 2 dez. 2020.

Como construir um conhecimento em rede em sala de aula com base na realidade dos educandos e educadores? Como vivenciar o caráter dinâmico da aprendizagem? É nesse contexto que aprofundamos o tema da avaliação nos oito temas que compõem esta obra.

Reflexões, vivências e práticas desenvolvidas em cada tema

Tema 1 Um olhar para as linguagens

Vivência e reflexão (páginas 36-37)

Objetivo e justificativa: Essas atividades têm como objetivo introduzir o leitor na proposta do tema: valorizar as memórias e vivências pessoais como elementos importantes para a construção da identidade psicossocial do professor. Com isso, espera-se que o professor seja o centro de sua aprendizagem.

Tempo estimado: 1 a 2 horas.

Procedimentos: As atividades podem ser desenvolvidas individualmente ou em pequenos grupos, formados pelos professores de Língua Portuguesa ou por todos os professores da área de Linguagens e suas Tecnologias do Ensino Médio. É importante que os professores tenham à disposição um caderno de reflexões ou um portfólio digital para registrar suas reflexões. Dessa forma, elas poderão ser consultadas facilmente ao longo do percurso de aprendizagem sugerido pelo livro.

A experiência de existir

Reflexão: Um olhar que dialoga (páginas 38-39)

Objetivo e justificativa: Cultivar o diálogo de forma plena, compreendendo os pensamentos, as emoções e os sentimentos do outro. Isso exige disposição para acolher o outro e buscar o melhor de si para ajudá-lo. Dialogar exige escuta e interação, duas habilidades importantes a serem desenvolvidas pelo docente tanto em si quanto nos estudantes.

Tempo estimado: 1 a 2 horas.

Procedimentos: Antes da leitura dos conceitos dos dois filósofos (Buber e Bakhtin), seria interessante responder individualmente às questões 1 e 2 e, após a leitura, reunir os colegas da área de Linguagens e suas Tecnologias e discutir as questões 3 a 8. É importante que os docentes discutam a relação de experiência dos estudantes no contexto de sala de aula e também em relação à sua própria vida.

Foco no saber disciplinar

Reflexão: As múltiplas linguagens em nosso cotidiano (páginas 40-42)

Objetivo e justificativa: A atividade de reflexão reforça a interação entre as dimensões racional e afetiva da aprendizagem. Ao analisar uma obra de arte, é preciso ter um olhar de responsividade a ela. Na análise de uma obra de arte, na organização de uma exposição de arte e na vida é necessário desenvolver um olhar que dialogue com o mundo ao nosso redor. Por isso é importante que a atividade docente cultive essa atitude no que diz respeito ao ensino-aprendizagem e aos estudantes.

Tempo estimado: 1 hora.

Procedimentos: As atividades, embora possam ser desenvolvidas individualmente, funcionam melhor em pequenos grupos, que podem envolver os professores da área de Linguagens e suas Tecnologias ou somente os de Língua Portuguesa. As propostas alternam a reflexão individual e a discussão em grupos. As questões 1 e 2 da página 42 podem ser respondidas entre pares, o que pode enriquecer a reflexão.

Reflexão: Cibercultura (página 42)

Objetivos e justificativa: As perguntas associadas ao texto da professora Lúcia Santaella que constituem esse box têm como objetivo a reflexão sobre o conceito de cibercultura. Isso se justifica pela sua pertinência no trabalho com práticas de linguagem contemporâneas.

Tempo estimado: 15 minutos. Pode ser associada à atividade anterior, *Reflexão: As múltiplas linguagens em nosso cotidiano*.

Procedimentos: As duas perguntas propostas podem ser discutidas entre pares, visando à colaboração mútua no sentido de incluir, de modo produtivo, no planejamento de suas aulas, a cibercultura no estudo de Linguagens e suas Tecnologias. Outra possibilidade é introduzi-las como parte de um círculo de cultura, possibilitando aos professores que exponham seus temores e esperanças em relação à cibercultura e à educação.

Práticas interdisciplinares

Reflexão: As exposições escolares (páginas 43-47)

Objetivo e justificativa: Promover a reflexão do assunto apresentado articulando os conhecimentos desenvolvidos à experiência de vida pessoal e profissional dos educadores. O objetivo é reconstruir o conceito e a importância das exposições escolares como instrumento metodológico de construção de aprendizagem para que possam vivenciar a interdisciplinaridade e a prática social como elas se realizam fora dos muros da escola.

Tempo estimado: 1 hora.

Procedimentos: A atividade vai se construindo na interface entre perguntas de reflexão que motivam o professor a visitar suas memórias, posicionamentos pessoais e atividades anteriores e os conhecimentos sistematizados. Isso permite ao professor desenvolver essa reflexão anteriormente e, ao final, utilizar suas anotações para apresentar os conceitos envolvidos em uma exposição de arte a seus colegas da área de Linguagens e suas Tecnologias.

Vivência didática: Exposição de arte (páginas 49-50)

Objetivo e justificativa: O objetivo é subsidiar o educador com estratégias para que os estudantes possam tanto experienciar o diálogo entre as linguagens da arte e a relação que estabelecem com a sociedade quanto desenvolver uma exposição de arte e literatura compreendendo as relações entre elas como linguagens e a sua relação com o contexto histórico. Desse modo, ao estudar os conceitos de arte, literatura e linguagem, o estudante poderá associar os aspectos discursivos e históricos do fazer estético à prática de uma exposição de arte como evento social. A atividade permite, também, que os conteúdos sejam utilizados para resolver questões práticas da organização e planejamento de uma exposição.

Tempo estimado: 16 aulas, distribuídas em 1 mês (4 aulas semanais).

Procedimentos: A ideia é que os professores da área possam organizar a atividade juntos. Os procedimentos estão explicados passo a passo no corpo do livro, no Tema 1 (páginas 49 e 50).

De olho na avaliação

Reflexão: Avaliação: uma questão de critérios (páginas 51-52)

Objetivo e justificativa: Refletir sobre a importância da avaliação, particularmente a avaliação diagnóstica, no cotidiano do fazer docente, vinculando a teoria à prática cotidiana para que possa repensar as formas de avaliar que utiliza e reconhecer os avanços e dificuldades no processo de avaliação.

Tempo estimado: 1 hora.

Procedimentos: As perguntas propostas podem ser analisadas pelo professor, que depois deve ser incentivado a usar suas anotações em um círculo de cultura sobre o tema “Avaliação e cotidiano escolar”.

Tema 2 Diálogos poéticos

Vivência e reflexão (páginas 53-54)

Objetivo e justificativa: Essa primeira atividade desenvolve estratégias impressivas de compreensão do texto poético ao mesmo tempo que inicia uma das discussões centrais desse tema: as

relações entre o *eu* e o *outro*. Essa atividade reforça as relações entre a expressividade da linguagem e as dimensões constitutivas da identidade humana.

Tempo estimado: 1 a 2 horas.

Procedimentos: A atividade pode ser desenvolvida individualmente ou em pequenos grupos formados pelos professores de Língua Portuguesa. É importante que eles anotem no caderno de reflexões ou no portfólio digital as reflexões propostas no tema anterior.

A experiência de existir

Reflexão: “Mas eu preciso ser Outros” (páginas 55-58)

Objetivo e justificativa: Conceituar alteridade e identidade e relacionar ambos os conceitos, aplicando-os ao cotidiano pessoal e profissional. Espera-se que essa reflexão conduza estudantes e professores à prática da alteridade para a construção de uma sociedade mais justa e democrática e que ambos possam valorizar sua identidade e as dos outros.

Tempo estimado: 2 horas.

Procedimentos: A atividade traz questões para reflexão pessoal e conceitos e análises sobre os assuntos apresentados. As questões podem ser respondidas individualmente e depois ser retomadas coletivamente por professores de Língua Portuguesa ou da área de Linguagens e suas Tecnologias.

Foco no saber disciplinar

Reflexão: Uma questão de estilo (páginas 59-62)

Objetivo e justificativa: O objetivo é desenvolver o conceito de estilo no campo dos estudos linguísticos e aplicá-los a aspectos da expressividade com os quais lidamos no cotidiano da sala de aula. Levar o estudante a refletir sobre esses aspectos amplia suas competências linguísticas.

Tempo estimado: 1 hora.

Procedimentos: Na subseção *Vivência e reflexão*, página 60, é interessante realizar a dinâmica individualmente e escolher uma pessoa do seu convívio que não se sinta constrangida quando você analisar seu modo de expressão. Depois, é interessante mostrar à pessoa a lista de características de expressão para que avalie se o resultado corresponde realmente ao modo dela de se expressar.

Vivência e reflexão (página 61)

Objetivo e justificativa: Motivar o professor a aplicar os conhecimentos desenvolvidos ao trabalho escolar com a análise linguística, refletindo sobre como pode impactar de forma positiva o cotidiano didático-pedagógico dos estudantes.

Tempo estimado: 30 minutos.

Procedimentos: A atividade pode ser articulada à anterior e propõe que se construa uma postura pessoal em relação aos conceitos trabalhados. Assim, pode-se pensar em um momento de reflexão individual.

Práticas interdisciplinares

Reflexão: Antologias em ambiente escolar (páginas 64-66)

Objetivo e justificativa: Discutir a atividade de construção de antologias digitais a fim de demonstrar uma possibilidade de integrar conhecimentos de componentes da área de Linguagens e suas Tecnologias e aliar esse fazer ao uso de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs).

Tempo estimado: 6 a 12 aulas.

Procedimentos: A atividade é explicada no livro, inclusive apresentando possibilidades de adaptação às realidades locais.

Vivência e reflexão (página 66)

Objetivos e justificativa: Motivar o professor a incluir uma atividade interdisciplinar de elaboração de antologia digital em seu planejamento escolar, a partir dos exercícios de síntese dos conhecimentos desenvolvidos e da avaliação da situação real. O exercício de reflexão cria um modelo que pode ser transposto para outros momentos.

Tempo estimado: 20 minutos.

Procedimentos: A atividade deve ser articulada às anteriores, de modo que o professor note, gradativamente, como está aprimorando seu agir em sala de aula. Ela pode ser desenvolvida em pequenos grupos de professores de Língua Portuguesa ou da área de Linguagens e suas Tecnologias.

De olho na avaliação

Reflexão: Avaliação e planejamento – competências e habilidades (páginas 67-68)

Objetivo e justificativa: Conceituar *competência* e *habilidade* e relacioná-las para melhor compreender o funcionamento da linguagem e facilitar a construção da aprendizagem do estudante. Deter-se sobre os sentidos de mobilizar conhecimentos e sua aplicação para o cotidiano docente.

Tempo estimado: 1 hora.

Procedimentos: Nas questões 3 a 7, da página 68, é interessante que o professor escolha duas avaliações para comparar: uma em que obteve sucesso e outra que não tenha sido eficiente. Depois de comparar as avaliações, pensar de que forma os estudantes podem ser avaliados considerando as competências e habilidades da BNCC.

Tema 3 Linguagens e interação

Vivência e reflexão (páginas 69-70)

Objetivos e justificativa: Refletir sobre o equilíbrio entre razão e emoção nas relações interpessoais; refletir sobre a interação e como as diferentes ações realizadas por meio das linguagens e os aspectos culturais se refletem nelas.

Tempo estimado: 1 hora.

Procedimentos: A atividade inicia-se com a análise da obra *O grito*, de Edvard Munch, como motivação para relacionar o equilíbrio entre razão e emoção nas diferentes ações de interação no cotidiano pessoal e profissional.

A experiência de existir

Reflexão: Avaliar a interação (página 71)

Objetivos e justificativa: Desenvolver a competência de avaliar as ações pessoais nos diferentes processos interativos pensando na responsabilidade social do papel de professor. Isso se justifica pelo compromisso de manutenção de um ambiente em que os valores éticos, a empatia e a responsabilidade possam estabelecer uma situação de trocas.

Tempo estimado: 1 hora.

Procedimentos: Partindo de ditados populares, motivar o professor a refletir sobre as contradições a que estamos expostos diariamente, como seres plurais e cindidos pelas nossas necessidades e facetas psicossociais. O professor pode preparar a consideração dos conceitos e das reflexões propostas e, depois, as ideias principais podem ser socializadas em círculo de cultura, a partir das vivências pessoais dos educadores.

Vivência e reflexão (página 71)

Objetivo e justificativa: Refletir sobre a prática da interação com base na vivência pedagógica cotidiana.

Tempo estimado: 1 hora.

Procedimentos: Os professores podem trabalhar individualmente ou em duplas. Ao término, caso o trabalho tenha sido feito individualmente, as principais ideias podem ser socializadas em círculo de cultura, como inspiração para a mudança na prática pedagógica.

Foco no saber disciplinar

Reflexão: A análise de texto e as condições de produção e circulação (página 75)

Objetivo e justificativa: Relacionar a análise de texto em sala de aula às condições de produção e circulação a fim de que os estudantes possam perceber que as escolhas discursivas, estilísticas e linguísticas são motivadas pela finalidade pretendida em cada interação comunicativa.

Tempo estimado: 20 minutos.

Procedimentos: O excerto de autoria da professora Irandé Antunes pode ser lido individualmente ou em voz alta por um grupo. As respostas individuais dos professores podem ser socializadas.

Vivência didática (página 79)

Objetivo e justificativa: Motivar o professor a planejar para os estudantes um roteiro de investigação sobre literatura, de modo que eles identifiquem os contextos de produção e de circulação de um período literário.

Tempo estimado: 2 horas.

Procedimentos: Cada um elabora seu próprio roteiro e depois, em uma roda de conversa, troca-o com o colega de Língua Portuguesa. A ideia é que o colega troque suas experiências com a do parceiro para que possam aprimorar o roteiro de investigação.

Práticas interdisciplinares

Vivência didática: Realização de um e-zine ou fanzine (páginas 82-85)

Objetivos e justificativa: Esse trabalho com o *e-zine* é um espaço produtivo para os estudantes entenderem as relações próprias do mundo do trabalho e fazerem escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida. Os *zines* devem, de algum modo, dialogar com a proposta estética, artística e literária do Realismo do século XIX, tomando como tema geral “A realidade na cultura”.

Tempo estimado: 6 aulas distribuídas ao longo de 3 semanas, utilizando-se 2 aulas por semana.

Procedimentos: No livro, são explicados passo a passo, inclusive os critérios de avaliação.

Tema 4 As linguagens e a mudança social

Vivência e reflexão (páginas 89-91)

Objetivos e justificativa: Essa reflexão surge da necessidade de compreender as relações entre linguagens e mudança social como realidade histórica. A vivência permite desenvolver uma atitude positiva quanto ao futuro, mas aberta ao diálogo e à análise da situação presente.

Tempo estimado: 1 hora.

Procedimentos: O ponto de partida é o documento histórico, a carta de Esperança Garcia, na qual incidem algumas análises e perguntas que visam à reflexão sobre o valor da esperança, fundamentada na realidade do professor.

A experiência de existir

Reflexão: O futuro na cultura das selfies (página 92)

Objetivos e justificativa: Essa reflexão surge da necessidade de constantemente desenvolver um conceito equilibrado sobre o presente.

Tempo estimado: 20 minutos.

Procedimentos: Os questionamentos, as reflexões e as análises propostos podem ser feitos individualmente ou em pequenos grupos, motivando a interação. É importante, contudo, que o professor use seu caderno de reflexões ou o portfólio digital e as folhas de anotações, inclusive, para comparar com outras notas que já fez.

Vivência e reflexão (página 93)

Objetivos e justificativa: Essa vivência vem da necessidade de pensarmos nas diferentes áreas de nossa vida: afetiva, pessoal, profissional, espiritual, de lazer etc. Ela nos permite analisar a situação presente planejando ações futuras.

Tempo estimado: 20 minutos.

Procedimentos: É importante que o professor tenha em mãos uma reprodução da roda da vida para interagir com ela, fazendo anotações. Ao final, as perguntas sugeridas motivam a análise da atividade que o professor fez com a roda da vida e o incentivam a planejar ações futuras, o que será desenvolvido no próximo tema.

Foco no saber disciplinar

Reflexão: Linguagem, argumentação e mudança social (página 94)

Objetivos e justificativa: Introduzir a discussão sobre a importância de refletir a respeito dos trabalhos com argumentação em sala de aula, inclusive por sua importância na BNCC.

Tempo estimado: 20 minutos.

Procedimentos: As questões podem ser discutidas em círculo de cultura pelos professores de Língua Portuguesa.

Reflexão: O repertório sociocultural e a argumentação (página 97)

Objetivos e justificativa: Oferecem-se aqui instrumentos de reflexão sobre a importância do repertório sociocultural na construção de argumentações. A atividade visa motivar o professor a aproveitar as referências locais nas aulas em que se desenvolvem habilidades de argumentação. As aulas de Língua Portuguesa demandam estratégias para o estudante averiguar os motivos de sua escolha de argumentos.

Tempo estimado: 20 a 25 minutos.

Procedimentos: As questões finais aplicam na realidade local conceitos anteriormente desenvolvidos. Essa interface entre os conceitos e a realidade local é o ponto central que deve ser valorizado. Outras perguntas podem então ser feitas para assegurar esse movimento.

Vivência e reflexão (página 98)

Objetivos e justificativa: Considerar de modo amplo, dentro do universo da sala de aula, a realidade local na construção de textos argumentativos. Essa vivência permite valorizar a escolha das questões polêmicas analisadas em sala de aula como um momento estratégico de construção dos planos de aula.

Tempo estimado: 20 a 25 minutos.

Procedimentos: Desenvolver essa atividade preferencialmente em duplas. Depois, as conclusões podem ser socializadas.

Reflexão: Argumentatividade, radioblog e mesas-redondas (páginas 99-100)

Objetivos e justificativa: Analisar a fotografia *Mulher negra escravizada de turbante* (c. 1870), de Alberto Henschel, valorizando elementos próprios da esfera da argumentatividade.

Tempo estimado: 20 a 25 minutos.

Procedimentos: É importante atentar à questão 4 e é aconselhável destacar comentários que promovam o desenvolvimento de ideias de transformação social com base em valores.

Vivência didática: Radioblog (páginas 102-104)

Objetivos e justificativa: Desenvolver a argumentação oral por meio de *podcasts*, que se integram à produção de listas de canções formadas segundo critérios previamente selecionados e discutidos. A atividade possibilita o debate de questões sociais importantes na construção da identidade psicossocial dos indivíduos, bem como a análise de questões políticas, culturais e sociais, ampliando a compreensão e o debate de direitos e deveres.

Tempo estimado: 12 aulas, distribuídas ao longo de 3 ou 4 semanas, utilizando-se 3 a 4 aulas por semana.

Procedimentos: Essa atividade deve ser desenvolvida com os estudantes. Ela exige que os professores mantenham contato entre si, por grupos de celular, por exemplo, e se encontrem presencialmente em momentos específicos.

Reflexão: Avaliação: uma questão de critérios (páginas 105-106)

Objetivos e justificativa: Inicialmente, há o desenvolvimento de conceitos importantes sobre os processos de avaliação da produção textual, em que se faz uma síntese do que foi estudado nesse tema. A compreensão desses conceitos deve favorecer a ação avaliativa do professor. Seguem-se perguntas que possibilitam a autoavaliação do educador sobre o que foi desenvolvido no tema.

Tempo estimado: 25 a 30 minutos.

Procedimentos: Essa é uma atividade de autoavaliação dos conhecimentos que se desenvolveram no tema. Os professores podem pensar em modos de transpor a proposta de autoavaliação para outras situações de aprendizagem com os estudantes ou no curso de estudo desta obra.

Tema 5 Rotinas do cotidiano do professor

Vivência e reflexão (páginas 107-109)

Objetivos e justificativa: O poema em prosa “Vitrine do cotidiano”, do poeta *slamer* Gustavo Arranjos, possibilita tanto analisar elementos expressivos e linguísticos que contribuem para a construção do sentido do texto quanto pensar nos desafios da rotina pessoal, particularmente nas grandes cidades. A reflexão permite exemplificar as produções poéticas populares das periferias e encontrar pontos de proximidade entre esse poema e o cotidiano dos leitores.

Tempo estimado: 1 hora.

Procedimentos: Vale a pena assistir à interpretação do poeta. Essa atividade também introduz a *poetry slam*, que será o fio condutor do tema. As questões podem ser respondidas na reflexão individual dos professores e, depois, os elementos relevantes deverão ser socializados em círculo de cultura sobre o tema *Rotina e profissão docente*.

A experiência de existir

Vivência e reflexão (página 110)

Objetivos e justificativa: A vivência é importante para a realização de um miniprojeto de vida, ferramenta essencial dentro da dinâmica proposta pela BNCC. A atividade permite refletir sobre o momento presente, projetando sonhos e desafios.

Tempo estimado: 15 minutos.

Procedimentos: Essa atividade individual possibilita ao professor refletir sobre suas expectativas para o futuro, o que é um primeiro passo para a construção de projetos de vida.

Vivência e reflexão (página 111)

Objetivos e justificativa: A vivência promove a construção de um miniprojeto de vida, ferramenta essencial proposta pela BNCC. Essa ferramenta poderá ser usada pelo professor, para sua organização pessoal, e pelos estudantes. O instrumento proposto é um modo simples e rápido para refletir sobre o momento presente, projetando sonhos e desafios.

Tempo estimado: 20 a 30 minutos.

Procedimentos: É importante que a atividade seja feita individualmente, mas vários professores podem estar reunidos ao mesmo tempo. Na atividade, pede-se ao professor que elabore um miniprojeto de vida. Esses objetivos deverão ser pensados para que o professor encontre as estratégias mais adequadas a fim de alcançá-los no prazo determinado. Escrever um *slogan* tem o objetivo de criar um vínculo afetivo com o projeto, ao mesmo tempo que faz a síntese do que se deseja conseguir.

Foco no saber disciplinar

Vivência didática: Uso de estratégias de leitura para a formação do leitor (páginas 115-116)

Objetivos e justificativa: Essa vivência didática surge da necessidade de modelos práticos que possibilitem fazer as discussões realizadas anteriormente. Desenvolver e manter a rotina de progredir e aprimorar-se como leitor de textos polêmicos, adotando estratégias de aproximação do texto antes, durante e depois da leitura.

Tempo estimado: 1 a 2 aulas, mais 1 hora de questionamentos para a reflexão do professor.

Procedimentos: Essa atividade, que deve ser desenvolvida com os estudantes, é seguida de questões para reflexão e construção de expectativas pelo professor, visando motivá-lo para a aplicação prática.

Vivência didática: Atividades de leitura artístico-literária (páginas 116-117)

Objetivos e justificativa: Essa atividade evidencia a análise teórica feita anteriormente, aplicando-a à Literatura. Ela visa desenvolver e manter a rotina de progredir e aprimorar-se como leitor de textos narrativos literários, adotando estratégias de aproximação do texto antes, durante e depois da leitura.

Tempo estimado: 1 a 2 aulas, mais 1 hora de questionamentos para a reflexão do professor.

Procedimentos: Como a atividade anterior, essa também deve ser desenvolvida com os estudantes. As questões para reflexão e construção de expectativas pelo professor visam motivá-lo para a aplicação prática.

Práticas interdisciplinares

Reflexão: Construindo a rotina da interdisciplinaridade (páginas 118-119)

Objetivos e justificativa: Essa reflexão surge da necessidade de pensar sobre a rotina que possibilite vincular o trabalho interdisciplinar em sala de aula à construção de uma rotina de progresso e aprimoramento pessoal e profissional.

Tempo estimado: 15 minutos.

Procedimentos: As questões e orientações devem ser respondidas e seguidas em pequenos grupos ou motivar um círculo de cultura.

Vivência didática: Poetry slam (páginas 120-121)

Objetivos e justificativa: Valorizar a cultura produzida pelas juventudes. Organizar uma batalha de versos (*poetry slam*) na escola dará oportunidade para que os estudantes expressem seus desejos, realidades e visões de mundo.

Tempo estimado: 9 aulas, distribuídas ao longo de 3 semanas, utilizando-se 3 aulas por semana mais 1 hora para a reflexão do professor.

Procedimentos: O desenvolvimento metodológico e os recursos são explicados na sequência didática. Ao final, há perguntas que motivam a reflexão. Devem ser desenvolvidas pelo professor antes da aplicação prática da proposta.

De olho na avaliação

Vivência e reflexão: Avaliação e a metodologia de aprendizagem por resolução de problemas (página 123)

Objetivos e justificativa: Essa reflexão vem da necessidade de fazermos sínteses de nossas aprendizagens, analisando-as a partir da experiência pessoal, o que possibilita construir a vivência. Permite também relacionar estratégias de avaliação à metodologia de aprendizagem por resolução de problemas, particularmente a atividade de *poetry slam*.

Tempo estimado: 1 hora.

Procedimentos: Alguns conceitos importantes sobre avaliação são retomados nessa seção, enquanto outros são ampliados. Perguntas possibilitam aos professores que façam a reflexão dos conteúdos apresentados a partir de sua vivência pessoal, o que também promoverá a síntese da aprendizagem.

Tema 6 Investigação pelas linguagens

Vivência e reflexão (página 124)

Objetivos e justificativa: A vivência funciona para a análise de conhecimentos e reflexões que se deseja fazer na seção. É importante vincular a natureza criativa dos processos investigativos. A atividade leva a pensar sobre as relações entre ciências, mudanças e linguagens valorizando o contexto histórico.

Tempo estimado: 15 a 20 minutos.

Procedimentos: A discussão pode ser desenvolvida em pequenos grupos, podendo fazer parte de um círculo de cultura.

A experiência de existir

Reflexão: O valor da dúvida, do questionamento (páginas 125-126)

Objetivos e justificativa: A reflexão nos leva a valorizar as dúvidas como parte dos processos de criatividade e planejamento, possibilitando que estejamos abertos à construção de soluções inovadoras.

Tempo estimado: 1 hora.

Procedimentos: A reflexão emerge da análise do pensamento do filósofo Ortega Y Gasset. O professor poderá fazer a leitura dessa parte anteriormente, identificando suas dúvidas e discutindo em pequenos grupos com base no roteiro proposto. Caso se escolha fazer um círculo de leitura, a canção “Onde Deus possa me ouvir”, sugerida no box *Explore*, pode ser utilizada como gatilho para as discussões.

Foco no saber disciplinar

Vivência didática: Trabalho com metodologia científica: análise documental (páginas 130-131)

Objetivos e justificativa: Essa atividade serve de modelo para o professor e possibilita ao estudante o aprendizado, de forma experimental, de como se constroem a metodologia e o discurso científicos. Visa desenvolver estratégias de pesquisa associadas aos estudos linguístico-gramaticais.

Tempo estimado: 6 aulas, distribuídas ao longo de 2 semanas, utilizando-se 3 aulas por semana mais 1 aula para a atividade seguinte de vivência e reflexão.

Procedimentos: São apresentadas as orientações sobre como essa atividade deve ser desenvolvida com os estudantes, os procedimentos e o material necessário. Ao mesmo tempo que se incentiva a aplicar essa atividade em sala de aula, propõe-se um questionamento ao professor.

Práticas interdisciplinares

Vivência e reflexão (página 134)

Objetivos e justificativa: Essa vivência surge da necessidade de construir momentos para pensar sobre essa metodologia interdisciplinar, motivando a prática. Nessa reflexão, objetiva-se relacionar a interdisciplinaridade com o planejamento de atividades seguindo a metodologia ativa do arco de Magueréz.

Tempo estimado: 15 minutos.

Procedimentos: O texto proposto deve oferecer suporte para motivar a reflexão por meio das questões. A discussão pode envolver todos os professores da área de Linguagens e suas Tecnologias.

Vivência didática: Prática de pesquisa de levantamento de dados (páginas 134-136)

Objetivos e justificativa: A atividade interdisciplinar proposta para ser aplicada com os estudantes faz parte de uma sequência didática em que a explicação é dada nessa seção e se sustenta na metodologia do arco de Magueréz. Ao definir quais os pontos-chave na proposta dessa metodologia, por vezes, é importante ter dados quantitativos sobre as atividades da coletividade na qual se deseja intervir. Por isso, é importante ter claro como fazer uma pesquisa de levantamento de dados, ou seja, aquela que descreve a distribuição das características ou de fenômenos que ocorrem em grupos de determinada localidade.

Tempo estimado: 6 aulas, distribuídas ao longo de 3 semanas, utilizando-se 2 aulas por semana. Essa atividade, embora mantenha autonomia pedagógica, foi pensada para estar inserida em outra, mais ampla, que se realize dentro da proposta do arco de Magueréz. Incluir cerca de 30 minutos para a reflexão proposta para o professor ao final da sequência didática.

Procedimentos: Como essa atividade deve ser desenvolvida com os estudantes, em um trabalho interdisciplinar, os procedimentos e material necessário são apontados. As perguntas propostas ao final da sequência didática visam à reflexão do professor antes de ele colocar a proposta em prática e podem ser discutidas com todos os professores da área de Linguagens e suas Tecnologias.

Tema 7 Sua história importa

A experiência de existir

Vivência e reflexão (página 138)

Objetivos e justificativa: Nessa vivência o objetivo é acessar o Museu da Pessoa como ferramenta para o uso em sala de aula e reconhecer nos relatos de vida momentos preciosos da existência

humana. Isso vai nos permitir valorizar as memórias individuais como elementos constitutivos do coletivo social e dignas de serem preservadas.

Tempo estimado: 1 hora.

Procedimentos: A atividade promove a síntese do que foi discutido anteriormente, ao mesmo tempo que constrói a interface com a realidade do professor. As respostas podem ser construídas pessoalmente e, depois, ser socializadas para que troquem impressões sobre o tema.

Foco no saber disciplinar

Reflexão: A construção do passado e do futuro pelo uso da língua portuguesa (páginas 141-142)

Objetivos e justificativa: A reflexão visa retomar, com olhar avaliativo, o miniprojeto de vida desenvolvido no Tema 5. São importantes esses momentos de resgate para que o projeto de vida não se perca entre nossas demandas.

Tempo estimado: 20 a 25 minutos.

Procedimentos: Os professores devem trabalhar individualmente, com ocasionais trocas de ideias entre os colegas.

Vivência didática: Elaboração de artigo de opinião (páginas 143-144)

Objetivos e justificativa: Essa atividade serve de modelo para o professor de Língua Portuguesa e possibilita ao estudante desenvolver um artigo de opinião sobre o preconceito linguístico trabalhando por rotação de estações.

Tempo estimado: 6 aulas, distribuídas ao longo de 3 semanas. Acrescentar 1 hora para análise e reflexão da atividade pelos professores.

Procedimentos: Essa atividade pede planejamento do professor para que cada estação funcione adequadamente. O tempo das estações ocupa parte de uma aula, o que significa que, no geral, não há quantidade extra de planejamento. A atividade proposta deve ser analisada pelos professores de Língua Portuguesa buscando compreender como ela promove uma aprendizagem mais ativa e centrada na autonomia do estudante. Ao final da proposta, há algumas perguntas que visam à reflexão do professor e podem ser discutidas em grupo.

Práticas interdisciplinares

Vivência didática: Elaboração de um vlog de memórias de pessoas que compõem a coletividade onde se localiza a escola (páginas 147-151)

Objetivos e justificativa: Essa atividade, que desenvolve a metodologia ativa da aprendizagem por rotação de estações, serve de modelo para o professor aplicar em sala de aula em parceria com os demais componentes da área de Linguagens e suas Tecnologias, em perspectiva interdisciplinar. Ela vincula as linguagens à construção da identidade, valorizando as características pessoais e, ao mesmo tempo, construindo um sentimento de pertencimento a determinada coletividade. Também possibilita que se promova a apreciação estética de diferentes manifestações artísticas e culturais enquanto permite acompanhar todo o processo de produção e edição de textos.

Tempo estimado: 12 a 14 aulas. Acrescentar 1 hora para análise e reflexão da atividade pelos professores.

Procedimentos: As diferentes estratégias, procedimentos e recursos didáticos empregados são apresentados no texto. Seguem-se questionamentos que motivam a reflexão do professor e devem ser conduzidos após o primeiro contato do educador com a proposta.

De olho na avaliação

Vivência e reflexão: Avaliação antes, durante e depois de uma atividade (páginas 153-154)

Objetivos e justificativa: Ao término do tema é necessário compreendê-lo à luz dos conceitos de avaliação que estão sendo desenvolvidos. Essa reflexão incide sobre a realidade do professor, transformando a experiência de vida em vivência e projetando o futuro, o que está de acordo com a proposta de construir miniprojetos de vida. Assim, propomos tanto analisar as relações entre avaliação e metodologias ativas propostas nesse tema quanto avaliar o próprio trabalho de mudança metodológica em sala de aula.

Tempo estimado: 20 a 25 minutos.

Procedimentos: Os professores devem trabalhar individualmente, socializando suas impressões ao final.

Tema 8 Convivência e linguagens

Vivência e reflexão (páginas 155-156)

Objetivos e justificativa: A atividade visa discutir a cultura de paz, liberdade e justiça. A violência é uma realidade no cotidiano de quase todos os brasileiros. Ela nos educa ao passo que se banaliza. Refletir sobre ela ajuda-nos a fazer uma escolha pelo bem e por valores em que efetivamente acreditamos.

Tempo estimado: 1 hora.

Procedimentos: A análise de uma situação real é o ponto de partida para importantes reflexões filosóficas sobre a liberdade e a paz. Há violências que nós, educadores, podemos diretamente ajudar a diminuir, como a violência contra mulheres ou idosos, por exemplo. Há violências que desafiam nossa capacidade de acolher e consolar. Mas podemos buscar diferentes modos de promover a cultura da paz. Essa atividade pode ser desenvolvida em círculo de cultura.

A experiência de existir

Reflexão: Construindo caminhos juntos (páginas 157-159)

Objetivos e justificativa: Essa reflexão surge da necessidade de pensarmos a coexistência para além do discurso vazio de ações. Apenas quando refletimos nesses termos e os relacionamos com a nossa vida, impedimos que eles se desgastem e percam seu valor. O objetivo desta reflexão é analisar dimensões práticas do comportamento ético.

Tempo estimado: 1 hora.

Procedimentos: As perguntas podem orientar discussões em grupos, inspiradas no modelo do círculo de cultura. O vídeo *Gentileza gera gentileza*, indicado na questão 6, pode ser assistido no início da reflexão, a fim de inspirar as respostas às demais questões. As análises teóricas anteriores são importantes e devem ser resgatadas no processo de reflexão dos questionamentos.

Foco no saber disciplinar

Reflexão: O Estatuto da Juventude na aula de Língua Portuguesa (página 160)

Objetivos e justificativa: É importante o professor de Língua Portuguesa conhecer e valorar o Estatuto da Juventude. Além disso, a BNCC demanda que utilizemos documentos como esse

no cotidiano didático. Essa reflexão orienta nosso olhar para a importância da participação ativa dos estudantes na vida política e social e o planejamento de ações para promover e orientar essa participação.

Tempo estimado: 20 minutos.

Procedimentos: As perguntas podem orientar um círculo de cultura ou uma discussão entre pares.

Vivência didática: Apresentação oral formal (página 167)

Objetivos e justificativa: Tanto o tema quanto o gênero discursivo selecionado e a proposta metodológica de construção do conhecimento justificam essa atividade, que serve de modelo para o professor. Pretende-se desenvolver habilidades associadas à apresentação oral que caminhem ao lado do conhecimento do Estatuto da Juventude, importante documento da vida social e política dos jovens. A atividade aplica, na prática, as discussões teóricas presentes na seção.

Tempo estimado: 6 a 8 aulas, distribuídas ao longo de 2 ou 3 semanas. Acrescentar 1 hora para análise e reflexão da atividade pelos professores.

Procedimentos: O professor deve se familiarizar com a sequência didática proposta, reconhecendo as considerações teóricas da seção. As perguntas de reflexão do final possibilitam que, antes de aplicar essa proposta em sala de aula, o professor possa analisar benefícios e desafios envolvidos.

Práticas interdisciplinares

Reflexão: Práticas colaborativas de produção textual e interdisciplinaridade (páginas 168-172)

Objetivos e justificativa: É importante promover a cultura de relacionar o que conhecemos à nossa experiência de vida. O objetivo é avaliar a importância das práticas colaborativas de produção textual nos processos de aprendizagem dos estudantes. Essa atividade justifica-se pela necessidade de construir uma reflexão, com base na experiência profissional, que promova a construção de uma vivência.

Tempo estimado: 20 a 25 minutos.

Procedimentos: As perguntas 6 e 7 iniciarão um círculo de cultura em que se deve também discutir as impressões construídas até o presente momento sobre as práticas colaborativas de produção textual.

De olho na avaliação

Reflexão: Avaliação e futuro (páginas 173-174)

Objetivos e justificativa: O desenvolvimento do conhecimento requer momentos de reflexão sobre determinadas teorias de acordo com nossa realidade como professores do Ensino Médio. Esse é um momento para vincular o professor à necessidade de repensar o futuro da cultura de avaliação.

Tempo estimado: 1 hora.

Procedimentos: As questões que motivam a reflexão aparecem entre considerações teóricas relevantes. Os professores poderão, inicialmente, ler essas informações e, depois, em pares, responder às perguntas. É importante que a atitude seja de discussão e avaliação reflexivas, tanto sobre os conteúdos veiculados quanto sobre a própria obra.

Referências bibliográficas comentadas para ampliação e aprofundamento

Livros e artigos

BACICH, Lilian; MORAN, José (orgs.). *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Porto Alegre: Penso, 2018.

- Esse livro discute práticas pedagógicas na Educação Básica com base nas metodologias ativas e centradas no protagonismo dos estudantes.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1929/2002.

- Obra clássica para a compreensão dos conceitos de gênero e da língua portuguesa com base na sua interação social, atravessada por modos de ver e compreender o mundo, como o marxismo a que se refere o título.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

- O artigo, muito reproduzido na internet, é importante por discutir as relações entre a experiência pessoal e a memória na contação de histórias e na narração.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação [on-line]*, 2002, n. 19, p. 20-28. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 7 dez. 2020.

- O artigo motiva-nos a pensar na educação com base não na teoria e na prática, mas na experiência e no sentido.

CARVALHO, José Maurício de. O conceito de circunstância em Ortega y Gasset. *Revista de Ciências Humanas*, EDUFSC, Florianópolis, v. 43, n. 2, p. 331-345, out. 2009. Disponível em: <<https://www.cidadefutura.com.br/wp-content/uploads/O-conceito-de-circunstancia-em-Ortega-y-Gasset-Jose-Mauricio-de-Carvalho.pdf>>. Acesso em: 9 dez. 2020.

- O artigo examina como José Ortega y Gasset elabora o conceito de circunstância, fundamental em sua reflexão filosófica e essencial para termos uma melhor compreensão das relações entre o *eu* e o *outro*.

EMMANUEL Lévinas – filósofo da alteridade. *Só Filosofia*. Virtuosa Tecnologia da Informação, 2008-2020. Disponível em: <http://filosofia.com.br/bio_popup.php?id=70>. Acesso em: 9 dez. 2020.

- Artigo breve sobre a vida de Emmanuel Lévinas e a origem do seu pensamento sobre o conceito da alteridade.

FRANCHI, Carlos. *Mas o que é mesmo "gramática"?* São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

- A obra apresenta quatro textos do estudioso Carlos Franchi voltados para a formação do professor competente.

IZA, Dijnane Fernanda Vedovatto *et al.* Identidade docente: as várias faces da constituição do ser professor. *Revista Eletrônica de Educação*, v. 8, n. 2, p. 273-292, 2014. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/viewFile/978/339>>. Acesso em: 7 dez. 2020.

- O artigo tem como objetivo, em uma abordagem plural (são sete autores), compreender a identidade docente.

MARCELO, Carlos. A identidade docente: constantes e desafios. *Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores*, v. 1, n. 1, p. 109-131, 9 maio 2009. Disponível em: <<https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbfpf/article/view/8/6>>. Acesso em: 7 dez. 2020.

- O artigo discute, com adequada profundidade, como as mudanças sociais afetam os docentes e sua identidade como profissionais.

OLIVEIRA, Roberta P. de; QUAREZEMIN, Sandra. *Gramáticas na escola*. Petrópolis: Vozes, 2016.

- Obra para pensar no tratamento metodológico que deve receber, em sala de aula, o estudo da gramática da(s) língua(s).

PENA, Alexandra C. Toda vida atual é encontro: contribuições de Martin Buber para a Educação. *Educação*, v. 42, n. 3, p. 506-513, set./dez. 2019. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/29874/19065>>. Acesso em: 9 dez. 2020.

- O artigo tem como objetivo apresentar os principais conceitos da obra de Martin Buber e suas implicações para o campo da educação.

ROBINSON, Ken. *O elemento*. Porto: Porto Editora, 2010.

- Ativista das escolas criativas, Ken Robinson discorre nessa obra sobre o que é a criatividade e como desenvolver o pensamento criativo.

SCALLON, Gérard. *Avaliação da aprendizagem numa abordagem por competências*. Curitiba: Pucpress, 2015.

- O livro trata da produção de instrumentos de avaliação centrados numa abordagem por competências e auxilia a formação docente.

TOMAZ, Mauro Sérgio de Carvalho. *Ortega y Gasset e Paulo Freire: um diálogo entre educação e política*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São João del-Rei. São João del-Rei (MG), 2018. Disponível em: <<https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/mestradoeducacao/Dissertacao%20Mauro%20sergio.pdf>>. Acesso em: 9 dez. 2020.

- Esse trabalho tece um diálogo entre o pensamento do filósofo espanhol José Ortega y Gasset e o do educador brasileiro Paulo Freire sobre a relação entre educação e política.

VOLLI, Ugo. *Manual de semiótica*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

- A obra aborda o funcionamento dos signos e sua influência na construção do tecido social, o modo como os textos (nas diferentes linguagens) são construídos e produzem efeitos.

Sites

BNCC Comentada para o Ensino Médio. Instituto Reúna. Disponível em: <<https://institutoeuna.org.br/projeto/base-comentada-para-o-ensino-medio/>>. Acesso em: 7 dez. 2020.

- A página explica, de modo acessível, as competências específicas e as habilidades de cada área de conhecimento da BNCC do Ensino Médio e sugere como elas podem ser desenvolvidas em diálogo com a educação integral e o projeto de vida dos estudantes.

CIÊNCIA Todo Dia. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/CienciaTodoDia>>. Acesso em: 7 dez. 2020.

- Canal no YouTube que traz temáticas relacionadas a ciência, história, tecnologia e natureza. Os vídeos podem ser usados nas aulas dos componentes da área de Linguagens e suas Tecnologias para a análise da linguagem científica.

ESTANTE do Educador. Instituto Ayrton Senna. Disponível em: <<https://institutoayrtonsenna.org.br/pt-br/conteudos/estante-do-educador.html>>. Acesso em: 7 dez. 2020.

- Biblioteca com variados *e-books* e conteúdos para uma leitura rápida, dirigida ao cotidiano do educador.

MATHEMA. *Blog*. Disponível em: <<https://mathema.com.br/blog>>. Acesso em: 7 dez. 2020.

- Embora o Mathema se dedique à educação matemática, na seção *Artigos* do *blog* há diversos textos sobre avaliação, que é um dos pontos fortes do grupo. O *blog* também apresenta leituras significativas para os educadores.

MOVIMENTO de Inovação na Educação. Disponível em: <<http://movinovacaonaeducacao.org.br/>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

- Esse *site* apresenta o movimento que apoia organizações inovadoras voltadas para a Educação Básica brasileira. É um excelente meio para que os educadores possam atualizar conhecimentos sobre inovação e fortalecer essa agenda na escola.

MOVIMENTO pela Base. Disponível em: <<https://movimentopelabase.org.br/>>. Acesso em: 7 dez. 2020.

- *Site* de grupo não governamental e apartidário que se dedica à causa da construção e da implementação da BNCC e do Novo Ensino Médio.

PORVIR. Disponível em: <<https://porvir.org/>>. Acesso em: 7 dez. 2020.

- Plataforma de conteúdos sobre inovações educacionais do Brasil. A Porvir é uma organização autônoma sem fins lucrativos que tem como objetivo “inspirar e apoiar transformações que garantam equidade e qualidade na educação a todos os estudantes brasileiros”.

Vídeos e slide

BALDIN, Renato. Montagem de exposição: da curadoria à expografia. Disponível em: <<https://www.sisemsp.org.br/blog/wp-content/uploads/2015/10/4-pilarPublicoTecnicas.pdf>>. Acesso em: 7 dez. 2020.

- Essa apresentação de *slides* explica as etapas da montagem profissional de uma exposição, que podem ser transpostas para a sala de aula.

CIRCUNSTÂNCIAS: Ortega y Gasset. Resumo animado. Inspiração, 28 ago. 2020. Vídeo (ca. 4 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gQINhISn5po>>. Acesso em: 9 dez. 2020.

- O vídeo destrincha o pensamento existencialista de Ortega y Gasset impresso em sua famosa frase “Eu sou eu e minha circunstância, e se não salvo a ela, não me salvo a mim”.

LÚCIA Santaella. TVPUC, 16 out. 2018. Vídeo (ca. 17 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=otGvMwHVKAI>>. Acesso em: 9 dez. 2020.

- Explicação dada pela professora Santaella sobre as relações entre educação, tecnologia computacional e a formação da cultura.

PROJETO Leitura Digital – Aspectos teóricos. Guten Educação, 10 maio 2016. Vídeo (ca. 12 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3CwQI5vevbE>>. Acesso em: 7 dez. 2020.

- No vídeo, a professora Roxane Rojo trata de aspectos teóricos subjacentes às práticas dos professores, diferenciando o que chama de currículo estabelecido (radicional) do webcurrículo a partir de uma perspectiva de multiletramentos.

UMBERTO Eco: o belo e o feio (história da beleza e história da feiura). Gourmeterotico, 5 jan. 2009. Vídeo (ca. 6 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OOIOkc6fSuE>>. Acesso em: 9 dez. 2020.

- Trecho de uma entrevista dada por Umberto Eco em que ele explica que os conceitos de beleza e feiura são construções semióticas e sociais que afetam e refletem as relações sociais.

Um olhar para as linguagens

🔗 O olhar na construção cotidiana do conhecimento e das relações sociais

As linguagens são as ferramentas para compreender a realidade que nos cerca e para expressar o que somos, pensamos e sentimos. Por isso, é importante pensar a atuação dos professores da área de Linguagens e suas Tecnologias como uma ação privilegiada para a (re)construção de identidades e para o aprendizado de novas formas de olhar.

O olhar, nesse caso, é entendido pedagogicamente como a ação de ler as diferentes realidades, construindo reflexões críticas, em interação com nossa visão de mundo e nossa cultura.

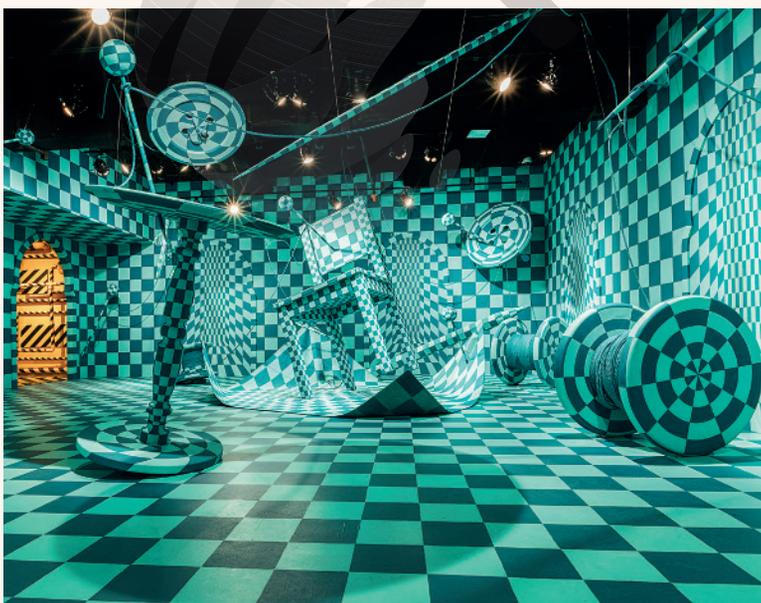
Diante dos novos desafios da formação dos estudantes no Ensino Médio, é preciso que o professor assuma novos olhares, não só para as várias linguagens, mas também para os estudantes, para si mesmo e para os outros com quem se relaciona.

Vamos agora experimentar o olhar sob a perspectiva do observador e do artista para compreendermos como a experiência de olhar se torna um significativo ato de leitura de mundo e como essa leitura articula diferentes conhecimentos e memórias. Essa habilidade de ler o mundo pode ser aprimorada em sala de aula e é essencial nos mais variados processos de leitura.

VIVÊNCIA E REFLEXÃO

Em 2020, a artista sul-coreana JeeYoung Lee (1983-) realizou, no Brasil, a exposição *Devaneios – Os mundos de JeeYoung Lee*, para a qual ela elaborou duas instalações, intituladas *The panic room (O quarto do pânico)* e *My chemical romance (Meu romance químico)*.

Durante a exposição, o público pôde circular pelas instalações e participar das ideias da artista. A experiência de olhar essas obras e interagir com elas obrigava o observador a buscar em sua memória e em seu conhecimento referências sobre o funcionamento de diversas linguagens.



Observe a imagem ao lado e a da página seguinte, que reproduzem os dois cenários, e faça anotações, se achar conveniente. Preste atenção nos detalhes, nos planos, nas cores, no título de cada obra etc. Busque referências em sua memória que possam ser associadas a essas imagens. Utilize um caderno para anotar suas percepções, seus questionamentos e suas descobertas ao longo das atividades deste livro ou, então, faça um portfólio digital e crie um espaço de compartilhamento de suas reflexões e atividades com seus colegas da área de Linguagens e suas Tecnologias.

Fotografia da instalação *O quarto do pânico*, da artista visual sul-coreana JeeYoung Lee, que compõe a exposição *Devaneios – Os mundos de JeeYoung Lee*. 7,1 m x 9 m. Farol Santander, São Paulo (SP), 2020.

Agora, responda às questões abaixo e faça anotações sobre tudo o que considerar importante na leitura das imagens.

1. Quais foram as suas impressões ao examinar a instalação *O quarto do pânico*? O que mais lhe chamou a atenção? Por quê?
2. De acordo com sua experiência de vida, a quais referências você associa essa imagem?
3. O título da obra lhe causa algum estranhamento em relação ao que é representado?
4. A quais espaços você associa essa imagem?
5. O que lhe chama a atenção na instalação *Meu romance químico*?
6. As cores utilizadas nessa instalação podem ser associadas a quê? Qual impressão elas lhe causaram?
7. Qual das duas instalações você achou mais interessante? Por quê?
8. Como você se sentiria interagindo com esses cenários?

Segundo JeeYoung Lee, as duas instalações originaram-se de suas memórias. Em *O quarto do pânico*, em que predomina a cor verde, as referências utilizadas pela artista são suas lembranças afetivas de infância. Ela explica que o objetivo era retomar o hábito que tinha quando criança de se esconder dentro dos móveis, em uma espécie de fuga, e ali inventar mundos paralelos. Ela intencionalmente mistura essas memórias com passagens de contos literários infantojuvenis famosos, como, por exemplo, *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll (1832-1898).

Em *Meu romance químico*, a artista baseou-se em lembranças mais recentes: os vários dutos que via em Seul, onde morava, na Coreia do Sul. Com base nelas, ela associou a complexidade da convivência social à imagem da canalização dos dutos, desenvolvendo uma espécie de labirinto. Assim, misturou memórias, questões sociais, linguagens da arte e o lúdico.

9. Retome suas anotações iniciais, bem como suas memórias pessoais, e identifique uma lembrança de sua vida que você considere adequada para um cenário em uma exposição como a proposta por JeeYoung Lee. Explique o motivo de sua escolha.
10. Agora reflita: como você construiria esse cenário? Faça anotações sobre suas ideias.

As memórias incluem não apenas o que a artista viveu, mas também os conhecimentos que adquiriu. Muitas vezes sentimos que aquilo que vivemos se relaciona com alguma passagem de um livro ou filme que conhecemos. Relacionamos acontecimentos pessoais ao nosso conhecimento literário, artístico, musical etc. Fazemos isso porque sentimos que, de algum modo, há elementos comuns entre a vida e a ficção e elas de algum modo se relacionam. Nesse momento, podemos pensar na famosa frase “A arte imita a vida”.

11. Retome a memória de sua vida utilizada na atividade anterior e associe-a a uma obra de ficção: romance, conto, filme ou até mesmo uma canção com que você acredita ser possível estabelecer uma relação.
12. Reveja suas anotações e reescreva-as incorporando a associação com o texto ficcional.

Nesta seção, confrontaram-se dois olhares: o seu e o da artista. Mesmo que não a conheça nem tenha visitado sua exposição, você construiu um diálogo com a obra de JeeYoung Lee. A obra tocou-o de alguma maneira e você disse algo sobre o que viu, sentiu e lembrou. O diálogo fortaleceu-se à medida que aumentou sua compreensão sobre a obra e você se permitiu acolhê-la.

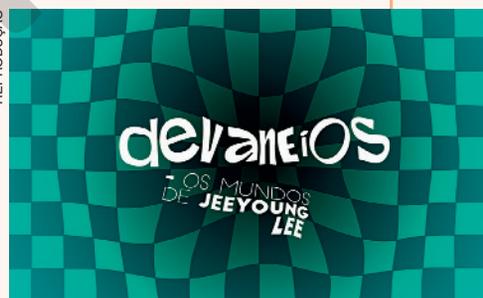


EDSON KUMASAKA

Fotografia da instalação *Meu romance químico*, da artista visual sul-coreana JeeYoung Lee, que compõe a exposição *Devaneios – Os mundos de JeeYoung Lee*. 7,3 m x 9 m. Farol Santander, São Paulo (SP), 2020.

EXPLORE

REPRODUÇÃO



Cartaz da exposição *Devaneios – Os mundos de JeeYoung Lee*. Farol Santander, São Paulo (SP), 2020.

Já imaginou entrar em um sonho de um artista? Essa é a proposta de JeeYoung Lee. *Metrópolis*, TV Cultura, 23 fev. 2020. Vídeo (ca. 3 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OriENHtqkEI>>. Acesso em: 8 out. 2020.

Até então inédita na América Latina, a artista sul-coreana JeeYoung Lee resolveu montar no Brasil, dentro da exposição *Devaneios – Os mundos de JeeYoung Lee*, as instalações *O quarto do pânico* e *Meu romance químico* e permitir, pela primeira vez, que o público mergulhasse em seus cenários, que expressam seus devaneios e suas experiências. Acesse o vídeo e conheça outros detalhes sobre a artista.

A experiência de existir

Um olhar que dialoga

Seja diante de uma obra de arte ou das pessoas com quem lidamos em nosso cotidiano, seja para compreendermos o que nos move ou o que define nossa identidade, precisamos desenvolver um olhar aberto ao diálogo. Para iniciar nossa reflexão, responda às questões a seguir. Registre suas ideias em seu caderno de reflexões ou em um portfólio digital, pois retomaremos essas questões no final desta seção.

1. Em sua opinião, o modo como vemos as coisas pode ser ensinado? Por quê?
2. O que é necessário para desenvolvermos um “olhar que dialoga”?

Viver é também uma leitura. “Ler a vida” é essencial para que possamos escrever melhor nossa própria história. Um dos desafios do professor de Língua Portuguesa é possibilitar aos estudantes a compreensão e o uso adequado da transposição entre a leitura da vida e a leitura de textos produzidos por diferentes linguagens. Naturalmente, há diferenças entre a leitura da vida e a das linguagens. Uma delas é que a das linguagens é intermediada pelos signos. Neste momento, porém, vamos analisar as semelhanças entre elas.

AMPLIANDO

Signos

Consideramos signos os elementos dotados de significado que representam a realidade. Por exemplo, são signos que representam a realidade do fogo:

- a fumaça que vemos ao longe e que nos indica que há fogo;
- o desenho de uma labareda de fogo;
- a palavra *fogo* na língua portuguesa.

Um dos signos com que trabalhamos na aula de Língua Portuguesa é o signo linguístico, que estabelece uma relação puramente *convencional* entre o signo e seu significado. Estes apresentam sempre uma dupla face: o significado (ou conceito), isto é, a imagem mental do fogo, por exemplo, e o significante (a imagem acústica que representa esse conceito), os sons que produzem a palavra *fogo* e a sua representação gráfica por meio da escrita, por exemplo.

Contudo, os signos linguísticos não são os únicos que ocupam espaço nas aulas de Língua Portuguesa. São muitas as linguagens e formas de comunicação, por exemplo, por meio de tecnologias digitais (vídeos, *vlogs*, textos multissemióticos, áudios etc.). Por isso, se faz necessário ampliar o trabalho com as diversas linguagens.

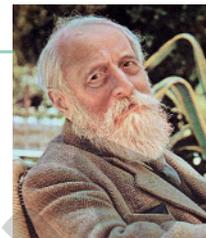
Ler o mundo, o que inclui ler a nós mesmos, aos outros e a tudo o que está ao nosso redor, é desafiador. Significa

estar atento ao que existe e acontece em nosso entorno entendendo que transformamos a realidade em signos e estes trazem consigo diferentes significados.

O pensamento do educador e filósofo Martin Buber pode nos ajudar a compreender melhor este tema.

PERSONALIDADE

Martin Mordechai Buber (1878-1965) foi jornalista, filósofo, teólogo e pedagogo. Nasceu em Viena, na Áustria, e era naturalizado israelita. A base de seu pensamento defende que o diálogo é a única solução para um mundo marcado pela intolerância e pela violência.



O filósofo Martin Buber em 1960.

UNIVERSAL HISTORY
ARCHIVE/UG/GETTY IMAGES

Para esse pensador, qualquer pessoa tem sempre a possibilidade de cultivar um relacionamento por meio do diálogo de forma plena, isto é, envolvendo pensamentos, sensações e afetos. O diálogo, para Buber, não é uma conversa que se dá do mesmo modo entre o locutor e o interlocutor. O diálogo envolve, principalmente, a disposição para acolher o outro na sua individualidade, que é sempre diferente da nossa. Significa cultivar um olhar, no nosso íntimo, que busca o melhor naquilo que vê e compreende o outro como realidade, e não apenas como um adendo de quem somos.

Quando o melhor de quem eu sou encontra o melhor do outro, visto como alguém real e diferente de mim, alinhamos pensamentos e emoções, fazendo-os seguir em uma mesma direção. Isso não significa concordar em tudo, mas abrir-se ao aprendizado de valorizar e respeitar o que é diferente no outro para assumir a construção de quem somos.

Muitas vezes, deparamos, por exemplo, com um estudante que deseja tanta atenção que chega a nos irritar com seu mau comportamento. Nossa atitude de ser rude com ele talvez fosse o primeiro impulso. No entanto, se valorizarmos o que é diferente nele, podemos enxergar de outra maneira a situação:

- Por que esse estudante se comporta assim?
- Quais habilidades esse estudante exige de mim? Como posso desenvolvê-las?
- Onde posso encontrar o suporte necessário para resolver a situação?

O diálogo começa com a possibilidade de aprender a olhar o outro com um olhar que se destina a fazer de nós

pessoas melhores. Isso significa que ouvir o outro envolve compreender e respeitar o fato de que esse outro não sou eu e não lê a vida como eu a leio. Quando escuto atentamente o outro, dialogo com a sua realidade.

O diálogo como proposto por Buber é a interação entre as pessoas em duas direções:

- eu com o outro;
- eu comigo mesmo.

O outro é compreendido como um conceito bem amplo, que envolve tanto as pessoas como os animais, as plantas e as coisas. É claro que, para Buber, há diferenças entre dialogar com outro ser humano e dialogar com a natureza ou as coisas, porque os seres humanos participam do processo de interação compreendendo (ou buscando compreender) esse diálogo e podem responder de modo mais completo e interativo.

No entanto, ao dialogarmos com as realizações humanas, como com as obras de arte ou a natureza, temos de saber fazer as perguntas adequadas que nos possibilitem a escuta e a interação. Podemos complementar as ideias desse filósofo com as de outro filósofo da linguagem, Mikhail Bakhtin:

Entender um objeto é entender meu dever em relação a ele (a atitude ou posição que devo tomar em relação a ele), isto é, entendê-lo em relação a mim mesmo [...], e isso pressupõe minha participação responsável, e não uma abstração de mim mesmo. É só dentro da minha participação que o Ser pode ser entendido como um evento, mas esse momento de participação única não existe dentro do conteúdo, visto na abstração do ato enquanto ação responsável.

BAKHTIN, M. M. *Toward a philosophy of the act*. Translated by Vadim Liapunov. Austin: University of Texas Press, 1993. p. 18. Tradução do autor para o português.

PERSONALIDADE

Mikhail Bakhtin (1895-1975) nasceu em Moscou, na Rússia, e foi filósofo e um dos mais importantes pensadores da linguagem humana na sua interface com a realidade psicossocial, na qual nos constituímos como sujeitos. Reuniu ao seu redor uma rede de estudiosos com preocupações similares, o chamado **círculo de Bakhtin**. Uma das suas contribuições para o estudo da linguagem humana foi o **sociointeracionismo**, com a concepção de que a linguagem é o resultado de um processo social e histórico dos locutores e interlocutores, uma vez que o ser humano é um ser social que interage por meio dos discursos. Nesse sentido, todo enunciado sempre leva em conta os aspectos sociais, históricos, culturais e ideológicos dos indivíduos que participam dessa interação.



O filósofo Mikhail Bakhtin nos anos 1920.

CCO 1.0/WIKIMEDIA FOUNDATION

Assim como Buber, Bakhtin compreende que apenas com uma participação responsável podemos entender a reação do outro em relação a nós. É uma responsabilidade de leitura que cabe ser pensada na escola, na área de Linguagens e suas Tecnologias, quando ela se propõe a desenvolver os modos de o estudante ler as diferentes linguagens (verbais, visuais, corporais etc.).

Por esse motivo, Buber conclui ser necessário considerar o outro, qualquer que seja ele, como um *tu*, não como um *isso*. E não é um exercício fácil o que ele propõe.

Buber acompanhou, na sua época, os horrores dos campos de concentração. Ele conseguiu fugir da Alemanha, em 1938, e se fixar em Jerusalém. Mais tarde, também viu de perto os problemas da convivência entre judeus e árabes. Ele soube, pela sua experiência pessoal, como é difícil comprometer-se com a realidade em que se vive para ouvir o que ela diz e transformá-la por meio do compromisso e da ação.

O problema maior é considerarmos o outro como se não fosse tão importante ou digno em relação a nós, é não construirmos o outro dentro de nós como uma realidade diferente de quem somos, mas que acolhemos.

Buber chama esse tipo de relacionamento de **experienciação**. E como ele funciona? Aproximamo-nos dos outros apenas para ter contato com uma simples experiência, mas não para uma participação ativa nessa realidade complexa que compõe o mundo. De algum modo, perdemos um pouco de nossa humanidade.

Reflita agora sobre as ideias de Martin Buber que você acabou de ler. Durante a reflexão sobre as questões a seguir, anote os pontos que considerar pertinentes e sobre os quais gostaria de voltar a pensar.

3. Martin Buber propõe uma reflexão sobre como nos relacionamos com outras pessoas. Como esse pensamento dialoga com a realidade da sala de aula?
4. O que você considera importante para que uma pessoa acolha o outro tal como ele é?
5. De que modo você procura exercitar esse acolhimento no seu dia a dia?
6. Quais indivíduos são muitas vezes tratados como isso e não como um *tu* na sua região? Como isso acontece? Por quê?
7. Como a relação com a arte pode ser de diálogo, e não de simples experienciação?
8. Em sua opinião, quais são as atitudes de uma pessoa que se relaciona consigo mesma em uma atitude de experienciação?

No início desta seção, você respondeu às questões 1 e 2, sobre a importância de educar o olhar. Após conhecer as considerações de Buber, retome essas questões e analise: o que mudou em relação a seus posicionamentos iniciais? O que você considera que ainda persiste? De que maneira isso poderia ser resignificado?

Foco no saber disciplinar

As múltiplas linguagens em nosso cotidiano

Ressaltamos, anteriormente, a importância de desenvolvermos um olhar que dialoga com o mundo ao nosso redor. Estas primeiras décadas do século XXI foram marcadas pela congregação de uma diversidade de linguagens e culturas. Como professores de Língua Portuguesa, precisamos cultivar um novo olhar em nossa prática docente diante dessa realidade.

Não é possível mais analisar os textos e seus gêneros, em sala de aula, sem analisar o modo como as linguagens se misturam em nosso cotidiano, incluindo a existência de gêneros híbridos e a sua relação com as tecnologias digitais. Já não podemos falar na relação do indivíduo com a linguagem, mas com as **linguagens**, em um processo em que a multiculturalidade das sociedades se traduz em gêneros discursivos que fazem uso de múltiplas linguagens.

Sabemos que as linguagens, inclusive a língua materna, se realizam em acontecimentos sociais e é nesse agir em sociedade que as linguagens devem ser estudadas. Vamos ver agora como essas diversas linguagens se realizam e se complementam na prática social de uma exposição de arte.

Em 2019, o Museu de Arte de São Paulo (Masp) realizou duas exposições simultâneas, intituladas *Histórias das mulheres: artistas até 1900* e *Histórias feministas: artistas depois de 2000*.

Vista da exposição *Histórias feministas: artistas depois de 2000*. Museu de Arte de São Paulo (Masp), 2019. Na imagem, é possível ver múltiplas linguagens em comunhão.



EDUARDO ORTEGA – ARQUIVO DO CENTRO DE PESQUISA DO MASP

O evento foi amplamente divulgado nas mídias por meio de diversos artigos de jornal, físico e virtual, bem como por postagens em diferentes redes sociais.

Expor é sempre revelar algo ao olhar e um convite para que possamos agir com responsabilidade às obras expostas. Qualquer exposição de arte envolve publicidade em mídias diversas, como revistas, rádio e internet, para que as pessoas saibam o que será exposto. Uma exposição envolve também a publicação de catálogos, artigos e reportagens jornalísticas, além de outros textos escritos, como pôsteres, ingressos e quadros explicativos que facilitam a interação do público com as obras. A própria seleção das obras, a iluminação, a sonoplastia, entre outros elementos técnicos, estão presentes com seus códigos específicos a fim de que se realize a exposição, que é, ao mesmo tempo, um evento social e um texto que comunica ideias. Assim, podemos afirmar que uma exposição de arte é uma prática social composta de *múltiplas linguagens*.

Gêneros discursivos remetem-nos a um conceito amplo: são reconhecidos pela forma de composição dos textos a eles pertencentes, pelos temas e funções que viabilizam e pelos estilos das linguagens.

AMPLIANDO

Linguagem

É todo sistema de signos que os seres humanos utilizam para produzir sentido e expressar sentimentos, pensamentos e informações, representando suas experiências e conhecimentos. Uma das características de toda linguagem é que ela é dialógica, ou seja, permite construir uma reflexão sob a forma de diálogo com outros textos.

Além das linguagens artísticas, como a pintura, a escultura e a fotografia, temos também a jornalística, a publicitária, a literária e a audiovisual, entre outras, tanto na modalidade oral quanto na escrita. E não podemos esquecer da linguagem expográfica.

AMPLIANDO

Linguagem expográfica

Trata-se de uma linguagem que procura construir um *design* específico que traduz os programas de uma exposição. Assim, a linguagem expográfica encarrega-se da programação visual, dos sistemas de iluminação, da circulação das pessoas, entre outros aspectos.

Uma das salas da exposição *Devaneios – Os mundos de JeeYoung Lee*. Farol Santander, São Paulo (SP), 2020.



EDSON KUMASAKA

O Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), em seu *site*, explica:

Criadas e apresentadas de muitos modos e sob inúmeros formatos, as exposições não estão restritas a espaços fechados, cobertos, construídos ou edificados. São muitas as possibilidades para a exposição, que pode acontecer também em espaços abertos – como parques e ruas – ou mesmo virtualmente.

INSTITUTO Brasileiro de Museus. Expografia. Disponível em: <<https://sabermuseu.museus.gov.br/expografia/>>. Acesso em: 22 set. 2020.

VIVÊNCIA E REFLEXÃO

1. Imagine a realização de uma exposição de arte que reflita questões pertinentes à região onde você mora. Faça uma lista dos temas que poderiam ser abordados e peça a seus colegas da área de Linguagens e suas Tecnologias que também o façam.
2. Converse com seus colegas de área sobre as listas feitas por vocês. Identifiquem o que motivou as escolhas de cada um. A seguir, juntos, escolham um dos temas citados. Por que uma exposição sobre esse tema seria oportuna? A quais coletividades ela interessaria?
3. Identifique uma obra de arte, independentemente da origem dela, que você gostaria que estivesse presente nessa exposição. Explique por que a escolheu.
4. Quais linguagens você usaria para realizar a exposição e divulgá-la na sua região?

Essa troca com os colegas de área é proveitosa pois possibilita desenvolver um olhar sobre a interdisciplinaridade ao mesmo tempo que se cria uma sequência didática conjunta que reúne as múltiplas linguagens.

Toda prática social – uma exposição de arte, uma aula, uma viagem etc. – é também uma prática de linguagem, que acontece em determinado tempo e lugar, com uma finalidade social específica.

Como vimos, as linguagens são dialógicas, e é nesse diálogo que se negocia o sentido, uma possibilidade de significado desses diferentes signos, vistos como unidade.

Observe, como exemplo, a imagem ao lado:



Página de abertura do *site* do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

REPRODUÇÃO/IPHAN GOVERNO FEDERAL

Repare, na imagem da página anterior, como a fotografia de uma Cavalhada complementa a informação lateral “Detentores participarão de consulta sobre o Registro das Cavalhadas”, permitindo uma identificação imediata pelo leitor do objetivo do próprio *site*. Além disso, a linguagem interage com a diagramação, ou seja, com o modo como o texto se distribui no espaço. Com um simples clique podemos chegar a muitas outras informações do patrimônio mundial e, particularmente, do Brasil. O leitor pode selecionar as informações que considera mais pertinentes, sem seguir uma ordem predeterminada.

O leitor reconhece também os hipertextos, nos quais poderá clicar para obter informações sobre outros temas, tais como *programa*, *materiais*, *cursos* e *notícias*. No ambiente digital, a leitura se dá de forma não linear, pois o internauta pode visitar os hipertextos na ordem que desejar. Ele também identifica outras informações, como o fato de o nome do *site* apresentar-se como a origem das informações presentes. São as diversas linguagens interagindo juntas para construir o sentido.

AMPLIANDO

Cibercultura

No desenho de multissemioses que estamos esboçando, desparamos com o conceito de cibercultura, entendida como um conjunto de atitudes que as pessoas desenvolvem no contato com a tecnologia. Uma das mais importantes estudiosas da linguagem, a professora Lucia Santaella explica:

A cibercultura está umbilicalmente ligada à mundialização em curso e às mudanças culturais, sociais e políticas induzidas por essa globalização. Ela se apoia sobre esquemas mentais, modos de apropriação social, práticas estatísticas muito diferentes das que conhecemos até agora. A navegação abstrata em paisagens de informações e de conhecimentos, a criação de grupos de trabalho virtuais em escala mundial, as inúmeras formas de interação possíveis entre os ciberculturas e seus mundos virtuais criam enorme quantidade de comportamentos inovadores cujas consequências sociais e culturais ainda não puderam ser suficientemente estudadas.

SANTAELLA, Lucia. *Linguagens Líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007. p. 126.

CONVERSANDO COM A BASE

Os quatro eixos correspondentes às práticas de linguagem organizados na BNCC no Ensino Fundamental mantêm-se no Ensino Médio: leitura, produção de textos, oralidade (escuta e produção oral) e análise linguística/semiótica. A diferença é que, no Ensino Médio, espera-se que essas práticas sejam consolidadas e tratadas sob uma perspectiva mais complexa.

Os campos de atuação social propostos para contextualizar as práticas de linguagem no Ensino Médio em Língua Portuguesa são cinco: vida pessoal; artístico-literário; práticas de

Há, em circulação social, muitos gêneros discursivos compostos de múltiplas linguagens (ou modos ou semioses): artigos de revistas, matérias jornalísticas na televisão, programas de rádio etc. Esses gêneros, denominados **multimodais** ou **multissemióticos**, solicitam variadas habilidades e práticas de compreensão e de produção para construir seus significados. É preciso deixar claro que a multimodalidade não se restringe às práticas relacionadas às tecnologias digitais. Nossa fala, por exemplo, é multimodal, porque mistura e hibridiza diferentes linguagens.

Agora reflita:

1. A quais textos multimodais ou multissemióticos você geralmente tem acesso em seu cotidiano?
2. Em sua opinião, é importante trabalhar tais textos em sala de aula? Por quê? Como realizar esse trabalho?

Nossa proposta, neste livro, é levá-lo a refletir sobre essas habilidades e práticas e sobre como elas podem se articular com sua atividade docente.

Inovação, no entanto, nem sempre significa progresso. Algumas inovações na indústria de armas, por exemplo, aumentaram a possibilidade de morte em grande escala. Por outro lado, inovações no campo da medicina promoveram uma melhoria das condições de vida de milhões de pessoas.

Apropriar-se da cibercultura como espaço de realização de múltiplas linguagens, incluindo as linguagens tecnológicas e digitais, apesar de ser um campo ainda carente de estudos, promoverá uma interação mais real e atualizada com as linguagens e ampliará a atuação social dos estudantes, como é proposto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

1. Como você pode incluir, de modo produtivo, no planejamento de suas aulas a cibercultura no estudo de linguagens?
2. O que esses conhecimentos podem desenvolver em seus estudantes?

estudo e pesquisa; jornalístico-midiático; e atuação na vida pública. Partindo-se dos campos de atuação social, espera-se que o estudante relacione seus conhecimentos de Língua Portuguesa com o mundo em que vive.

O que se deseja organizando a aprendizagem dos estudantes desse modo é que eles possam vivenciar as diferentes linguagens em situações de uso, na realidade social onde circulam. Teoria e prática devem caminhar juntas, uma não deve apagar a outra.

Práticas interdisciplinares

As exposições escolares

Além de as atividades de exposição escolar possibilitarem a utilização de múltiplas linguagens, elas podem integrar as várias áreas de conhecimento. Antes de discutirmos sobre as exposições escolares, reflita:

1. Na sua escola, é comum a exposição de trabalhos e de produções dos estudantes? Existe um planejamento detalhado das etapas de execução?
2. Que benefícios para o aprendizado dos estudantes você encontra nessa prática?

Além dos museus e das galerias, a escola costuma realizar exposições de arte como estratégia de aprendizagem. Geralmente, as produções dos estudantes, nas mais variadas linguagens, aparecem expostas em espaços fora da sala de aula: *hall* de entrada, corredores, biblioteca, pátio etc. Toda a escola torna-se um espaço plural de vivências educativas.

Contudo, organizar uma exposição de arte que aproxime os estudantes das situações reais de uso, que ocorrem fora dos muros da escola, exige planejamento e a contribuição interdisciplinar de outros componentes curriculares, principalmente os da área de Linguagens e suas Tecnologias. Isso porque, como vimos, toda exposição pode ser considerada um grande texto multimodal que se realiza como evento com a participação de outros muitos textos.

Para que a experiência da exposição de arte ocorra do mesmo modo como essa prática social se realiza fora da escola, ela deve ser cuidadosamente planejada, pois envolve uma série de produções multissemióticas, com temas e formas que podem promover a colaboração de professores de áreas de conhecimento diferentes.

A seguir, sugerimos algumas etapas que devem ser pensadas para a realização de uma exposição escolar de arte que promova uma vivência mais próxima possível daquela das exposições que ocorrem fora da escola.

1. Delimitação do tema e critérios de avaliação

Imaginemos que os estudantes exporão suas criações de gêneros sobre determinado tema proposto. No caso de uma exposição, podem ser elaborados poemas, microcontos, verbetes poéticos, enfim, gêneros com os quais os estudantes se sintam estimulados a escrever. Considere a realidade local da escola e dos estudantes (os espaços, os anseios dos jovens, a realidade do entorno e os tópicos do currículo abordados no momento) a fim de adequar o que considerar necessário na proposta.

A avaliação do trabalho pode levar em conta, em Língua Portuguesa, dois critérios previamente definidos com os estudantes:

- a. A compreensão de determinados conhecimentos curriculares de Língua Portuguesa e a habilidade de transpô-los para outras situações.
- b. O desenvolvimento criativo do tema proposto.

Nas aulas de Arte, os estudantes podem utilizar técnicas de criação aprendidas para conceber obras que estabeleçam um diálogo com os gêneros produzidos. Eles podem se agrupar em duplas ou trios e fazer a criação artística para os próprios gêneros produzidos por eles, assumindo o duplo processo de autoria, ou trocá-los entre si, para que os colegas possam interpretar as obras escritas por meio das artes visuais.

A avaliação, no componente Arte, poderá considerar dois critérios:

- a. A aplicação de determinadas técnicas artísticas a uma situação específica de produção textual.
- b. O desenvolvimento criativo do tema e da produção artística proposta.

2. Atividade de imersão em uma exposição de arte

Antes de iniciar o projeto ou durante seu desenvolvimento, reserve momentos para que os estudantes conheçam a realidade de uma exposição de arte, se possível, organizando visitas a exposições presenciais ou virtuais para que observem aspectos da estrutura, como a apresentação, o cenário, o critério de seleção das obras, as informações sobre elas, como são expostas etc. Você pode também pedir a eles que procurem em mídias digitais ou impressas reportagens, críticas de arte e divulgação sobre determinada mostra que esteja sendo realizada no momento.

EXPLORE

ERA Virtual. Disponível em: <<https://www.ervirtual.org/>>. Acesso em: 16 out. 2020.

O *site* oferece visitas a museus e patrimônios da humanidade com o intuito de divulgar e promover o patrimônio cultural brasileiro.

GOOGLE Arts & Culture. Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/>>. Acesso em: 10 out. 2020.

A plataforma utiliza a tecnologia do *street view* para proporcionar visitas virtuais gratuitas interativas a galerias de arte do mundo todo. Além disso, oferece informações sobre história da arte, compila obras de artistas importantes e divide os acervos por temas.

3. A curadoria da produção das obras

Antes de tudo, uma exposição de arte exige pensar no trabalho de curadoria das obras que serão expostas. A **curadoria** é o trabalho de seleção das obras dos artistas, possibilitando que ganhem relevância e sejam assimiladas pelo público.

1

Curadoria

O curador de arte é aquele que cuida, seleciona, organiza e exhibe determinada exposição. Esse processo inclui tanto a concepção da mostra como a sua gestão. Ela pode ser realizada pelo professor que iniciou o projeto ou a responsabilidade pode ser compartilhada com outros professores e estudantes, o que parece ser mais adequado.

3

Comissão de seleção

Uma comissão avaliadora de dois ou mais professores pode ser criada para fazer essa etapa da curadoria, mas seria interessante, também, incluir alguns estudantes nesse processo. A comissão deve definir os critérios com base nos quais os trabalhos serão selecionados. Esses critérios podem ser diferentes daqueles aos quais se atribuiu um valor no processo de avaliação. Podem ser mais simples. Nesse caso, essa divisão de critérios definidos pela comissão avaliadora deve ser cuidadosamente explicada aos estudantes.

2

Critérios de seleção dos trabalhos

Embora seja possível, por motivos pedagógicos, incluir todos os trabalhos de arte apresentados, muitas vezes é mais produtivo considerar critérios claros de seleção, que devem ser definidos antes de os estudantes realizarem a atividade: pode ser o tema, o estilo, uma dimensão geográfica ou social. Definir esses critérios e avaliar os trabalhos apresentados é tarefa do curador.



MACROVECTOR/
SHUTTERSTOCK

4

Habilidades a ser desenvolvidas

Os critérios devem considerar as habilidades a ser desenvolvidas no período que envolve a realização do evento. Baseando-nos na BNCC, podemos nos orientar por competências e habilidades comuns a diferentes conteúdos curriculares da área de Linguagens e suas Tecnologias e por habilidades específicas da Língua Portuguesa. Uma exposição de arte pode privilegiar uma única linguagem ou fazer interagir diversas linguagens artísticas, tais como literatura, artes visuais, fotografia e música. Caberá aos curadores da exposição, neste caso os professores dos diversos componentes e estudantes, definir as competências e habilidades a ser desenvolvidas.

Os espaços da exposição

Os espaços (físicos e/ou virtuais) serão ocupados por obras variadas que comporão uma exposição com textos em diferentes linguagens. Por isso, os curadores devem procurar um espaço que seja adequado para a colocação de painéis, apoios e bases para objetos artísticos, feitos de preferência pelos estudantes com a ajuda do professor de Arte.

5



4. Outros aspectos organizativos da mostra

A organização da mostra consiste em pensar como as obras serão expostas e quais serão os cuidados necessários para a sua preservação (controle de luz, temperatura e umidade, por exemplo), o mobiliário, a circulação do público, a segurança das pessoas e das peças, entre outras preocupações com que, possivelmente, o professor de Arte estará familiarizado.

Os estudantes devem ser estimulados, nesse processo, a ser agentes que usam criativamente a produção de determinados gêneros, ou seja, formas interacionais tipificadas (que obedecem a certos padrões).

Por exemplo, a comunicação, em uma mostra, deve ter como objetivo, além de aproximar o público, instigando-o à reflexão, apresentar informações sobre as obras, localizando-as em um contexto. Uma legenda com título, autor e data pode vir acompanhada de informações sobre o tema, a obra ou a história do trabalho realizado.

Observe, na imagem a seguir, a legenda de uma obra de arte que também é apresentada em uma versão em inglês:



No detalhe, legenda da obra *Lindonéia, a Gioconda do subúrbio*, de Rubens Gerchman. Pinacoteca do Estado de São Paulo (SP), 2020.

As exposições escolares possibilitam trabalhar uma grande quantidade de gêneros discursivos, em múltiplas linguagens, em vários espaços de circulação social: cartazes de divulgação, convites para a mostra, resenhas, catálogos físicos e virtuais etc.

Dessa forma, os estudantes podem compreender as circunstâncias sociais e históricas em que esses gêneros se realizam.



Cartaz publicitário da exposição de arte *Discover Rembrandt: his life and all his paintings* (Descubra Rembrandt: sua vida e todos os seus quadros) afixado em um poste em Amsterdã, Países Baixos, em 2019.



Jovem lê um cartaz explicativo da exposição *Aos olhos de Caymmi*, com ilustrações assinadas por Dorival Caymmi, inspiradas em canções de sua própria autoria. Foyer do Teatro Castro Alves, Rio de Janeiro (RJ), 2015.

Agora, proponha a seus colegas de área uma discussão e reflexão sobre as questões a seguir, com base na realidade de sua escola. Vocês podem fazer anotações em forma de esquemas, escrevendo o que julgarem necessário para ser considerado em seu planejamento de área.

3. Como podemos planejar uma exposição de arte com trabalhos feitos pelos estudantes, nos componentes curriculares que compõem a área de Linguagens e suas Tecnologias, particularmente Língua Portuguesa e Arte?
4. De que forma seria possível envolver o professor de Língua Inglesa no projeto? Qual seria a alternativa para utilizar os conhecimentos desse componente? Há mais possibilidades de envolver outros componentes curriculares?

O importante é que o evento integre as aprendizagens do planejamento de modo articulado ao desenvolvimento do currículo. Isso permite que diferentes períodos escolares tenham modos diferentes de se organizar e de realizar as exposições.

Uma turma que esteja trabalhando com artigos de opinião, por exemplo, pode produzir resenhas de arte ou de literatura, lembrando que criticar não é listar defeitos, mas auxiliar o leitor a ler melhor a obra de arte. Essa pode ser uma atividade importantíssima para a formação argumentativa dos estudantes.

5. Retome seu texto sobre a construção de um cenário artístico a partir de uma memória importante de sua vida. Considere agora que essa obra de arte integraria uma exposição: como deveria ser a iluminação dela? O que deveria vir escrito em sua legenda? Haveria outros textos escritos? Se sim, quais? Haveria alguma música de fundo? Se sim, qual? Por quê? Quais outros detalhes deveriam ser pensados para a exposição da obra?

Tome nota de suas ideias e utilize-as para identificar aspectos em comum com o trabalho de exposição de arte proposto para ser realizado com os estudantes.

CONVERSANDO COM A BASE

A área de Linguagens e suas Tecnologias estabelece sete competências específicas a ser desenvolvidas nessa etapa da aprendizagem do estudante no Ensino Médio. Você poderá encontrá-las na BNCC acessando: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#medio/a-area-de-linguagens-e-suas-tecnologias>>. Acesso em: 10 out. 2020.

Espera-se que, ao trabalhar a competência específica 1 na atividade proposta, os estudantes, ao longo do Ensino Médio, possam:

1. Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.

A partir dessa competência, são desenvolvidas cinco habilidades, que você poderá relembrar consultando o item 5.1.1. Linguagens e suas Tecnologias no Ensino Médio: competências específicas e habilidades no *site* da BNCC, disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#medio/linguagens-e-suas-tecnologias-no-ensino-medio-competencias-especificas-e-habilidades>>. Acesso em: 16 out. 2020.

Em linhas gerais, espera-se que os estudantes aprendam como as múltiplas linguagens funcionam na sociedade e se realizam por meio de textos, de diferentes gêneros, em práticas sociais, como foi apresentado neste tema, ao estudarmos a exposição de arte. Observe como é possível mobilizar as seguintes habilidades da competência específica 1:

EM13LGG101 Seu fazer docente promoverá a compreensão e a análise dos diferentes processos de produção e circulação social das linguagens nos diferentes discursos próprios do campo artístico-literário, mas também dos discursos associados ao tema da exposição. Isso possibilitará que o estudante faça escolhas fundamentadas em interesses pessoais e coletivos.

EM13LGG102 A escolha cuidadosa do tema da exposição permite que o estudante analise variadas visões de mundo, conflitos de interesse, preconceitos e ideologias veiculados nas diferentes mídias associadas ao campo artístico-literário, ampliando as possibilidades de explicação, interpretação e intervenção crítica. Isso, é claro, dependerá do tema selecionado para a exposição e do modo como a atividade for conduzida.

EM13LGG103 O estudante também poderá analisar o funcionamento dos textos multimodais e o que eles exigem tanto de quem os lê como de quem os produz.

EM13LGG104 Participar das diferentes atividades em uma exposição de arte permitirá ao estudante utilizar as diferentes linguagens, para a compreensão e produção de textos e discursos no campo social artístico-literário.

EM13LGG105 Dependendo das possibilidades e dos objetivos propostos, o estudante tem também a oportunidade de, como nos diz essa habilidade, analisar e experimentar diversos processos de remediação de produções multissemióticas. Isso porque promover o olhar para o outro, atualmente, é também olhar para a inovação tecnológica.

Como vemos, a realização interdisciplinar de uma exposição de arte possibilita aos estudantes vivenciar o modelo social das exposições de arte, que envolve diferentes aspectos que devem ser planejados. Nessa atividade, temos a oportunidade de desenvolver quase todas as habilidades da competência específica 1 da BNCC do Ensino Médio.

Exposição de arte

Planejar uma exposição de arte de modo interdisciplinar permitirá ao estudante experimentar as discussões associadas ao fazer estético e à divulgação do evento. Ele também compreenderá como é organizada uma exposição e o que acontece nela e conhecerá alguns gêneros textuais que dão suporte ao evento, de modo a reforçar a ideia de que a vida em sociedade se constrói por meio das diferentes linguagens.

Além disso, a organização dessa exposição promoverá o desenvolvimento de diversas habilidades cognitivas e socioemocionais, de maneira a articular conhecimentos curriculares específicos de diferentes áreas do saber.

Adequando as habilidades EM13LGG101 a EM13LGG104 da BNCC para essa atividade em um plano de aula, poderíamos, por exemplo, propor os seguintes objetivos:

- Compreender e analisar processos de produção e circulação de discursos associados à produção de uma exposição de artes, em diferentes linguagens: verbal, artística, expográfica, publicitária.
- Analisar visões de mundo nos discursos associados à arte e à literatura, veiculados em diferentes mídias, ampliando as possibilidades de interpretação e intervenção crítica da e na realidade.
- Analisar o funcionamento dos textos multimodais e o que eles exigem de quem os lê e os produz.
- Produzir criticamente discursos em textos de diversas semioses, relacionando artes visuais e literatura.
- Utilizar diferentes linguagens, observando seus funcionamentos, para compreender e produzir textos e discursos nos campos artístico e literário.

As atividades propostas permitem também ao professor promover o desenvolvimento de habilidades socioemocionais dos estudantes, como ser colaborativo ao participar dos trabalhos em grupo.

Tomando como ponto de partida o texto literário, alguns dos conteúdos que poderiam ser trabalhados nessa proposta são:

- a. conceito de literatura;
- b. paródia e releitura literária;
- c. relações entre produção linguística e vida social;
- d. os discursos que fazem parte da organização de uma exposição de arte;
- e. entrevista em vídeo: do planejamento à realização;
- f. gêneros discursivos diversos como: textos literários (poemas/microcontos), catálogo de arte, entrevista (em vídeo), resenha etc.

Desse modo, definidos o conjunto de habilidades e os conteúdos, o professor poderá avaliar algumas ações essenciais do estudante:

- (1) síntese feita ao final das aulas, com base nas perguntas orientadoras iniciais;
- (2) participação oral e tomada de notas durante as aulas;
- (3) participação na resolução de exercícios;
- (4) elaboração da exposição e dos textos literários e não literários necessários;
- (5) presença e participação ativa durante as aulas;
- (6) construção de textos expositivos e argumentativos;
- (7) participação colaborativa nos trabalhos em grupo.

Definidos alguns elementos essenciais da avaliação, o professor pode, durante todo o processo de planejamento e execução da sequência de atividades, intervir para que a aprendizagem dos estudantes ocorra do melhor modo.

É difícil definir um tempo médio de duração para essa atividade, pois isso dependerá da quantidade de elementos do estudo das linguagens e de sua interface com a vida social que o professor decidir

articular. Sugerimos reservar para esse projeto quatro aulas de Língua Portuguesa por semana. Com essa carga horária é possível desenvolver o projeto em um mês.

Fazendo a síntese do que analisamos nesta seção, estruturamos, a seguir, a sequência didática proposta. Nela percebe-se a importância de que as atividades interdisciplinares associem, desde sua origem, o planejamento, o currículo e a avaliação:

Proposta didática: exposição de arte

Tema: “Conversas brasileiras”.

Componentes curriculares: Arte, Língua Portuguesa, Língua Inglesa e História (e/ou Sociologia).

Tempo de duração: dezesseis aulas, distribuídas em um mês (quatro aulas semanais).

Objetivos

- Experienciar o diálogo entre as linguagens da arte e a relação que estabelecem com a sociedade.
- Desenvolver uma exposição de arte e literatura, compreendendo as relações entre elas como linguagens e a sua relação com o contexto histórico.

Justificativas

- Ao estudar os conceitos de arte, literatura e linguagem, o estudante poderá associar os aspectos discursivos e históricos do fazer estético à prática de uma exposição de arte como evento social.
- A atividade permite, também, que os conteúdos sejam utilizados para resolver questões práticas da organização e do planejamento de uma exposição.

Competências e habilidades desenvolvidas

- Compreender e analisar processos de produção e circulação de discursos associados à produção de uma exposição de arte, em diferentes linguagens: verbal, artística, expográfica, publicitária (veja a habilidade EM13LGG101).
- Analisar diferentes visões de sociedade nos discursos associados à arte e à literatura, veiculados em diferentes mídias, ampliando as possibilidades de interpretação e intervenção crítica da/na realidade (veja a habilidade EM13LGG102).
- Analisar o funcionamento dos textos multimodais e o que eles exigem tanto de quem os lê como de quem os produz (veja a habilidade EM13LGG103).
- Produzir criticamente discursos em textos de diversas semioses, relacionando história, artes visuais e literatura (veja a habilidade EM13LGG103).
- Utilizar diferentes linguagens, observando os seus funcionamentos, para compreender e produzir textos e discursos no campo artístico-literário (veja a habilidade EM13LGG104).

Recursos didáticos

- Computador ou *smartphone* com acesso à internet.
- Impressora.
- Mobiliário da exposição (painéis e totens feitos de material reciclado).
- Cartazes e outras produções dos estudantes.

Desenvolvimento metodológico

1. Apresentação do projeto aos estudantes.
2. Formação de duplas ou trios.
3. Discussão da percepção dos estudantes sobre as relações entre literatura e arte.
4. Definição das atividades feitas pelos grupos:
 - a. selecionar um poema, a partir de uma lista previamente definida de autores que discutam diferentes questões sociais da realidade brasileira (por exemplo: Patativa do Assaré, Carlos Drummond de Andrade, Ferreira Gullar, João Cabral de Melo Neto, Jorge de Lima, Adélia Prado etc.). Nesse momento é importante disponibilizar aos estudantes diversos

poemas desses autores para aumentar ao máximo o contato deles com o gênero, para que percebam tanto as suas características como a dimensão estética presente em suas obras.

Você também pode pedir a eles que declamem ou recitem um dos poemas;

- b. compreender, analisar e discutir o contexto histórico e social da realidade brasileira presente no poema (trabalho conjunto com História e/ou Sociologia);
- c. adaptar o texto selecionado para outra linguagem artística visual (trabalho conjunto com Arte);
- d. elaborar a recriação/releitura literária, que pode seguir duas direções:
 - uma produção que, sendo original, se assemelha às ideias principais do texto-base e delas se aproxima. É o que denominamos **paráfrase**.

(Você poderá obter mais informações em: <<https://www.todoestudo.com.br/portugues/parafrase>>. Acesso em: 20 out. 2020);

- uma produção em que o ponto de vista é de teor crítico, irônico ou satírico sobre a obra original, alterando o texto original. É o que denominamos **paródia**.

(Você poderá obter mais informações em: <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/parodia/>>. Acesso em: 20 out. 2020);

- e. identificar um trecho de música em língua inglesa que dialoga com o texto que foi selecionado e produzir um texto explicando a relação entre eles (trabalho conjunto com Língua Inglesa);
- f. realizar entrevistas com os autores das obras de arte, produzindo breves vídeos ou *podcasts* que apresentem a exposição e a importância do tema abordado, elaborar roteiro da entrevista.
(Você poderá obter sugestões bem interessantes em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rvZPMj9lwyc>>. Acesso em: 20 out. 2020.)

Conteúdos de Língua Portuguesa

- a. Conceito de Literatura.
- b. Paródia e releitura literária.
- c. Relações entre produção literária e vida social.
- d. Os discursos que constroem uma exposição de arte.
- e. Entrevista em vídeo: do planejamento à realização.
- f. Gêneros discursivos trabalhados:
 - textos literários: poemas;
 - catálogo de arte;
 - entrevista (em vídeo).

EXPLORE

BAZIN, Sofia. Festival “Periferia Tem Potência” traz arte e celebra literatura nas periferias, no Galpão da Maré. *RioOnWatch*, 26 dez. 2019. Disponível em: <<https://rioonwatch.org.br/?p=44886>>. Acesso em: 11 dez. 2020.

Realizado pela Universidade Internacional das Periferias (UNIperiferias), o festival Periferia Tem Potência tem como objetivo justamente unir arte e literatura em um único evento. Em sua primeira edição, em 2019, fizeram parte da programação espaço de brincadeiras artesanais, roda de conversa, mesas-redondas, oficina de escrita, exibição de filme nacional seguida de debate, lançamentos, *poetry slam* e discotecagem.

Cartaz do festival Periferia Tem Potência realizado em 2019, no Rio de Janeiro (RJ).



REPRODUÇÃO

De olho na avaliação

Avaliação: uma questão de critérios

Como vimos ao discutir a exposição escolar de arte, a avaliação deve ser pensada em associação com o plano de aulas e o currículo. Ao planejarmos nossas atividades em sala de aula, devemos pensar também em como os procedimentos avaliativos poderão constituir parte do processo de aprendizagem dos estudantes.

A avaliação, vista como processo e com foco na aprendizagem dos estudantes, deve considerar três momentos distintos:

- a. coleta de dados;
- b. análise desses dados;
- c. tomada de decisões em virtude dessa análise.

Para esse fim, é importante estabelecer os critérios com base nos quais as produções dos estudantes serão avaliadas, bem como a finalidade da avaliação, ou seja, por que se desejam tomar determinadas decisões. A avaliação, aqui, tem como propósito a realização permanente e constante do processo de ensino e aprendizagem.

Por exemplo, ao começar um período letivo, diante de uma nova turma, é natural que o professor deseje diagnosticar as competências e habilidades que os estudantes desenvolveram ao longo de sua escolarização: a interpretação de texto, a escrita, o conhecimento linguístico etc.

Com tal fim, o educador poderá fazer ajustes em seu plano didático e pensar de forma mais adequada nas atividades que proporá.

Agora, pense nas avaliações que têm sido aplicadas na escola em que trabalha e faça anotações em seu caderno de reflexões ou em um espaço digital para que possa retomá-las e ver os progressos conquistados em suas práticas.

1. Quais foram suas boas experiências com avaliações diagnósticas?
2. Quais dificuldades você enfrenta para realizar avaliações diagnósticas adequadas?

Ao propormos uma atividade de exposição de arte aos estudantes, deparamos com, pelo menos, duas finalidades:

- o desenvolvimento de competências, habilidades e conhecimentos dentro do processo integral de ensino-aprendizagem, no qual incluímos a realização da exposição; e
- a construção da nota do estudante.

Em cada um dos casos, pretende-se identificar um aspecto diferente:

- No primeiro, precisamos de dados que revelem se o estudante desenvolveu as competências, habilidades e conhecimentos propostos para determinado período de tempo, não apenas da perspectiva cognitiva, mas também da perspectiva social e afetiva. Isto é, se ele desenvolveu os conhecimentos especificamente associados a cada componente curricular, mas também se desenvolveu habilidades previamente selecionadas, como saber trabalhar em equipe ou ser persistente.
- No segundo caso, desejamos construir um valor, uma nota, que traduza o momento da aprendizagem do estudante.

Uma nota maior ou menor para um estudante pode variar em razão de sua situação emocional (como o nervosismo, por exemplo). Assim, é importante procurar compreender a nota no contexto do desenvolvimento do estudante e tornar a construção da nota mais justa possível ao traduzir esse desenvolvimento.

Contudo, mais importante ainda é que essa coleta e avaliação de dados signifique a tomada efetiva de decisões futuras tanto sobre o currículo planejado como sobre as metodologias empregadas.

Talvez nos sintamos tentados a utilizar a nota atribuída como critério para escolher os trabalhos, ou seja, aqueles que tiveram a nota mais alta serão expostos. Contudo, os critérios podem não ser os mesmos. É importante que a expografia, que pode ser feita pelos próprios estudantes, orientados pelo professor, reflita os critérios específicos delineados pela comissão de avaliação. No entanto, isso não pode significar esconder os trabalhos considerados inadequados. O processo de avaliação que analisa integralmente os estudantes busca compreender o que levou às dificuldades identificadas e sanar essas lacunas.

Cabe lembrar que uma exposição é composta de inúmeras atividades que começam depois da escolha das obras e das quais todos os estudantes deverão participar. No caso de uma exposição com processo de inscrição livre, um estudante que não teve sua obra selecionada, por exemplo, pode participar de outra atividade, como a elaboração do catálogo ou a criação de cartazes de divulgação.

Ao refletir sobre as questões a seguir, anote suas respostas em seu caderno de reflexões ou em um espaço digital e guarde-as para consultá-las ocasionalmente no decorrer do ano e acompanhar seus progressos.

3. Como a avaliação surge no seu cotidiano de professor? Que aspectos você considera satisfatórios no fazer avaliativo? Em que aspectos poderia melhorar?
4. Como você avalia seu trabalho? O que esse processo de autoavaliação propicia para seu progresso como docente?

Considerando o que estudamos neste tema, reflita sobre a seguinte citação:

O ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora de mim. Implica na relação que eu tenho com esse mundo.

FREIRE, Paulo. Texto apresentado na abertura do Congresso Brasileiro de Leitura, realizado em Campinas/SP, em novembro de 1981. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/pdf/11617839.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2020.

Diálogos poéticos

Conhecer-se na relação com os outros: alteridade e identidade

O autoconhecimento, a valorização do diálogo com o outro e a cooperação são esforços constantes na tarefa de educar. Ao articular tais discussões aos estudos das linguagens, temos a oportunidade especial de motivar esse desenvolvimento. Sob o ponto de vista antropológico, o eu só pode ser entendido em sua relação com o outro.

A literatura, em suas diversas manifestações, revela-se uma boa oportunidade para conhecermos a nós mesmos e aos outros. Ao lermos um texto literário, nem sempre concordaremos com o posicionamento do autor. Saber lidar com outros pontos de vista, analisando os motivos históricos, sociais, econômicos etc., é uma aprendizagem importante que também se espera que seja desenvolvida no Ensino Médio, segundo a BNCC:

O exercício literário inclui também a função de produzir certos níveis de reconhecimento, empatia e solidariedade e envolve reinventar, questionar e descobrir-se. Sendo assim, ele é uma função importante em termos de elaboração da subjetividade e das inter-relações pessoais.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 503.

A leitura e a análise mais fundamentada do texto literário e de manifestações culturais é um dos pontos centrais do ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio. Muitos dos instrumentos críticos e conhecimentos próprios dos estudos literários, vindos de áreas como a teoria da literatura e a literatura comparada, por exemplo, que estudam a interpretação do texto, estabelecem importantes diálogos com os estudos linguísticos, discursivos e semióticos, como aparece nos estudos de Teun Van Dijk e Umberto Eco, na atenção aos processos ou estratégias de produção do sentido e do contexto social e cognitivo. As fronteiras entre as diferentes áreas do conhecimento nem sempre são claramente identificáveis.

VIVÊNCIA E REFLEXÃO

Leia este trecho de um poema de Manoel de Barros (1916-2014), que apresenta uma reflexão intimista sobre a identidade humana, particularmente a do poeta.

A maior riqueza do homem é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como sou – eu não aceito.
Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva etc. etc.
Perdoai
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem usando borboletas.

BARROS, Manoel de. *Biografia do orvalho*. In: BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010. p. 374.

1. O primeiro passo para compreendermos qualquer poema é valorizarmos as nossas impressões sobre o que lemos. Quais foram suas impressões sobre o trecho desse poema? Já o conhecia? Do que gostou? Anote suas respostas em seu caderno de reflexões ou portfólio digital, pois você poderá utilizar essas percepções para responder às questões 2 a 9.



REPRODUÇÃO/ODILON ESTEVES

Odilon Esteves declama um trecho de “Biografia do orvalho”, de Manoel de Barros.

ESTEVES, Odilon. *Eu penso renovar o homem – Manoel de Barros*. Vídeo (ca. 1 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=M4EsuzO9Ys4>>. Acesso em: 9 out. 2020.

Nesse vídeo, você poderá apreciar a excelente interpretação do trecho do poema realizada pelo ator mineiro.

2. A afirmação do primeiro verso do poema se assemelha a uma espécie de lei universal: “A maior riqueza do homem é a sua incompletude”. O artigo o sugere que todos os homens tem na incompletude a sua maior riqueza. Observe que o eu lírico poderia ter simplesmente afirmado: “Sou incompleto”. Ao generalizar o sentimento de incompletude como uma característica do ser humano, que construção de sentido se estabelece no poema? Você acredita que a sensação de incompletude pode ser positiva ou negativa? Explique.
3. Os estudos linguísticos nos mostram que as palavras nunca são perfeitamente sinônimas. O termo *ponto*, no segundo verso, poderia ter sido substituído por um sinônimo, mas isso implicaria alguma mudança de significado. Observe:

Nesse **ponto** sou abastado.

Nesse **sentido** sou abastado.

Ao escolher a palavra *ponto*, o eu lírico especifica exatamente em qual aspecto ele se considera abastado.

- a. Se fosse usado o termo *sentido*, qual efeito de sentido esse termo poderia atribuir ao poema?
 - b. Em que *ponto* você se considera uma pessoa *abastada*?
4. Releia estes versos:

Palavras que me aceitam como sou – eu não aceito.
 Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva etc. etc.

- a. Os versos acima explicam a incompletude do eu lírico. A repetição do conectivo *que*, além de acrescentar sonoridade ao poema, reforça uma sensação de incômodo no eu lírico. Qual?
 - b. Você acredita haver uma relação entre rotina e incompletude?
5. Observe os versos:

Perdoai

Mas eu preciso ser Outros.

Que sentido podemos construir considerando os versos anteriores do poema e o uso do conectivo *mas*?

6. O que pode sugerir ao leitor a repetição do pronome pessoal *eu* em: “Eu preciso ser Outros / Eu penso renovar o homem usando borboletas”?
7. Agora, reflita: como é a sua incompletude? Como ela se aproxima ou difere daquela expressa no poema?
8. O poeta considera a sua incompletude algo extremamente benéfico. E você? Por que a sua própria incompletude poderia ser considerada algo bom? Anote a sua resposta.
9. Comente em que dimensões você se sente incompleto e como isso se revela um benefício.

A experiência de existir

“Mas eu preciso ser Outros”

Vamos refletir sobre a relação entre o *eu* e os *outros*. Observe a reprodução da tela *Mulher de casaco verde*, do pintor August Macke (1887-1914). Perceba as cores, a luminosidade na tela e os elementos que a compõem.



MACKE, August. *Mulher de casaco verde*. 1913. Óleo sobre tela, 44 cm × 43,5 cm. Museu Ludwig, Colônia, Alemanha.

O pintor alemão August Macke, representante do Expressionismo nas artes plásticas, destacou-se pelo uso expressivo de cores marcantes e efeitos de luz em suas obras e por retratar cenas do cotidiano.

Agora, leia as questões e anote em seu caderno de reflexões ou portfólio digital suas impressões a respeito da obra.

1. Que sensações o uso das cores e da luminosidade desperta em você?
2. Observe que há uma luminosidade maior em segundo plano do que no primeiro plano, onde está a mulher. O que isso lhe sugere?
3. Repare que o artista representou as outras figuras aos pares. Qual é sua interpretação sobre isso?

August Macke revela, em sua pintura, o prazer causado pelas coisas simples, como um passeio no parque. Repare que a mulher de casaco verde olha em uma direção diferente da dos outros.

Ela é o elemento ímpar na imagem, que poderia ter sido representado interagindo com os outros, com suas diferenças e particularidades.

Refleta:

4. Se você fosse um pintor, qual tema gostaria de representar em uma tela? Por quê?
5. Com base em sua experiência de vida, por que é desafiador lidar com as diferenças entre as pessoas?

É muito comum determinadas pessoas considerarem a si mesmas e a seus valores um padrão de normalidade a ser seguido.

Esse padrão se reflete em vários comportamentos em nosso cotidiano, pois, ao fugirmos dele ou questioná-lo, é comum ouvirmos frases como “Por que você não faz como todo mundo?” ou “Todo mundo está fazendo...”. Isso demonstra a ideia equivocada de que todos se guiam pela mesma maneira de ver o mundo. As palavras e as atitudes costumam revelar nosso modo de estar no mundo e indicam para onde direcionamos o nosso olhar.

6. Que comportamentos sociais são considerados *esquisitos*, *engraçados* ou *estranhos* em sua coletividade? Como isso impacta no convívio social?

Sabemos que os outros não são mera continuidade de nós mesmos. Quando o eu lírico, no poema de Manoel de Barros, diz “Mas eu preciso ser Outros” (com maiúscula, lembra?), demonstra a consciência de que os *outros* são diferentes do *eu* e igualmente merecedores de dignidade e respeito. Mais que isso, uma leitura que podemos fazer é que o eu lírico deseja conhecer esses *outros* e renovar a relação entre as pessoas “usando borboletas”.

Simbolicamente, a borboleta é associada à beleza, à leveza e à alma humana. Por exemplo, no *Dicionário de símbolos*, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, encontramos uma explicação para essa simbologia:

Uma crença popular da Antiguidade greco-romana dava igualmente à alma que deixa o corpo dos mortos a forma de uma borboleta.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005. p. 139.

Em razão da metamorfose pela qual a lagarta passa até chegar à fase de borboleta, esta tem sido associada à transformação e à renovação da vida.

7. O professor Eric Landowski afirma:

Eu sou o que você não é, sem dúvida, mas não sou somente isso; sou também algo mais, que me é próprio – ou que talvez nos seja comum.

LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 27.

- Segundo Landowski, o fato de sermos diferentes deveria suscitar qual atitude no relacionamento com o outro?

Para Eric Landowski, o desejo de que os outros sejam como nós, para considerá-los *normais* e *parte da sociedade*, é denominado **desejo de assimilação**. Trata-se de uma tentativa de incorporar o outro em nossa visão de mundo, como se fosse parte integrante de quem somos. Esse desejo impede ao outro o direito de ser um indivíduo com uma identidade diferente da nossa.

É essa assimilação que faz com que as diferenças sejam vistas como *defeitos*. No uso que fazemos das diferentes linguagens, por exemplo, ao empregar termos como *engraçado* e *esquisito* para caracterizar determinadas pessoas, esses comportamentos podem acabar gerando *bullying*.

8. Quais expressões, comuns na região em que você vive, revelam o desejo de assimilação na fala do enunciador?
9. Há problemas de *bullying* na escola onde você leciona? Como isso costuma ser resolvido?

Existe, também, o **desejo de exclusão**, que é a atitude de rejeitar o outro, excluindo-o do convívio. As pessoas que cultivam esse desejo normalmente rejeitam os outros sem nem mesmo conhecê-los, porque não correspondem ao que elas esperam deles.

Ao longo da história, o desejo de exclusão tem provocado extremos, como o sofrimento de diversos coletivos durante a Segunda Guerra Mundial, em programas de extermínio promovidos por políticas nazistas na Europa.

O reconhecimento da diferença, isto é, de que nem todos são como eu, é a consciência da **alteridade**. É justamente nessa diferença que há entre o outro e o eu que conseguimos nos autoconhecer. O reconhecimento de que as pessoas são diferentes de nós nos motiva a reconhecer e a lidar com esse limite.

O autoconhecimento não é simples. Envolve tempo e esforço para visitarmos nossos sentimentos, desejos e raciocínios.

EXPLORE

ENCICLOPÉDIA do Holocausto. Vítimas do período nazista: ideologia racial nazista. Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/victims-of-the-nazi-era-nazi-racial-ideology>>. Acesso em: 9 out. 2020.

Saiba mais sobre a perseguição a ciganos, judeus e homossexuais ocorrida durante a Segunda Guerra Mundial como expressão do desejo de exclusão de que tratamos aqui.

CONVERSANDO COM A BASE

Das dez competências gerais da BNCC que acompanham o desenvolvimento dos estudantes desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, duas estão diretamente relacionadas ao que aqui consideramos:

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

Como vimos, o autoconhecimento é um exercício difícil, que envolve as diversas dimensões que nos constituem: física, emocional, intelectual. Contudo, esse processo de autoconhecimento envolve analisar como se dão nossas relações com o outro e como essas relações, de diferentes maneiras, constituem e revelam minha identidade. A chave é a reflexão embasada em princípios éticos, que possibilite nos identificar e lidar com nossas emoções.

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, suas identidades, suas culturas e suas potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

Abrir-se para o diálogo não violento, buscando resolver conflitos, é muito importante no cotidiano para construirmos uma sociedade justa, democrática e inclusiva. Para isso, devemos respeitar a alteridade, a certeza de que o outro tem o direito de ser diferente de nós, nos limites do respeito à dignidade da vida humana, e eliminar tanto o desejo de assimilação como o de exclusão. Isso nos obriga a pensar em como esse desenvolvimento pode acontecer em nossas aulas e motivar os estudantes para que ele ocorra.

Fazemos isso de variados modos. Por exemplo:

- a. pelos textos que escolhemos para trabalhar em aula. Os estudantes devem aprender a questioná-los, promovendo uma atitude de respeito e tolerância;
- b. pelas atividades que desenvolvemos com os estudantes, que motivem a reflexão e o diálogo com diferentes posições, promovendo a escuta e diferenciando a argumentação da simples opinião sobre um assunto;
- c. pela maneira como tratamos os estudantes e como os motivamos a tratar os demais. Nesse sentido, o professor deve ser o primeiro e principal exemplo de alguém que procura tratar a si mesmo e aos estudantes de modo ético e cuidadoso.

EXPLORE

O OUTRO. Mário de Sá-Carneiro – Adriana Calcanhotto. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zRKVQNmXr0M>>. Acesso em: 27 nov. 2020.

O poema “7”, de Mário de Sá-Carneiro, foi musicado pela cantora e compositora Adriana Calcanhotto.

O poeta português Mário de Sá-Carneiro nos faz pensar na complexidade desse diálogo entre o eu e o outro, no seu poema “7”:



UTCON COLLECTION/AM YIFOTOARENA

7

Eu não sou eu nem sou o outro
Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o Outro.

SÁ-CARNEIRO, Mário de. 7.
In: SÁ-CARNEIRO, Mário de.
Obra poética. Mem-Martins:
Europa-América, [s.d.]. p. 119.

O poema apresenta-nos o pilar de uma ponte de tédio que une o *eu* ao *outro*. No entanto, a ponte não cria ligação alguma, porque fica a meio caminho entre a realidade e a idealização. O empreendimento de construir uma ponte que una o *eu* com o *outro* para no meio do caminho.

Desejamos construir pontes diferentes, que promovam a cooperação, a alteridade e o respeito ao próximo.

10. Com base no que foi apresentado sobre alteridade, o que dizer de expressões linguísticas comuns no nosso cotidiano como “Sei exatamente como você se sente, mas...” ou “Eu entendo, mas no seu lugar eu faria...”? É possível saber exatamente como o outro se sente? É possível colocar-se totalmente no lugar do outro?

VIVÊNCIA E REFLEXÃO

Conhecer a nós mesmos é conhecer o território que nos constitui, quase como desenhar um mapa de quem somos. Um mapa que passa, constantemente, por mudanças enquanto vivemos. Em uma folha de papel sulfite, desenhe o mapa do território de sua identidade, nomeando os espaços que constituem a pessoa única que você é. Acrescente a seu mapa excertos de poemas e frases que ilustrem sua individualidade. Depois, cole-o em seu caderno de reflexões ou fotografe-o e insira-o em seu portfólio digital para que possa, daqui a algum tempo, consultá-lo e verificar o que mudou em sua vida.



ARQUIVO DA REDE JUBILEU SUL BRASIL

Integrantes do Grupo de Mulheres de Jangurussu, moradoras do Conjunto Novo Perimetral, na periferia de Fortaleza (CE), após a oficina Cartografia Social no Território apoiada pela Rede Jubileu Sul em parceria com o INegra. A oficina foi realizada em 2018 na Associação Comunitária Dom Aloísio Lorscheider.

Foco no saber disciplinar

Uma questão de estilo

Antes de iniciarmos nossa discussão, reflita:

- Como integrar os estudos de reflexão e análise linguística com a leitura e a interpretação de textos nas aulas de Língua Portuguesa?

Faça uso dessa reflexão durante a leitura do texto da tira abaixo, da personagem Armandinho, pensando em como melhorar a metodologia do trabalho com a reflexão linguística e semiótica em sala de aula. Observe:



Nossas experiências de vida, como sabemos, são construídas por meio das linguagens. De modo muito especial, pela língua materna. A esse respeito, cabe notar que podemos falar coisas muito diferentes de maneiras bem parecidas.

Em aula, é possível chamar a atenção dos estudantes para a gradação formada pelos enunciados das personagens ao se referirem à goiaba:

1. Goiabas têm larvas.
2. Algumas goiabas têm larvas.
3. Ao menos uma goiaba tem larvas.
4. Uma goiaba tem uma larva.

Comparando as frases 1 e 2, notamos que na frase 2 a presença do pronome indefinido *algumas* particulariza o sentido. Não são todas as goiabas que têm larvas, mas apenas algumas. Já comparando as frases 2 e 3, é fácil perceber que houve uma nova particularização, ou seja, estamos agora falando de menos goiabas, *ao menos uma* e não mais *algumas*. Esse processo gradativo atinge o seu ápice na frase 4, quando se diz que apenas *uma* goiaba tem *uma* larva. A introdução do numeral *uma* reforça o mesmo sentido de particularização que vai aumentando a gradação e que vem sendo construído desde a primeira fala das personagens. Os demais recursos linguísticos do texto que compõem as frases das personagens têm a mesma função.

Podemos notar esse mesmo efeito reforçado pelo jogo, presente nas frases, entre o verbo e o objeto direto, larva(s): ele aparece no plural nas três primeiras frases e no singular na última, o que mostra o auge da gradação que se faz.

Poderíamos particularizar ainda mais?

Essa é uma boa pergunta a se fazer aos estudantes. A resposta é sim, por exemplo: "Nenhuma goiaba apresenta sequer uma larva".

Por que se faz essa gradação? As diferentes frases, em gradação, reforçam a ideia de que encontrar uma larva em uma goiaba não deveria nos fazer desistir de todas as goiabas. A ideia da goiaba, nesse caso, poderia ser substituída por muitas outras, como uma primeira impressão ruim sobre uma pessoa ou algo que deu errado em uma tarefa.

A fala da última personagem acrescenta uma nova informação a respeito das afirmações das outras personagens. Ao dizer “No caso, metade de uma larva...”, Armandinho retifica o raciocínio da personagem anterior, quebrando a expectativa do leitor, construindo, assim, o efeito de humor, que remete a uma das funções sociais de uma tira em quadrinhos, que são a diversão e o entretenimento. Metade de uma larva é menos ainda do que uma larva inteira, mas sugere que a outra metade foi engolida, fato considerado desagradável e ao mesmo tempo divertido no contexto da tira.

Obviamente, esses exemplos poderiam ser aplicados a outras situações de aprendizagem, na tentativa de buscar dar sentido à análise linguística feita pelos estudantes. Aqui, buscamos compreender os estudos gramaticais a partir dos diferentes efeitos de sentido que os componentes morfossintáticos provocam na construção das sentenças e dos textos.

Observe que a análise linguística que propomos parte da realidade da circulação do gênero em sociedade, aprofunda-se nas relações morfossintáticas entre os diferentes termos que o compõem, comparando-os entre si, para reconstruir os sentidos do texto e retornar à própria realização social desse discurso.

A utilização das palavras no ato comunicativo requer o exercício de avaliação da função sociocomunicativa que queremos estabelecer na interação com o outro. Avaliar os signos que compõem os diferentes textos faz com que a produção discursiva, como vimos no tema anterior, seja uma atividade constante de curadoria dos critérios de seleção linguística.

A linguagem é um fenômeno cultural. Nossas produções, nas mais diversas linguagens, estão ligadas a fatores socioculturais e históricos e também a características que nos individualizam em nosso modo de nos expressar.

Fazer o estudante refletir sobre esse processo é uma forma de desenvolver suas competências linguísticas.

AMPLIANDO

Estilo

A reflexão que fizemos a respeito do modo específico, individual, como utilizamos a linguagem se relaciona em parte com o que denominamos **estilo**:

- ✓ estilo é uma variação formal a partir de um conteúdo (mais ou menos) estável;
- ✓ o estilo é um conjunto de traços característicos de uma obra que permite que se identifique e se reconheça [...] o autor;
- ✓ o estilo é uma escolha entre várias “escrituras” [isto é, modos de se expressar].

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: UFMG, 2001. p. 194.

VIVÊNCIA E REFLEXÃO

Agora, vamos refletir a respeito do que foi discutido sobre estilo. Leia as atividades e faça em seu caderno de reflexões ou portfólio digital as anotações que considerar pertinentes.

1. Às vezes, escutamos alguém nos dizer, por exemplo, “Você está falando como a minha mãe”. Ou seja, estamos fazendo escolhas linguísticas na construção do nosso discurso que lembram o modo de outra pessoa se expressar; no caso, a mãe do nosso interlocutor. Isso ocorre porque costumamos associar traços característicos de determinado discurso a determinada identidade.
Escolha uma pessoa (amigo, parente etc.) e procure identificar traços característicos do modo de ela expressar-se. Faça uma lista dessas características, como palavras e gestos específicos, a maneira particular de organizar as frases.
2. Agora faça o mesmo exercício proposto no item anterior, aplicando-o a si mesmo(a), isto é, faça uma lista dos traços característicos da sua própria expressão no cotidiano.
3. Essas características que analisamos sobre o estilo aplicam-se apenas à língua materna ou também podem ser encontradas em outras linguagens? Explique.

O estudo do estilo possibilita desenvolver a capacidade de compreender os efeitos de sentido de todos os discursos (não apenas da relação entre o discurso literário e a sua época de produção). Portanto, o trabalho com a literatura em sala de aula não pode ficar limitado ao estudo dos *estilos literários* ou *estilos de época*.

Estudar o estilo como efeito de sentido é analisar recorrências de procedimentos presentes em uma unidade estudada, que nos revela o recorte de uma totalidade. É a busca pelos elementos que traduzem regularidades de certo olhar sobre o mundo. Assim, ao analisar uma seleção de textos, feita segundo determinados critérios, podemos identificar dado estilo: de autor, região, época etc.

VIVÊNCIA E REFLEXÃO

Propomos a você, agora, que elabore a seguinte atividade e depois reflita sobre sua prática docente:

1. Compare novamente as diferentes frases que compõem o texto da tira em quadrinhos no início desta seção. Como você usaria o modelo proposto para trabalhar uma análise linguística em sala de aula com os estudantes? Tente elaborar uma atividade linguística em seu caderno de reflexões ou portfólio digital, partindo de um texto que você já tenha trabalhado com os estudantes.
2. O que trabalhar desse modo acrescenta a suas aulas de Língua Portuguesa?

AMPLIANDO

Estilo e gêneros discursivos

O estudante vem de uma experiência de Ensino Fundamental, em Língua Portuguesa, organizada pelo estudo dos gêneros do discurso. No Ensino Médio, esse estudo é aprofundado e ampliado pelo trabalho com as múltiplas linguagens em seus diferentes contextos de realização. Por isso, vale considerar o estudo do estilo associando-o à constituição dos diferentes gêneros do discurso nas diversas práticas sociais dos estudantes.

Tomando como parâmetro a organização das atividades realizadas pelo ser humano em esferas de comunicação, Bakhtin [...] define os gêneros como “tipos relativamente estáveis de enunciados”, sendo que eles se constituem a partir do funcionamento das esferas de atividades desenvolvidas pelos sujeitos. A linguagem, pois, assumida sob uma perspectiva enunciativa, torna-se materialidade semiótica e linguística e realiza-se em uma esfera de prática social.

Essas práticas sociais envolvem as mais diferentes situações de comunicação, que podem ir desde uma conversa informal até uma situação de absoluta formalidade. Os enunciados – sejam eles orais, escritos ou multimodais – exprimem, em certa medida, a individualidade dos sujeitos e suas idiossincrasias, mas na dependência de situações sociais concretas de enunciação [...]. Bakhtin discute o fato de que três elementos genéricos se fundem na realização dos enunciados: o estilo, o conteúdo temático e a estrutura composicional. O estilo é a “seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais” – e está indissolúvelmente ligado ao enunciado e, ao mesmo tempo, à estrutura composicional e ao conteúdo temático. [...] A estrutura composicional diz respeito à própria forma de apresentação e organização do gênero, à sua estruturação e à sua apresentação globais. Por fim, o conteúdo temático diz respeito aos efeitos de sentido, à significação do enunciado no gênero, ou seja, aos assuntos possíveis de serem abordados nos enunciados de um gênero dado.

DIAS, A. V. M.; MORAIS, C. G.; PIMENTA, V. R.; SILVA, W. B. Minicontos multimodais. In: ROJO, R.; MOURA, E. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012. p. 77-78.

As práticas sociais de comunicação envolvem diferentes linguagens, que exprimem – em certa medida, por meio de diferentes enunciados – o estilo individual dos autores. Além disso, a seleção dessa ou daquela construção linguística (lexical, fraseológica ou gramatical) está associada às condições de produção e à respectiva escolha do gênero discursivo.

De modo bem simples, sabemos que não cabe, geralmente, a um artigo científico um estilo muito pessoal, com adjetivos de juízo de valor. Isso porque o leitor de um artigo científico deseja encontrar fatos, não opiniões. O uso do presente do indicativo, por exemplo, é muito comum no texto jornalístico, visto que desse modo a notícia mantém a atualidade do fato.

O poema, contudo, aceita uma série de estratégias estilísticas que fazem os conceitos de poema e de poesia estar em permanente mudança.

Leia o que Bakhtin esclarece sobre o estilo poético:

A exigência fundamental do estilo poético é a responsabilidade constante e direta do poeta pela linguagem de toda a obra como sua própria linguagem.

TEZZA, Cristóvão. Poesia. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 20.

- Em sua opinião, o estudo de estilo, em sala de aula, pode ser aplicado a todos os diferentes gêneros discursivos ou só aos textos literários? Por quê?

Abrimos este tema com o trecho de um poema de Manoel de Barros. Agora, conforme aprofundamos nosso estudo sobre o estilo, vamos considerar este trecho de outro poema do mesmo autor e examinar alguns traços no estilo de sua produção poética:

No descomeço era o verbo.
Só depois é que o veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a
criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona
para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um verbo,
ele delira.
E pois.
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer
nascimentos –
o verbo tem que pegar delírio.

BARROS, Manoel de. Uma didática da invenção In: BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010. p. 301.

Nesse poema o eu lírico compara o “delírio do verbo” no universo da criança (que é criativo, imaginativo) ao fazer do poeta. O uso do prefixo **des-** em *descomeço* deixa-nos com uma interrogação. É a negação do começo, como em *desaparecer*? Ou é o reforço do próprio começo, como em *desinquieta* ou *destroçar*, expressões de uso coloquial, como o tom que o próprio poema apresenta? Seria, então, do anticomeço a que o poeta nos remete, ou ao mais profundo e verdadeiro começo da palavra?

O conceito de “delírio do verbo” tampouco é fácil de entender. O exemplo fornecido pelo eu lírico da criança que diz “Eu escuto a cor dos passarinhos” é explicado e ajuda-nos a compreender não apenas o comportamento infantil, mas também o próprio fazer poético: “Em poesia [...] o verbo tem que pegar delírio”.

Notamos, nesse poema de Manoel de Barros, que ele utiliza as palavras de modo específico, singular: o modo como constrói os versos, as imagens que cria pelas palavras, o uso de neologismos etc.

CONVERSANDO COM A BASE

No campo artístico-literário, a habilidade EM13LP46 sugere o compartilhamento dos sentidos construídos na leitura e na escuta de textos literários. Isso pode incluir discussões sobre o estilo presente nas obras encontradas, por meio do que analisamos neste tema. Uma estratégia é sugerir outro modo de dizer a mesma coisa e analisar se, de fato, estamos dizendo a mesma coisa. Ou seja, perguntar “O que mudou?” e discutir as diferentes respostas que surgirem.

Essa habilidade harmoniza-se bem com a EM13LP52, que propõe que os estudantes desenvolvam a habilidade de analisar obras significativas da literatura com base na estrutura da composição, no estilo e nos aspectos discursivos.

Como trabalhar o texto poético em sala de aula?

1

A primeira abordagem ao texto poético é impressionante. Assim, é sempre bom começar a discussão sobre um texto literário perguntando: “O que vocês acharam?”. Claro, as opiniões serão divergentes. Analisar as obras literárias começa por acolher essas opiniões divergentes sobre o texto lido. Mesmo as negativas. Cabe evidenciar que o leitor tem o direito de não gostar do que leu, mas também tem o direito de mudar de opinião.

2

Peça aos estudantes que expliquem o que entenderam do texto, parafraseando o que leram. As duas atividades anteriores podem ser feitas oralmente pelos estudantes com interferências do professor, sobretudo para estender, por meio de perguntas, o alcance da compreensão que tiveram.

3

Identifique, no texto lido, um elemento do poema que tenha chamado especialmente a atenção dos estudantes, como leitores, ou então que apareça repetidas vezes no poema, como um fonema ou uma palavra. Desse modo, abrimos uma porta para mergulhar na construção do sentido do poema por meio dos elementos expressivos presentes. A análise linguística desse termo deve ser feita sempre respeitando o contexto, ou seja, as construções gramaticais e linguísticas presentes no texto.

4

Ao escolher um verso que chamou a atenção por causa de determinado elemento, peça a eles que façam substituições do que aparece escrito por outros modos de dizer a mesma coisa. A pergunta que orientará a nossa investigação será: **“O que essa diferença acrescenta de sentido para o poema?”**.

5

Conforme a turma for se sentindo mais à vontade, apresentará ideias cada vez mais livres sobre a presença de determinada escolha por parte do autor. Mantenha o contexto da obra sempre presente na discussão. Agora a pergunta a ser feita aos estudantes é: **“Como essa ideia se relaciona com o sentido presente no restante do texto?”**.

6

Durante esse processo, mantenha no horizonte os contextos histórico e social de produção, visto que eles também podem funcionar como limites e instrumentos de interpretação. Assim, realize investigações sobre a época e o lugar em que o texto foi escrito e sobre quais marcas esse tempo e espaço deixaram no poema.

O objetivo principal ao ensinar literatura não é conhecer a história da literatura, mas formar leitores autônomos. Os conhecimentos históricos são um dos elementos que ajudam a construir o sentido, mas não os únicos.

Devemos estar abertos ao inesperado. Por vezes, o estudante pode encontrar nesse processo elementos que não prevíamos. O diferente nem sempre é errado, mas também não é garantia de que seja certo. O professor poderá dizer algo como: “Não pensei nisso; vamos examinar melhor”. E então, nesse momento, proceder à análise ou retornar a ela na aula seguinte.

- Viver a poesia é também experienciar o fazer poético. Com base nas análises e nos conceitos que desenvolvemos neste tema, componha um poema que esteja relacionado a alguma característica de sua personalidade.

Práticas interdisciplinares

Antologias em ambiente escolar

Na ocasião da passagem do século XX para o XXI, muitas antologias foram publicadas para celebrar o encerramento do século. Circularam livros como *Os cem melhores contos brasileiros do século*; *Os cem melhores poemas do século*; *As cem melhores histórias eróticas do século*; *Os cem melhores contos de humor* etc.

Reunir textos – literários ou não – de um ou mais autores, segundo determinado critério, é produzir uma **antologia**. Geralmente, as antologias apresentam um texto complementar explicitando os critérios de seleção dos textos, como informações biográficas e estilísticas dos autores que as integram.

Como as antologias estão muito presentes no contexto escolar, podemos também usar esse recurso para idealizar uma proposta de sequência didática ou projeto para os estudantes. O processo de realização desse trabalho pode centrar-se no diálogo e na cooperação interdisciplinar. As coletâneas realizadas pelos estudantes em pequenos grupos possibilitam um importante processo de aprendizagem e desenvolvimento de habilidades, de acordo com os objetivos propostos pelo(s) professor(es).

Para que você possa mobilizar práticas do universo digital com os estudantes, a antologia pode ser elaborada em forma de *blog*, o que possibilitará a circulação real dos trabalhos no meio digital. Existem à disposição na internet muitos tutoriais que ensinam como construir *blogs* gratuitos. Também é possível que os estudantes já saibam os caminhos necessários para a construção desse ambiente. A atividade pode ser feita interdisciplinarmente, envolvendo diversos professores da área de Linguagens e suas Tecnologias.

Quais são os procedimentos necessários para que os estudantes possam organizar e produzir uma antologia?

Inicialmente, deve-se definir o **leitor visado**, ou seja, a quem se destinará a antologia. Discuta com os estudantes o contexto de produção dessa antologia. Recomenda-se a seleção de uma das diferentes juventudes presentes na localidade em que a escola está inserida. A escolha do leitor poderá ser feita pelo professor ou pelos próprios organizadores. Quanto mais próximo o leitor visado estiver do perfil dos organizadores da antologia, melhor. Traçar o perfil desse leitor auxiliará no processo interativo a que se destina a produção do texto.

É importante desfazer a ideia de que o trabalho se destina a “agradar ao professor”, caso contrário, a escolha de um perfil leitor terá pouco efeito. O melhor modo de desfazer esse equívoco é evidenciar, na apresentação do trabalho, os critérios pelos quais a atividade será avaliada.

Os critérios de seleção das obras podem ser: um período de tempo, por exemplo, o século XX; um período literário, como o Romantismo na América Latina; um tema: a mulher, o trabalho ou as linguagens; determinado gênero: contos de humor ou *haikais* etc. Podem-se fundir critérios, como a condição da mulher no século XIX. Ao estabelecer critérios em interface com outros componentes curriculares, o trabalho ganhará dimensão interdisciplinar. Discuta os diversos temas com os estudantes, para que eles encontrem um com o qual efetivamente gostariam de trabalhar e se sintam motivados.

É importante pensar nos diferentes textos que comporão o *corpus* da antologia. Por exemplo, caso a escolha seja “os artistas do Modernismo”, estarão englobados não apenas artistas da literatura, mas também os das diversas linguagens da arte, como a pintura, a fotografia e a música. É adequado definir um número mínimo e máximo de cada uma das obras presentes, bem como outros critérios de organização do trabalho.

Para a elaboração do *blog*, os estudantes deverão pensar em um *layout* adequado ao público com que desejam interagir. Essa é uma boa ocasião para analisar aspectos gráficos, como a cor, a forma e o tamanho das letras, e a construção do sentido no texto. A presença de diferentes mídias também pode ser estudada, analisando-se os efeitos de sentido que a construção de uma antologia pode produzir.

Além da construção do *blog*, a proposta de elaboração de uma antologia envolve a produção de outros gêneros que a compõem, tais como: apresentação, sumário, textos explicativos sobre a seleção feita e sua organização (prefácio), imagens, vídeos de apoio, resenhas críticas etc. Envolve-os nessas elaborações.

AMPLIANDO

Leitor visado e leitor-modelo

O **leitor visado** é aquele a quem se deseja destinar o texto. No entanto, nem sempre esse leitor consegue atribuir significados efetivamente à obra. Por vezes, a obra produzida está acima ou abaixo das habilidades de leitura desse leitor, que a abandona por não conseguir interagir adequadamente com ela.

Além do leitor visado, toda obra constrói um **leitor-modelo**, como o denomina o escritor e filósofo Umberto Eco (1932-2016). Esse leitor é capaz de transitar pelo texto interpretativamente, preenchendo as lacunas daquilo que não foi dito. Esse leitor consegue atualizá-lo como discurso, tornando-o uma realidade em circulação na sociedade.

O ideal é que o leitor modelo se aproxime ao máximo do leitor visado, ou seja, que o leitor idealizado pelo autor como destinatário seja de fato aquele que consegue construir satisfatoriamente os sentidos desse texto.

Quando os estudantes utilizam as dimensões verbal, sonora e visual em suas produções, eles têm a oportunidade de desenvolver estratégias multissemióticas de leitura e produção de textos. Para isso, é necessário que o estudante seja paralelamente introduzido em uma dinâmica de reflexão sobre os elementos pertinentes dessas linguagens.

A interdisciplinaridade é aqui considerada a partir de colaborações diferentes entre os componentes da área de Linguagens e suas Tecnologias. Devem ser discutidos os modos diversos como tais componentes podem participar na produção de um trabalho interdisciplinar sem que sua atuação pareça forçada ou desnecessária.

Considerar o *blog* como evento exigirá planejar também seu lançamento nas redes sociais. Deve-se pensar em como o leitor visado da antologia tomará conhecimento dela e como poderá acessá-la. O lançamento pode ser feito por uma breve apresentação nas mídias digitais (por meio de uma *live*) ou com a divulgação de material publicitário nas redes sociais às quais os estudantes têm acesso. As oportunidades são muitas, e cabe aos professores planejar o evento de acordo com o momento de aprendizagem dos estudantes.

Pode-se realizar também um evento presencial que envolva convidados, como familiares e estudantes de outras turmas. Nesse caso, circularão outros gêneros discursivos, como cartazes de publicidade, que podem ser afixados na escola. Esses diferentes gêneros exigirão a atenção integrada dos componentes curriculares da área de Linguagens e suas Tecnologias, para que a atividade atenda aos objetivos pedagógicos selecionados previamente.

Os estudantes também podem ser estimulados a escrever uma **sinopse** do *blog* para divulgar nas redes sociais. O professor de Língua Inglesa poderá propor uma atividade similar, que não precisa ser a simples tradução da que foi feita em português, para ser divulgada em outros espaços digitais.

AMPLIANDO

Sinopse

Trata-se de uma descrição sintética da ideia de um produto cultural (filme, livro, espetáculo, peça de teatro etc.). A intenção é resumir para os leitores as principais informações da obra, motivando-os a conhecê-la. Por essa razão, uma sinopse deve mostrar todo o potencial do produto cultural que divulga, pois dela dependerá a motivação do leitor para conhecer o texto que lhe deu origem. Devido à sua finalidade, ao mesmo tempo de sintetizar um outro texto e motivar a sua leitura, a sinopse deve ser cuidadosamente planejada.

Para integrar a elaboração da antologia com outros componentes da área de conhecimento de Linguagens e suas Tecnologias, pode-se estimular os estudantes a produzir vídeos de danças de rua ou outras expressões corporais que estabeleçam diálogo com os textos da antologia e fotografias ou desenhos que possam interpretar o tema das obras que fazem parte da coletânea.

O importante é que a integração não pareça forçada. Assumir um olhar interdisciplinar é enxergar possibilidades de conexão entre os saberes, pois a vida exige inter-relacionar diferentes compreensões cognitivas, emocionais e de outros saberes que se integram. É preciso facilitar o trânsito entre as linguagens para criar uma interlocução entre elas e gerar aprendizagens mais amplas.

VIVÊNCIA E REFLEXÃO

Agora reflita sobre a possibilidade de incluir uma atividade interdisciplinar de elaboração de uma antologia em seu planejamento escolar e faça anotações em seu caderno de reflexões ou portfólio digital para retomar essas ideias quando achar conveniente.

1. O que é necessário para que você integre em seu planejamento uma atividade de elaboração de uma antologia pelos estudantes?
2. Quais habilidades, de acordo com a BNCC, os estudantes podem desenvolver em uma atividade como essa?
3. Quais desafios você consegue prever na realização dessa atividade?
4. O que você pode fazer para enfrentar esses desafios?

CONVERSANDO COM A BASE

A valorização do diálogo e da cooperação entre professores e estudantes é um esforço constante na tarefa de educar. Ao articular tais discussões aos estudos das linguagens, temos uma oportunidade especial de motivar esse desenvolvimento.

Entre as muitas vantagens que a elaboração de uma antologia com os estudantes propicia, podemos citar o fato de ela possibilitar a interface com praticamente todas as habilidades propostas para Língua Portuguesa na BNCC. A escolha de determinadas habilidades dependerá do foco que o professor deseja priorizar na elaboração da atividade.



Após decidirem os critérios de seleção dos textos que vão compor a antologia, os estudantes terão de fazer diversas pesquisas para selecioná-los.

De olho na avaliação

Avaliação e planejamento – competências e habilidades

Antes de iniciar nossa discussão sobre a avaliação, reflita sobre as seguintes questões.

1. Como aliar o desenvolvimento de competências e habilidades à sua rotina de trabalho?
2. Que relações podemos estabelecer entre avaliação, competências e habilidades?

Nos últimos anos, temos observado que políticas educacionais têm sido implantadas no Brasil com o objetivo de tornar o ensino-aprendizagem menos conteudista e fragmentado e mais focado em desenvolver cidadãos que possam enfrentar os desafios do mundo contemporâneo. Nesse contexto, a homologação da BNCC veio fortalecer esse propósito de desenvolver competências e habilidades, a fim de que os estudantes possam ser capazes de resolver conflitos e problemas cotidianos, ter protagonismo nas decisões, liderar, conviver com as diferenças e utilizar seus conhecimentos para participar de uma vida cidadã responsável e ativa.

Isso não significa, contudo, que os conteúdos disciplinares tenham sido deixados de lado. Ao contrário! Se os conteúdos escolares tendiam a ser vistos como fim em si mesmos, agora eles se aliam às competências e habilidades e à discussão de atitudes e valores para promover uma aprendizagem mais significativa para os estudantes e com maior qualidade. Em outras palavras, os conteúdos estão a serviço do desenvolvimento das competências e habilidades, como instrumentos para a compreensão dos conhecimentos relevantes no mundo e para o desenvolvimento dos estudantes como indivíduos, cidadãos e profissionais.

A BNCC propõe uma série de competências e habilidades que se constituem em direitos de aprendizagem, isto é, o estudante tem o direito de desenvolvê-las até o término do Ensino Médio.

As diversas ações para que o ensino se traduza em aprendizagem precisam ser complementadas pela avaliação e pelo desenvolvimento do estudante. Avaliar é visto como um conjunto de recursos e processos que o professor utiliza com base na observação e na gestão da aprendizagem dos educandos, visando ao desenvolvimento de competências e habilidades que garantam a devida formação dos estudantes.

O professor, por meio dos resultados das diferentes avaliações, pode, assim, tomar decisões bem fundamentadas, não para “melhorar a nota”, mas para que o estudante se desenvolva de maneira eficaz. Nesse sentido, desenvolver-se é tanto um direito quanto uma necessidade de quem aprende. Se o aprendizado no ambiente escolar não possibilita o efetivo desenvolvimento cognitivo, emocional e social, devemos questionar sua validade.

Alguns confundem competências com habilidades e usam indistintamente os termos, como se expressassem um único conceito. As competências referem-se às operações mais gerais do indivíduo, nos níveis cognitivo, afetivo e social. Quando as competências são aplicadas ou associadas a certos contextos, precisam ser especificadas por meio de habilidades, isto é, esquemas de ação simbólicos ou operatórios que possibilitem a expressão de determinada competência.

Por exemplo, interpretar um poema é uma competência. Identificar as ideias principais, identificar elementos expressivos do poema e relacionar as ideias principais a esses elementos expressivos são três habilidades que fazem parte dessa competência.

Podemos entender competência como a mobilização de conceitos e procedimentos de maneira reflexiva. O estudante precisa ter conhecimentos, mas também compreendê-los e refletir sobre eles, a fim de articulá-los com outras aprendizagens que fazem parte de sua identidade. A aprendizagem deve promover o desenvolvimento integral do estudante, nas dimensões cognitiva e socioafetiva.

Demonstrar uma atitude de reflexão não se reduz a aplicar rotineiramente uma fórmula ou um método, mas supõe que o estudante tenha desenvolvido a capacidade de adaptar-se às mudanças, aprender com a experiência e pensar e agir a fim de avaliar os próprios êxitos e erros.

Ensinar e avaliar são estratégias que têm como objetivo o aprendizado e o desenvolvimento do estudante. A avaliação funciona como um termômetro que mede o nível de aprendizagem e desenvolvimento.

Com que objetivos usamos o termômetro? Para medir a temperatura. E por que fazemos isso? Para tomar decisões e executar as ações mais adequadas, de acordo com o resultado. Do mesmo modo, resultados preocupantes em um processo avaliativo devem ser um alerta para executar ações que promovam o devido aprendizado e o desenvolvimento dos estudantes.

Além das ações executadas depois de a avaliação ter identificado os problemas de aprendizagem dos estudantes, temos de pensar no próprio “termômetro” que utilizamos, isto é, a avaliação.

Avaliar para medir conteúdos que o estudante consegue explicar é diferente de avaliar o desenvolvimento de competências e habilidades. Trata-se, nesse caso, de um processo mais complexo de avaliação. Aqui discutiremos diversos procedimentos que garantem a avaliação de competências, habilidades e atitudes, visando à tomada de decisões que efetivamente promovam a aprendizagem e o desenvolvimento dos estudantes.

Para refletir sobre a prática da avaliação em seu trabalho docente, responda às questões a seguir e avalie esse processo. Se quiser, faça anotações em seu caderno de reflexões ou portfólio digital para consultá-las posteriormente e acompanhar seus progressos.

3. Pessoalmente, o que pensa da avaliação escolar?
4. Identifique uma avaliação escolar promovida por você da qual teve orgulho profissional. Por que você se orgulha dessa avaliação?
5. Que dificuldades enfrenta, como professor, para fazer um processo de avaliação mais eficiente?
6. Como você tem superado essas dificuldades?
7. Retorne às duas questões com que abrimos esta seção. Depois dessa análise, como você responderia a elas?
8. Avaliar o desenvolvimento de determinada competência ou habilidade é desafiador. O ponto de partida é compreender o que a competência e a habilidade pretendem que o estudante tenha desenvolvido. O verbo que inicia a competência ou a habilidade revela a ação que se espera do estudante (analisar, identificar, fruir, relacionar), depois os conteúdos com os quais esse estudante deve demonstrar o desenvolvimento de sua habilidade.

Recorra à BNCC do Ensino Médio e selecione uma habilidade da área de Linguagens e suas Tecnologias ou uma habilidade específica de Língua Portuguesa. Pense em como você avaliaria essa habilidade para identificar o nível de aprendizagem dos estudantes.